

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO
MOVIMENTO HUMANO

**POLÍTICAS DE LAZER PARA OS IDOSOS NA REGIÃO DO
VALE DO TAQUARI: UM ESTUDO DESCRITIVO DOS GRUPOS DE
CONVIVÊNCIA E BAILES DA TERCEIRA IDADE**

Alessandra Brod

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano, sob a orientação do Professor Doutor Alberto Reppold Filho.

Orientador: Dr. Alberto Reppold Filho

Porto Alegre, novembro de 2004

CATALOGAÇÃO NA FONTE

B864p Brod, Alessandra

Políticas de lazer para os idosos na Região do Vale do Taquari: um estudo descritivo dos grupos de convivência e bailes da terceira idade / Alessandra Brod. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

135 p.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

| 1. Recreação - Idoso. 2. Terceira idade - Dança.
3. Terceira idade - Atividade física. 4. Envelhecimento - Gerontologia I. Título.

CDU: 793-053.9

AGRADECIMENTOS

Passaram-se dois anos e seis meses de estudos, buscas, viagens, cansaços, alegrias, emoções diversas. Olho para trás e vejo a loucura que enfrentei no dia a dia. Em 2002, entrava no ônibus às 6h da manhã, ia a Porto Alegre, voltava para Lajeado às 12h15 min, para assumir outras atividades: o Grupo de estudos, a turma de atividade física para a terceira idade, reuniões diversas, na UNIVATES, e, à noite havia aula na graduação. Fazia essa maratona 3 a 4 vezes semana. Em 2003, passei em todos os municípios da Região do Vale do Taquari. E, em 2004, passei vários sábados em bailes da Terceira Idade. Conheci pessoas maravilhosas. Escutei diversas histórias, piadas e também queixas também. Nesse momento quero agradecer à todas as pessoas que me auxiliaram, dispondo-se a participar desta pesquisa...

Ao Adriano, que viveu comigo todas minhas angústias e estresses, pela sua compreensão, carinho e apoio.

Ao meu pai Adalberto e à mãe Eliana, pelo seu carinho, incentivo e educação que me deram até o momento. Hoje sou o que sou por vocês. Amo vocês.

Às minhas irmãs, pela amizade, carinho e “puxões de orelha”!!!

A toda minha família, tios e tias, primos e primas, que torcem e rezam por mim. Em especial, à tia Dione, pelo seu incentivo, carinho e dedicação que tem por todos os seus sobrinhos.

Aos meus amigos e amigas, pelo apoio e amizade.

Aos colegas da UNIVATES, Atos, Derli, Silvane, Carla, Cristiane, Lauro, Márcia, Clairton, Arlete, e, em especial, ao Fabiano e a Eneida, pelas suas contribuições para esta pesquisa.

Aos alunos da Educação Física e da Pedagogia, em especial à Ana Júlia pelo seu apoio e dedicação.

A UNIVATES, pelo seu apoio e incentivo aos professores no aperfeiçoamento, pesquisa e extensão.

A todos os municípios do Vale do Taquari que me receberam de braços abertos, em especial às primeiras damas e coordenadoras dos grupos de convivência, pela disponibilidade e informações prestadas.

A todos os idosos com quem conversei, e que me auxiliaram de alguma forma.

Aos colegas do pós, com quem dividi muitas dúvidas e angústias.

Aos professores do pós com quem tive o privilégio de conviver e de aprender.

Ao pessoal da secretaria, o André, a Ana e a Rosane, pela amizade e disponibilidade de resolverem nossos “problemas”.

Ao meu orientador Betão, pela oportunidade de realizar este mestrado.

Ao Sérgio Antônio Carlos, pela sua disponibilidade e incentivo.

A todos os colegas das IES com ações voltadas ao envelhecimento, pelo apoio, dicas e estímulo.

Enfim, meu carinho e admiração a todos. Muito obrigada! Vocês não passaram pela minha vida por acaso!

RESUMO

O presente estudo, uma investigação de natureza qualitativa do tipo descritiva, possui o tema das políticas públicas de lazer para os idosos na Região do Vale do Taquari. Trata-se de uma pesquisa realizada nos 37 municípios desta região. Procuramos compreender, descrever e analisar as políticas, projetos e atividades de lazer desenvolvidos para os idosos. A pesquisa de campo teve duração de 10 meses. No primeiro momento realizamos contato com as coordenadoras municipais dos grupos de convivência para idosos. Neste, realizamos entrevistas semi-estruturadas e coletamos documentos oficiais. Num segundo momento, participamos de 8 bailes na região. Realizamos entrevistas semi-estruturadas com coordenadores dos bailes, com idosos participantes e registrando observações em diário de campo. A triangulação das informações obtidas pelas entrevistas, documentos, diário de campo e referencial teórico, permitiram analisar, categorizar e descrever os grupos de convivência e bailes. Sendo estes as principais atividades de lazer para os idosos desta região. Destacamos que essas atividades são necessidades que se criaram, e que precisam ser desenvolvidas através de políticas públicas. O planejamento e a definição de diretrizes municipais são fundamentais para sua continuidade.

Palavras-chave: política pública, idoso, envelhecimento, lazer, grupos de convivência, baile.

ABSTRACT

The present study, an inquiry of qualitative nature of the descriptive type has the subject of the public politics of leisure for elders in the Region of the Vale do Taquari. This research was carried through in the 37 cities of this region. We tried to understand, to describe and to analyze the politics, projects and developed activities of leisure for the elders. The field research had the duration of 10 months. At the first time, we contacted with the elders groups's coordinators. Then, we carried through half-structuralized interviews and collected the official documents.

Secondly, we have been in eight elder's balls in the region. We made interviews half-structuralized with coordinators of the balls, participants and registered daily field. The triangulation of the information obtained from the interviews, documents, field research and theoretic references, had allowed to analyze, to categorize and to describe the groups of elders and balls. These kind of activities are the main source of leisure for the elders in this region. We detach that these activities are really needed, and that they may be developed through public policies. The planning and the definition of municipal lines of direction are basic for its continuity.

Keywords: public politics, elders, aging, leisure, groups of *convivência*, ball.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	9
LISTA DE QUADROS	10
LISTA DE FIGURAS	11
1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO	12
1.1 Introdução	12
1.2 O crescimento da população idosa	14
1.3 Perfil sócio econômico do idoso do Vale do Taquari.....	17
1.4 Estrutura do trabalho.....	19
2 DIMENSIONANDO O LAZER DO IDOSO	21
2.1 Concepções de lazer	21
2.2 Lazer do idoso.....	28
3 DIREITOS DOS IDOSOS E POLÍTICAS PÚBLICAS DE LAZER	33
3.1 Os Direitos sociais e as políticas públicas	33
3.2 Os direitos dos idosos.....	40
3.3 Políticas públicas de lazer.....	49
4 METODOLOGIA	55
4.1 Instrumentos de pesquisa	56
4.1.1 Entrevistas	56
4.1.2 Análise de documentos.....	58
4.1.3 Diário de campo e documentação fotográfica	59
4.2 O Processo de categorização das informações.....	60
5 GRUPOS DE CONVIVÊNCIA DA REGIÃO DO VALE DO TAQUARI	63
5.1 Caracterização dos GCs	64
5.1.1 Participação efetiva dos idosos e frequência dos GCs	64
5.1.2 Estrutura organizacional	68
5.1.3 Perfil dos coordenadores e equipe de trabalho	70
5.1.4 Peculiaridades do dia-a-dia	72

5.1.5 Recursos financeiros	75
5.2 Atividades de desenvolvimento humano	77
5.2.1 Espiritualidade.....	77
5.2.2 Palestras	80
5.2.3 Trabalhos manuais.....	82
5.2.4 Hora do lanche	85
5.2.5 Coral e grupos de danças	86
5.2.6 Teatro.....	87
5.3 Atividades de educação física.....	88
5.3.1 Exercícios físicos	88
5.3.2 Dinâmicas de grupos e recreação.....	90
5.3.3 Dança.....	92
5.3.4 Atividades livres	94
5.4 Atividades de integração social.....	95
5.4.1 Campanhas sociais.....	95
5.4.2 Projetos sociais	96
5.4.3 Eventos festivos	98
6 BAILES DA TERCEIRA IDADE	102
6.1 Organização dos bailes.....	104
6.2 Desenvolvimento dos bailes.....	106
6.2.1 Particularidades dos bailes	108
6.2.2 Lazer e divertimento.....	109
6.2.3 Integração social	113
6.2.4 Saúde e bem-estar.....	117
6.3 Resultados dos bailes	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS DE PESQUISA	122
REFERÊNCIAS	130
ANEXOS.....	137

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Percentagem da população total mundial, por faixas etárias específicas	157
TABELA 2 - População total, população total de idosos por faixa etária e por sexo do Brasil.....	158
TABELA 3 - Estimativa por município, sexo, Rio Grande do Sul – 2003	159
TABELA 4 - Estimativa da população idosa, por município, sexo, Rio Grande do Sul	160
TABELA 5 - Taxas totais do Brasil de fecundidade, mortalidade, natalidade e esperança de vida ao nascer.....	161

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Datas e turnos de visitas realizadas, por município	161
QUADRO 2 - Datas de participação de bailes, número de participantes, por município, números de idosos entrevistados nos bailes, por sexo, por município.....	162
QUADRO 3 - Documentos entregues por município.....	163
QUADRO 4 - Número de GCs e população participante por município.....	162
QUADRO 5 - Número de eventos e excursões realizados, por município	100
QUADRO 6 - Número de bailes realizados, por município	103
QUADRO 7 - Municípios visitantes, por baile, por município	119
QUADRO 8 - Quantidades de bebidas e comes consumidas nos bailes, por município.....	120

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Gráfico de freqüência dos GCs realizadas nos municípios	66
FIGURA 2 – Foto das gildas – Fazenda Vilanova – 12/05/04.....	105
FIGURA 3 – Foto do Rei e da Rainha - Arroio do Meio – 03/04/04.....	106
FIGURA 4 – Foto da cerimônia de abertura – Arroio do Meio - 03/04/04	107
FIGURA 5 – Foto de idosos na mesa - Arroio do Meio - 03/04/04	110
FIGURA 6 – Foto de idosos em momento de divertimento – Muçum – 21/02/04	110
FIGURA 7 – Foto dos músicos que sobem nas mesas – Lajeado – 20/03/04	111
FIGURA 8 – Foto dos grupos dançando fora da pista – Lajeado - 20/03/04.....	112
FIGURA 9 – Foto das idosas abraçadas – Lajeado - 20/03/04	113
FIGURA 10 – Foto dos idosos dançando em roda – Colinas – 06/03/04.....	114
FIGURA 11 – Foto das idosas dançando – Lajeado - 20/03/04	115
FIGURA 12 – Foto do casal de idosos – Muçum –21/02/04	116
FIGURA 13 – Foto de idosos bebendo cerveja – Forquetinha – 13/03/04.....	120

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

1.1 Introdução

Essa dissertação tem por objetivo, identificar, descrever e analisar as políticas, os projetos e as atividades de lazer promovidos para os idosos nos 37 municípios da Região do Vale do Taquari (RVT), no estado do Rio Grande do Sul.

Desde 2000, o Centro Universitário do Vale do Taquari – UNIVATES desenvolve um trabalho integrado com o CODEVAT – Comissão de Desenvolvimento Regional –um órgão do Governo do Estado responsável pelo desenvolvimento da RVT. Participam desta parceria diversos setores da UNIVATES. O Curso de Educação Física, através do Grupo de Estudos sobre o Envelhecimento, realiza reuniões com as coordenadoras dos grupos de convivência da terceira idade e primeiras damas dos municípios desta região, com o intuito de discutir assuntos de seus interesses e auxiliar no desenvolvimento de projetos para o atendimento idosos.

Ao longo destes encontros, surgiu a curiosidade e o desejo de conhecer, com maior profundidade as políticas de atividades de lazer para os idosos nessa região. Como não encontramos estudos ou dados relativos a essa temática, na região, partimos em busca de respostas para as seguintes questões norteadoras que definem o problema desta pesquisa: existem políticas de lazer promovidas para os idosos na Região do Vale do Taquari? Quais são os projetos e atividades de lazer desenvolvidos para essa população na região?

O conceito de idoso envolve múltiplas dimensões, entre as quais ressaltamos a biológica, a cronológica, a social, a demográfica, a econômica, a cultural, a psicológica, a ideológica e a política. Na lei n^o 10.471, de 01 de outubro de 2003, que instituiu o Estatuto do Idoso, consta, em seu art. 1^o que, “é instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos”. A idade estabelecida nesta lei já constava na lei n^o 8.842, de 04 de janeiro de 94, que instituiu a Política Nacional do Idoso (PNI). Para fins desta pesquisa, utilizaremos o estabelecido nessas leis, uma vez que regulam a redação de projetos e programas que atendam a esse segmento social. (BRASIL, 2003; BRASIL, 2001)

Além do estatuto do idoso, a PNI, ainda em vigor, define as diretrizes e os princípios para a construção de projetos e programas para essa população. Um de seus objetivos específicos é “financiar e apoiar programas e projetos estaduais e municipais que visem à melhoria da qualidade de vida da pessoa idosa e proporcione sua integração à comunidade” (1997, pg.14). No Rio Grande do Sul, está em vigor a LEI N^o 11.517 que institui a Política Estadual do Idoso (PEI). No seu art.4^a define as diretrizes estaduais. O item II deste artigo recomenda a “promoção de melhor qualidade de vida, através do incentivo à formação de grupos sociais e associações representativas de idosos, em todos os municípios do Estado” (2000, p. 1). Essas leis são instrumentos que garantem a cidadania dos idosos.

Com base nesses documentos, os governos municipais puderam formular e implementar programas e projetos que contemplassem a cidadania do idoso. Nessa pesquisa, aparecerão os projetos apoiados pela PNI e PEI. (BRASIL, 1996, 1997, 2001; RIO GRANDE DO SUL, 2000).

1.2 O crescimento da população idosa

O aumento da população idosa é, hoje, um fenômeno que ocorre tanto nas regiões mais desenvolvidas, como nas menos desenvolvidas do planeta. A população mundial é estimada em mais de seis bilhões de pessoas, sendo 646 milhões com mais de 60 anos. Esta estimativa representa um idoso para cada dez pessoas. Esse número é acrescido, a cada ano, em mais de 11 milhões de pessoas, 1,7%. (REVISTA DO CENSO, 2003a, 2003b; ONU, 2003b)

Em escalas mundiais, de acordo com o estudo realizado pela United Nations Centre For Human Settlements (1996), em 1975, a porcentagem da população idosa em relação a outros grupos etários específicos era de 8,5%. Em 2000, seria de 9,8%. O crescimento da população idosa tem ocorrido com mais intensidade nas regiões mais desenvolvidas. Em 1975 já representava 15,4% da população total dos países desenvolvidos, e em 2000 seria 19,2%. Nas regiões menos desenvolvidas, as estatísticas de 1975 indicavam que a população idosa representava 6,1% da população total, em 2000 seria 7,6%. Estima-se para 2025, que esses percentuais alcancem 26,4% nas regiões mais desenvolvidas, e 12,1% nas regiões menos desenvolvidas. (VER TABELA 1 EM ANEXO)

No Brasil, o crescimento da população idosa também é uma realidade. O censo realizado em 2000 apresenta dados que demonstram o processo acelerado de envelhecimento no país. De acordo com o IBGE, a população total é de cerca de 169 milhões de pessoas, sendo a população idosa estimada em torno de 14 milhões. De 1991 para 2000, o número de pessoas idosas cresceu em torno de 3.813.324. Essa população triplicou em 30 anos. Em relação à população total, o percentual de pessoas acima de 60 anos era de 5,11%, em 1970. Em 1980, esse número cresceu para 6,07%, tendo atingido, em 1991, 7,3%. Hoje, o Brasil, possui um percentual de 8,56% idosos, passando, portanto, o total da estimativa para os países menos desenvolvidos, feita pela United Nations Centre For Human Settlements, citado acima. Estimativas do IBGE indicam que até o ano de 2020, o Brasil terá atingido um percentual de 15% de idosos. (REVISTA DO CENSO, 2003b, 2003c; VER TABELA 2 EM ANEXO)

Os demógrafos afirmam que o fenômeno do aumento da população idosa no Brasil é resultado do aumento da expectativa de vida e da diminuição das taxas de natalidade e mortalidade. A expectativa de vida ao nascer, entre 1940 e 1980 aumentou 17 anos, isto é, passou de 45,5 para 62,6 anos. Em 1970, era de 54 anos e, em 2000, passou para 70,4 anos, devendo atingir os 81,3 anos em 2050. Já as taxas de natalidade em 1970 eram de 38 nascimentos por 1000, em um ano. Estas taxas diminuíram para 21,2 em 2000. Em 1970, a média de filhos por mulher era de 5,8 e, em 2000, diminuiu para 2,3. Nesse mesmo período, as taxas de mortalidade diminuíram de 9 para 6,9 por ano, para cada 1000 habitantes. (REVISTA DO CENSO, 2003b, 2003d; VER TABELA 3 EM ANEXO)

O envelhecimento populacional é consequência de mudanças na estrutura etária, pois se dá em virtude da diminuição da população jovem no total da população brasileira. De acordo com o censo de 2000 do IBGE, 30% dos brasileiros tinham de zero a 14 anos, e os maiores de 65 representavam 5% da população. Em 2050, esses dois grupos etários se igualarão: cada um deles representará 18% da população brasileira. Percebe-se também um aumento na longevidade, que é o aumento da expectativa de vida, jamais tantos indivíduos atingiram uma idade tão avançada, isso altera a vida das pessoas, a estrutura familiar e, conseqüentemente, a sociedade, provocando impacto na vida econômica, social e política de um país. A constatação de uma diminuição nas taxas de mortalidade e do avanço da expectativa de vida não implicam, necessariamente, qualidade de vida para estes indivíduos, pois surgem necessidades de seguridade social, serviços de saúde e previdência que exigem adaptação às situações novas e soluções rápidas, que nem sempre são satisfatoriamente atendidas. O número de indivíduos aposentados, em relação àqueles em atividade, também é crescente. Em 2000, o Brasil tinha 1,8 milhão de pessoas aposentadas com 80 anos ou mais; em 2050, esse contingente poderá ser de 13,7 milhões. Tais números revelam a importância cada vez maior de políticas públicas relativas à previdência e à saúde, voltadas para o idoso. (CAMARANO, 2002; COSTA, 2003; HEREDIA, 1999; REVISTA DO CENSO, 2003b, 2003d)

No Rio Grande do Sul, a população total é de 10,6 milhões, sendo a população idosa de 1,1 milhão, o que representa 10,79% da população total. Em 1970, esse percentual era de 5,77% e, em 1980, 7,2%. De 1991 para 2000, a população idosa aumentou em torno de 300 mil pessoas. Naquele ano, o percentual era de 8,9%. Acompanhando o ritmo brasileiro, o Rio Grande do Sul triplicou a população idosa nos últimos 30 anos, convém ressaltar que, neste estado, os percentuais da população idosa sempre superaram os do Brasil. Um dado interessante é que, em 1970, a diferença desse percentual era mínima, 0,66%, já em 1980, cresceu para 1,13%, em 1991 foi para 1,6% e hoje essa diferença chega a 2,23%. (FEE, 2004; REVISTA DO CENSO, 2003b, 2003d)

Na Região do Vale do Taquari, a população total é estimada em 313.656 habitantes, 2,98% da população do estado, sendo a população idosa estimada em 39.117 habitantes, o que corresponde a 12,47 % da população total da região. Os desmembramentos dos municípios, dificultam as estimativas de crescimento da população idosa em cada município, mas ele ocorre nos níveis do estado e região. Em 1970, o percentual de idosos dessa região era 6,56%; em 1980, foi para 7,3% e, em 1991 atingiu 11,68%. Já os números da população total não cresceram significativamente. Em 1970, a população total era de 229.151 habitantes, sendo o número de idosos 15.021. O número da população idosa não chegou a triplicar como aconteceu no Brasil, mas o percentual de idosos quase dobrou.

Nesta região os percentuais de envelhecimento são superiores ao do Brasil e do Rio Grande do Sul. Colinas, a cidade brasileira com o maior percentual de idosos, pertence a esta região. Cabe destacar, que nenhum dos 37 municípios da Região do Vale do Taquari apresenta um percentual de idosos inferior aos do Brasil. E, apenas três municípios apresentam percentual de idosos inferior ao do Rio Grande do Sul. (TABELA 4 EM ANEXO)

Os municípios apresentam características populacionais bastante diversificadas. Em termos de população total, Lajeado é o município com maior população, 63.072, e Coqueiro Baixo, com a menor população, 1.545 habitantes.

Lajeado apresenta o menor percentual de idosos, 9,4%. Os maiores percentuais de idosos estão em Colinas, com 21,92% e Relvado, com 21,49%.

Há 212.473 habitantes na zona urbana e 101.183 habitantes na zona rural. Considerando as características da região, é elevado o percentual médio de população no meio rural, 32,25%, quase o dobro do estadual, 18,4%. A análise individual mostra percentuais ainda maiores em muitos municípios. Temos 23 municípios com percentual acima de 50% de população no meio rural. (CODEVAT, 2004)

1.3 Perfil sócio-econômico do idoso do Vale do Taquari

A região denominada "Vale do Taquari" está localizada na região central do Estado do Rio Grande do Sul. Conta com 37 municípios, distantes em média 120 quilômetros de Porto Alegre. Ocupa 1,7% da área do Estado, com 4.839,9 Km². A região situa-se às margens do Rio Taquari e afluentes, na extensão compreendida entre os municípios de Arvorezinha e Taquari. Estende-se ao oeste, até os municípios de Pouso Novo e Progresso e, ao leste, até Paverama e Poço das Antas. (CODEVAT, 2004; MAPA EM ANEXO)

Organizada politicamente em torno de entidades como AMVAT - Associação dos Municípios do Vale do Taquari e CODEVAT - Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari, a região caracteriza-se por discutir e planejar nesses foros as iniciativas de cunho sócio-econômico e cultural de abrangência supramunicipal. (CODEVAT, 2004)

As principais atividades econômicas do Vale do Taquari são a agropecuária e a indústria. O Produto Interno Bruto (PIB) é de aproximadamente 4 bilhões de reais. O PIB per capita é de 12.232,40, superior à média per capita do estado, que é de 9,457. (CODEVAT, 2004)

A agropecuária está organizada no modelo familiar, em minifúndios, caracterizando-se pela diversidade de culturas e criações. O número de propriedades rurais no Vale do Taquari é de 35.146. (CODEVAT, 2004)

Em relação à condição de moradia, referente à população total de idosos dos municípios dessa região, os percentuais de idosos responsáveis por domicílio variam entre 44% e 67%. Já em relação aos que vivem com cônjuges, os percentuais variam de 23 a 32%. E os que vivem com parentes variam entre 8% e 30%. (REVISTA DO CENSO, 2003b, 2003d)

As condições de saneamento das residências sob a responsabilidade dos idosos dos municípios da região são classificados pelo IBGE como adequadas, semi-adequadas e inadequadas. Do total de idosos responsáveis por domicílio da região, 40% vivem em condição adequada, sendo o mesmo percentual para os que vivem em situação semi-adequada, enquanto os outros 20% vivem em situação inadequada de saneamento. Chama atenção o fato de que há 6 municípios onde não há idosos em situação adequada de saneamento. Destes seis municípios o de Sérico chega a um percentual de 76% dos idosos vivendo em situação inadequada. Lajeado é o município com o maior percentual de idosos em situação de saneamento adequada, 72%. O município de Teutônia conta com o maior percentual de idosos em situação semi-adequada, 80%. (REVISTA DO CENSO, 2003b)

A média de anos de estudo dos idosos responsáveis pelos domicílios, nos municípios dessa região, está entre 2,2 anos e 4,4 anos. Essa média reflete os percentuais de alfabetização dos idosos na região. O município que apresenta o maior percentual de idosos que sabem ler e escrever é Colinas, com 94%; a média de estudo nesse município chega a 3,8 anos. Já o município com o menor percentual de idosos alfabetizados é Pouso Novo, com 57%, sendo sua média de estudos, 2,5 anos, um dos mais baixos da região. Em relação ao percentual de idosos que não sabem ler e escrever, há 7 municípios com percentuais abaixo de 9% e 13 municípios abaixo de 19%. Nos demais, esse percentual chega a 42%. (IBGE, 2000)

Lajeado é o município com maior percentual de idosos, 11%, responsáveis pelos domicílios com média de até 10 anos de estudos. Há também uma faixa de 10% com 15 anos ou mais de estudos. Nesta caracterização, Doutor Ricardo é o município com menor média, tendo apenas 6 idosos com até 10 anos de estudos, e nenhum idoso com mais de 10 anos de estudo.

A média de rendimento nominal mensal dos idosos responsáveis por domicílio varia de, no mínimo, R\$ 277,00, município de Sério, a no máximo, R\$ 652,00, no município de Lajeado. Em apenas 25% dos municípios, a média de rendimento é superior no meio rural. O rendimento nominal mensal dos idosos da região corresponde a um percentual de 31% para os que recebem até um salário mínimo; 24% recebem de 1 a 2 salários mínimos; 11%, de 2 a 3 salários mínimos; 11%, de 3 a 5, 22% mais de 5 salários mínimos; e apenas 1% não possui rendimentos. (IBGE, 2000)

Esses dados evidenciam que os idosos da Região do Vale do Taquari vivem em melhor situação financeira nas regiões urbanas. A maioria dos idosos são responsáveis pelos domicílios onde vivem; uma minoria vive com seus familiares. Também são minoria os que não possuem um rendimento mensal. No entanto, mais da metade dos idosos da região recebem somente até dois salários mínimos. O perfil sócio-econômico da maioria dos idosos da região não pode ser considerado como estando em situação de pobreza iminente. Ou seja, a partir dos dados colhidos pode-se dizer que a região, é privilegiada no sentido de que boa parte dos idosos vive em situação satisfatória de saneamento, recebe uma renda mensal, além de uma expressiva parcela da população ser alfabetizada.

1.4 Estrutura do trabalho

O presente trabalho, se estrutura da seguinte forma: no primeiro capítulo apresentamos alguns conceitos de lazer e, procuramos dimensionar o lazer para os idosos; no segundo capítulo uma discussão sobre o papel do estado e os direitos dos idosos. Tendo em vista a recente aprovação do estatuto do idoso faz-

se necessário um estudo acerca dos deveres do Estado, para melhor definir o seu compromisso com as políticas públicas de Lazer; na seqüência, serão descritos a metodologia e os instrumentos utilizados nesta pesquisa, que, juntamente com os pressupostos teóricos, fundamentarão a descrição do objeto desta pesquisa.

Em seguida, serão descritas e analisadas as informações coletadas durante todo o processo, em dois capítulos distintos. No primeiro a descrição dos grupos de convivência (GCs); e no segundo, os bailes, para melhor compreender os significados que emergiram da coleta das informações, a organização e análise das categorias .

Nas considerações finais deste estudo, retoma-se as discussões do referencial teórico, agregando-lhes nossa compreensão a respeito da realidade estudada. É importante ressaltar que se trata de uma interpretação singular relativa aos significados descobertos nessa região.

Esperamos que as informações e as análises desta dissertação auxiliem o poder público na avaliação de seus projetos e programas de lazer para os idosos, bem como, sirvam de indicativos para a elaboração de políticas públicas e a criação, ampliação e desenvolvimento de mais projetos e programas nesta área.

2 DIMENSIONANDO O LAZER DO IDOSO

Neste capítulo buscamos dimensionar o lazer do idoso. Faremos inicialmente um estudo das concepções de lazer fundamentadas em Gaelzer (1979) Dumazedier (2001) e Marcellino (2002). Esses autores apresentam teorias diferentes, porém complementares. Além destes, procuramos outros estudos que auxiliaram a compreender a dimensão e a concepção do Lazer.

2.1 Concepções de lazer

Para Ferrari (1996), com o desenvolvimento da civilização industrial e o progresso tecnológico, o lazer é redimensionado, ampliado e valorizado. Passou a ser considerado um fato social de alta importância. Gaelzer entende o lazer relacionado ao fator tempo, como sendo

o resultado da organização social do trabalho e uma consequência da revolução tecnológica e do progresso científico. Quando o homem trabalhava 12 à 14 horas por dia, sete dias da semana, o problema do uso do tempo livre não existia. A crescente tendência de incluir férias remuneradas em contratos de trabalho aumentou consideravelmente as **horas de lazer** de grande números de trabalhadores. A conquista das oito horas de trabalho, oito horas de descanso e oito horas de lazer, preconizada na Inglaterra, em meados do século passado, marcou o início da humanização do trabalho e transformou o lazer como um fato social. (1979, p.46)

Por uma questão histórica, concepção escrita em meados do século XVIII, percebe-se que o lazer relaciona-se com a questão de tempo e trabalho. Ainda, conforme Gaelzer (1979) o lazer é a harmonia individual entre a atitude, o desenvolvimento integral e a disponibilidade de si mesmo. É um estado mental ativo, associado a uma situação de liberdade, de habilidade e de prazer.

Segundo Gaelzer (1979), além do tempo e do trabalho, o lazer envolve conceituações de atitude e de atividade. Para a autora a atitude é um elemento básico e indispensável ao lazer, pois é fundamental que o homem analise conscientemente suas formas de agir. Deve saber planejar e reservar um tempo livre, sendo imprescindível que ele saiba participar e desempenhando com desembaraço e satisfação as atividades que podem ser intelectuais, artísticas, físicas, sociais, realizadas ao ar livre ou não.

Para a mesma autora, o lazer também pode ser visto como um fim, relacionado à educação. Assim como ninguém busca a escola com interesse imediato na educação, não se buscam atividades que promovam o lazer. O interesse do lazer, pela recreação, pela aprendizagem, pela descoberta, pela convivência e pela prática nem sempre são o motivo principal da procura pelas atividades de lazer, mesmo que proporcionem, desenvolvimento integral, isto é da cultura, da saúde e da educação. (GAELZER, 1979)

Dumazedier (2002), define lazer como o que se opõe às necessidades e obrigações da vida cotidiana. A necessidade de lazer cresce com a industrialização. O excesso de trabalho leva o homem a evadir-se no seu tempo livre. Uma nova moral de felicidade se vincula: só é feliz o homem que sabe aproveitar esse tempo livre. O autor salienta, que existe uma relação dialética entre três necessidades básicas: o trabalho, o lazer e as necessidades fisiológicas (dormir, comer, etc.). No entanto, muitas vezes, uma é confundida com a outra. Por exemplo, dormir para recuperar energias após uma semana desgastante, não é lazer, é satisfação de uma necessidade fisiológica. Da mesma forma, quebrar a rotina de trabalho semanal numa empresa, trabalhando na terra nos finais de semana, pode não ser lazer, mas uma tarefa que a pessoa se impões, uma vez que é trabalho que necessita de continuidade, e gera compromissos. Nesse

sentido, o lazer pode ser visto como uma infração às disciplinas e as tarefas que o homem impõe a si mesmo, e pelas necessidades práticas de sua existência.

Dumazedier (2001), coloca que as funções iniciais do lazer são a liberação e o prazer, que se subdividem em três funções consideradas as mais importantes: função de descanso; função de divertimento (recreação e entretenimento); e função de desenvolvimento. São interesse dessa pesquisa as funções de divertimento e de desenvolvimento, que passamos a analisar.

A função do divertimento (recreação e o entretenimento) procede de uma necessidade de ruptura com o universo cotidiano, principalmente se esse é voltado para o mundo do trabalho, que leva à fadiga, à mesmice, e, conseqüentemente, ao tédio. A busca por uma complementação de compensação, de fuga, através do divertimento, para um mundo diferente, pode levar a atividades que impliquem mudança de lugar, de ritmo e de estilo de vida. As viagens, os jogos, os esportes, as atividades fictícias como cinema, teatro, leitura são alguns exemplos. (DUMAZEDIER, 2001)

A função do desenvolvimento da personalidade depende da autonomia de pensamentos e da ação humana. Ou seja, depende da iniciativa, da liberdade de escolha que o ser humano desenvolve, durante a vida, se for estimulado para isso. Dessa forma, ocorre uma participação social maior e mais livre, ocorre a prática de uma cultura desinteressada do corpo, da sensibilidade e da razão. Explicando de outra forma, podemos dizer que os pensamentos e as ações automatizadas geram rigidez de pensamento que dificilmente se adapta a novas situações. (DUMAZEDIER, 2001)

Dumazedier (2001) diz, ainda, que o desenvolvimento da personalidade oferece novas possibilidades de integração voluntária de vida em agrupamentos recreativos, culturais e sociais, tornando possível o livre desenvolvimento de atitudes e de atividades diversas, oportunizando, desta forma, novas aprendizagens, que contribuem para o surgimento de condutas inovadoras e criadoras.

As funções do lazer podem estar presentes em diversas situações, em graus variados, manifestar-se simultaneamente, ou uma de cada vez, e, muitas vezes, estão tão interpenetradas que é difícil distingui-las. Dumazedier, a partir da análise das funções, coloca a seguinte definição de lazer:

o lazer é um conjunto de ocupações, às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ,ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (2001, p.34)

Com base em Dumazedier, as atividades de lazer podem ser classificadas, de acordo com as áreas de interesse:

- a) Manuais – atividades que possuem sentido estético ou utilitário, que trazem prazer através do manuseio; bricolage, pintura, jardinagem;
- b) Intelectuais – de conhecimento, de informação e aprendizagem; leitura de livros, crônicas;
- c) Sociais – contatos com amigos, parentes, colegas de trabalho ou de bairro; é o prazer do convívio social com outras pessoas;
- d) Artísticas – campos estéticos, do belo, da emoção, do encantamento, do sentimento; teatro, cinema, exposições, musicais;
- e) Físicas– são as atividades que levam o indivíduo a conhecer novos lugares, novas formas de vida permitindo num curto período alterar a rotina cotidiana; esportes (1999 p. 138).

Analisando as idéias de Gaelzer e Dumazedier, percebe-se uma certa contradição em relação aos conceitos de lazer. Segundo Gaelzer o desenvolvimento do homem é uma conseqüência do lazer; já Dumazedier considera o desenvolvimento do ser humano como uma das funções do lazer. Compartilho as idéias de Gaelzer, pois entendo que o desenvolvimento integral pode ser visto como uma conseqüência do lazer, uma vez que as atividades são de livre escolha, não obrigatórias, e o fim é nele mesmo, quer dizer, não se buscam resultados estes aparecem por si. Se considerássemos o desenvolvimento do homem como uma função do lazer, esses resultados seriam esperados. Nesse caso, quem pode garantir que o desenvolvimento integral, de fato, ocorre?

Conceitos mais contemporâneos sobre lazer como os do sociólogo Nelson Carvalho Marcellino (2000), relacionam o lazer ao tempo e à atitude. O tempo de lazer está intimamente relacionado ao tempo das obrigações. Quando não temos as obrigações relativas ao trabalho, sobra-nos um “tempo liberado”, quando nossa atitude pode ser de lazer. Isto é a atitude de lazer se caracteriza pelo tipo de relação com a experiência de vida e a satisfação provocada pela atividade no tempo livre. A atividade que proporciona prazer para uns, pode não propiciá-lo para outros. O autor salienta também que, além das obrigações profissionais, as familiares, sociais e religiosas não podem ser consideradas como “tempo liberado”, ou disponível para o lazer. Portanto, o lazer deve ser considerado tanto pelo aspecto tempo quanto de atitude; considerá-los separadamente pode provocar uma série de equívocos.

Se entendêssemos o lazer somente como atitude, estilo de vida, ou a relação que teríamos com determinada atividade, qualquer atividade poderia ser considerada lazer, até mesmo o trabalho, pois há quem sinta satisfação e prazer, em relação ao que faz. No entanto, a grande maioria da população brasileira trabalha sob pressão, sem sentir prazer. Em nossa sociedade capitalista, o que importa é a produtividade; a obrigatoriedade é uma das características marcantes. Logo, conforme já vimos em Dumazedier essa situação é contrária ao sentido do lazer.

Da mesma forma, considerar somente o aspecto tempo, também é questionável. Que tempo é esse? Como podemos caracterizá-lo? Esse tempo pode ser do deslocamento ao trabalho? Ou os momentos de prazer proporcionados pelas obrigações familiares? Como já citado anteriormente, o tempo de lazer, ou o disponível ou o liberado, relaciona-se com o das obrigações. Ora é um, ora o outro. Quando um inicia, o outro termina. No decorrer da história, o trabalhador conquistou seu tempo disponível, mas depende da sua atitude relacional com este tempo livre para ser considerado lazer, ou não.

Marcellino (2002), compreende o lazer como a cultura praticada ou fruída no tempo disponível, de forma desinteressada. Para o autor, o caráter desinteressado é busca de satisfação em relação à situação vivenciada, sendo a

disponibilidade de tempo uma possibilidade de opção por uma atividade prática ou, simplesmente, contemplativa. Destas atividades de tempo disponível, a contemplação não pode ser confundida com a ociosidade. O ócio, visto como recuperação do trabalho, é indispensável à vida; portanto podemos considera-lo uma atividade contemplativa, de meditação, de contemporização. A ociosidade é a falta do tempo de trabalho, considerando, portanto, como destruidor da vida, negação da operosidade.

As definições de Dumazedier e Marcellino, se aproximam e se complementam. O lazer pode ser visto tanto como oposição às necessidades e obrigações da vida cotidiana, como cultura praticada ou fruída de forma desinteressada, no tempo disponível. Quando buscamos alguma opção para o nosso lazer, é necessário termos tempo disponível, vontade de fazer algo, não importando se é de forma contemplativa ou prática.

O termo “desinteressado” utilizado por Marcellino nos remete ao conceito de Dumazedier, que se refere a “dialética da vida cotidiana”. Na vida cotidiana, as tarefas se impõem a partir de interesses, geralmente profissionais, de trabalho. Ao infringirmos estas tarefas, nos colocamos em situação de lazer, de forma desinteressada, em relação à vida profissional.

As idéias de Marcellino relativas às questões de tempo e de atitude são muito similares às de Gaelzer. Os dois autores vêem como indissociáveis estes dois aspectos, quando se trata de caracterizar, estudar e analisar o lazer.

Ainda sobre a questão de tempo e atitude, Rodrigues (2000), pondera que a competitividade da sociedade industrial, o tempo cronometrado imposto no tempo de trabalho despersonalizam o homem. É no lazer que ele se liberta da fadiga nervosa e se reencontra. É o seu momento de fazer pelo prazer de fazer. De acordo com a autora, o trabalho é desgastante, não prazeroso.

Izquierdo (2003), apesar de não analisar objetivamente o lazer, apresenta noções de tempo, de atitude e de sociedade que auxiliam na compreensão da dimensão que o lazer pode ter em nossa sociedade. O mesmo autor também

analisa a relação tempo/atitude. Segundo ele hoje temos mais tempo de vida, mas a grande maioria vive correndo através do tempo. Arrumamos várias desculpas para não usufruir um tempo livre, em qualquer faixa etária. Os compromissos sociais e profissionais, as agendas lotadas tomam o tempo livre com os mais diversos tipos de atividades. Esse volume de compromissos não permite nem pensar a respeito do caos que vivemos. Além disso, a falta de tempo livre despersonaliza o homem, pois provoca a falta de sentidos, de sensações e de percepções. Para o autor, uma das soluções para esse problema é aprender a administrar o próprio tempo. Para isso duas coisas são importantes: organizar-se e saber resistir às pressões. Ou seja, saber dizer não.

A organização do tempo para Izquierdo (2003) depende das atitudes que tomamos, o que vem ao encontro das idéias de Marcellino e Gaelzer. O principal fator dessa organização é o bom senso. Não devemos assumir compromissos que excedam nosso tempo. Devemos priorizar nossos interesses e necessidades.

Outra questão interessante que Izquierdo (2003), analisa é a quantidade de informações que nos é imposta pelos meios de comunicação. Essa massa de informações modifica nossos interesses e necessidades, pois tolhe nossa capacidade de sonhar, de imaginar, de sermos nós mesmos. As pessoas acabam se valendo dos sonhos e imagens alheias, pois querem ser iguais a determinadas celebridades: fazer o que elas fazem, comer o que comem, e vestir o que vestem. Vivem num mundo de fantasia, que não é o seu. Seu tempo é preenchido com essas e outras imagens, que mostram elementos de mundos nos quais nem sempre temos interesse ou então, não temos oportunidade de visitar ou de ter.

Considerando os autores estudados, o lazer pode ser entendido como um fazer humano livre de obrigações profissionais, familiares e sociais. É considerado fonte de criação cultural, de atividades de exploração, de imaginação, de práticas esportivas, de criatividade, de arte, que persistem durante toda a vida do homem. O objetivo pode ser o divertimento, a recreação, o entretenimento, ou então, a ampliação da informação e a formação desinteressada. Pode ser visto, também, como uma forma de resgate do ser humano e de favorecimento de uma nova

socialização. Desta forma, o tempo e a atitude estão implícitos, indissociáveis na dimensão e no entendimento do lazer.

2.2 Lazer do idoso

Estudos acerca do lazer do idoso, revelam que existe uma carência nesta área. A maioria das publicações se voltam apenas para as atividades físicas e seus benefícios, não discutindo a questão do lazer propriamente dito para o idoso. A partir das considerações gerais sobre lazer, pretende-se analisar algumas questões consideradas relevantes para a caracterização e o dimensionamento do lazer para o idoso. Inicialmente serão tratadas questões relativas à aposentadoria ligadas ao tempo liberado, permitida pela sociedade e pelo mundo do trabalho, e, posteriormente será avaliada a atitude em relação ao lazer, e, por fim, o que pode ser considerado atividade de lazer para o idoso.

Para o idoso, um evento importante em sua vida é a aposentadoria. No entanto, Rodrigues e Rauth (2002), alertam que a maioria das pessoas não está preparada para essa nova situação social, pois consideram o cessamento da atividade profissional uma exclusão do mundo produtivo. Segundo as autoras,

se, de um lado, alguns vivem com um tempo de liberdade, desengajamento profissional, de possibilidade de realizações, de fazer aquilo que não teve tempo de fazer durante a vida ativa, de aproveitar a vida, de não ter mais patrão nem horários obrigatórios, por outro lado alguns a consideram como um tempo inútil, de desvalorização social, sem sentido, vazio, de nostalgia e de engodo. (2002, p. 109)

Delimitar os aspectos sociais ou as conseqüências sociais que a aposentadoria acarreta não é uma tarefa fácil. Essa tarefa depende de outros aspectos, como o econômico, o biológico, o psicológico, a relação com o meio familiar e social. Enquanto trabalhador ativo, o indivíduo domina seu espaço; o seu tempo é ritmado pelo trabalho. Com a aposentadoria, o seu espaço profissional desaparece, e o tempo muda de ritmo. O tempo, o espaço e as atitudes devem ser reorganizadas. É um período crítico, marcado pelas condições

sociais de transição entre a vida ativa e a inativa. É essencial a capacidade de adaptação do ser humano às diversas modificações que ocorrerão. Para Rodrigues, “Viver e envelhecer é saber renascer muitas vezes ao longo de uma caminhada pessoal e original”. (2000, p. 30)

A aposentadoria é influenciada pela história de vida do indivíduo; as suas atitudes e modo de viver são permeadas tanto pelas relações sociais, quanto pelas profissionais. O modo de enfrentar as perdas e de adaptar-se a novas situações são cruciais nesta fase da vida. Rodrigues (2000), diz que a aposentadoria durante muito tempo teve a conotação de “morte social”; as pessoas se recolhiam em suas residências, pois não tinham ou não viam outra opção de vida.

O tempo do aposentado, não pode ser visto somente como um tempo disponível, mas sim desocupado. Partindo do princípio que o aposentado não trabalha o tempo, que antes era ocupado pelo trabalho, se torna ocioso. Muitos ainda mantêm algum tipo de trabalho, seja remunerado, ou não. Os que continuam trabalhando possuem tempo disponível e podem optar por atividades práticas e ou contemplativas como forma de recuperação do trabalho e busca de satisfação. A ociosidade do idoso aposentado pode prejudicar a sua vida. A falta de trabalho, ou seja tempo desocupado, pode trazer problemas como a depressão e baixa auto-estima. Para evitar esses problemas, é necessário reorganizar o tempo desocupado, no sentido de mudar o estilo de vida e atitudes, buscando a satisfação e o prazer de viver. Mas cabe ressaltar que as atividades de lazer são necessárias para os idosos que trabalham ou não.

Dumazedier (1999), comenta que muitas pesquisas sobre as atividades de lazer para o idoso são interpretadas associando-as ao tédio, ao vazio, à espera de alguma coisa que “poderia compensar” o desengajamento profissional e social da vida produtiva. Na visão do autor, estas pesquisas deveriam ser interpretadas em relação às possibilidades de criação de valores novos específicos desta fase da vida e às condições necessárias para favorecê-las. Segundo dados do autor, nem todos os idosos praticam lazer social, em torno de 20 % a 30% de idosos na França e nos Estados Unidos, vivem isolados. A maioria dos idosos que se

aposentam o fazem por vontade própria, sem intenção de voltar ao trabalho. O afastamento do trabalho na maioria das vezes, também implica afastamento das obrigações familiares e sociais. No entanto, o autor salienta que, assim como ocorre o aumento de pessoas idosas no mundo, aumenta a necessidade de realizações dentro do tempo disponível, que envolvam sobretudo, fantasias, curiosidades, que não puderam ser plenamente satisfeitas no tempo de trabalho. Nem a pobreza, nem a invalidez impedem a expressão destas novas aspirações. A continuidade de atividades de lazer após a aposentadoria não é uma regra, mas muitos procuram mantê-las.

Marcellino (2000), refletindo sobre o tempo de lazer após a aposentadoria, cita como dificuldades, a perda do “papel produtivo”, pois as pessoas, de modo geral, são valorizadas ao longo da vida enquanto estão em atividade profissional, e quando cessa, ficam perdidas e são esquecidas pela sociedade. Outra questão é o “conto da aposentadoria”, que, para o autor, é a redução do poder aquisitivo e conseqüentemente, do padrão de vida. Essas condições são desfavoráveis ao clima que propicia o lazer, livre de horários ou de obrigações. Além disso, outros fatores que podem interferir são as dificuldades relativas à saúde, à locomoção e aos preconceitos em relação aos idosos. É preciso quebrar o estereótipo de “velho bem-comportado”, que “sabe o seu lugar”; são comuns os chavões “olha só que velha assanhada!”, “será que não se enxerga!”. Em virtude desse preconceito, o idoso prefere não se expor e, muitas vezes, se exclui do meio social.

Para Gaelzer (1979), os idosos desejam compartilhar sua experiência, sua energia de forma significativa. Para eles é insuportável a apatia produzida pela inatividade, uma vez que não estão preparados para gozar o tempo livre, para mudar o sentido da vida. A própria desmotivação, o “não saber o que fazer”, pode induzir o próprio idoso à exclusão social.

Para Iwanowics (2000), o trabalho é o principal processo de socialização e de organização social em diferentes áreas da vida; por isso, muitos idosos procuram ocupar-se com atividades similares à sua vida profissional. Por exemplo, os idosos que foram agricultores, continuam mantendo uma horta para consumo familiar; aqueles que foram professores coordenam grupos de

convivência; quem assume a contabilidade dos grupos de convivência é alguém que exercia a função de contador ou trabalhava em bancos. Portanto, as atividades desenvolvidas por idosos no tempo de lazer, dependem de possibilidades adequadas e acessíveis à sua participação e de hábitos formados ao longo da vida.

Aprendemos desde crianças que o trabalho é referencial no processo de integração com a sociedade. Aprendemos a nos comportar e agir, aprendemos nossos direitos e deveres sociais. Trabalhamos para transformar o meio ambiente. À medida que envelhecemos, nossos valores e perspectivas modificam-se. Os idosos sentem orgulho do trabalho, desenvolvido ao longo da vida, ou de continuarem trabalhando, mesmo que não tenham fins lucrativos. O trabalho social desinteressado pode ser considerado uma atividade de lazer. A busca da satisfação, da realização pessoal e da auto-estima, talvez esteja no prazer de passar seus conhecimentos e saberes para outros, auxiliando os que necessitam das suas habilidades. (IWANOWICS, 2000)

Como já foi enfatizado, o idoso pode aproveitar seu tempo livre das mais variadas formas. Uma das vantagens de ter mais tempo livre é que existe a possibilidade de participação em atividades de lazer quase impossíveis de serem freqüentados em outras épocas, como por exemplo os eventos sociais. Ferrari (1996) salienta como atividades sociais de lazer, os centros de convivência, os grupos de idosos, os clubes da terceira idade, entre outros similares. Estes, segundo a autora, facilitam as modificações e transformações sociais, pois, nesses centros, as pessoas se conhecem, redescobrem-se, trocam experiências, vivem, sonham, ajudam-se. Dessa forma as atividades de lazer tornam-se imprescindíveis para o bem-estar dos idosos. A autora cita as seguintes contribuições desses centros para eles:

- a) Facilitar a oportunidade grupal, de sociabilização, de participação, de vivência de manutenção dos direitos e papéis sociais;
- b) Ajudar o idoso através das diferentes atividades a vencer sua constante incapacidade para lidar com perdas múltiplas;
- c) Manter e adaptar pelo maior tempo possível a sua independência física, mental e social;
- d) Auto-estimular o indivíduo para realizar atividades visando o treinamento sensorial e o desenvolvimento da criatividade;

- e) Reconstruir padrões de vida e atividades;
- f) Avaliar o desempenho adaptativo do idoso como um dos indicadores de saúde. (1996, pg.458)

Entendemos que os centros de convivência podem ser considerados atividades de lazer fundamentais para um envelhecimento com qualidade de vida. Ferrari (1996), salienta que nestes centros podem ser desenvolvidas: a) atividades de ação social, como por exemplo, visitas e cuidados a idosos doentes, confecção de roupas, atividades em creches, escolas, etc; b) atividades culturais, como teatro, música, coral, oficina literária, etc; c) atividades de socialização, que permitem a troca de idéias, debates; d) atividades de produção, confecção de objetos, por ex.: artesanato, horticultras, criação de animais, etc; e) atividades educacionais, como palestras, filmes, informações, etc. A essas atividades acrescentamos as recreativas e físicas como alongamentos, caminhadas, ginásticas, musculação, brincadeiras, dança, jogos de mesa, esportes, excursões, festas comunitárias e bailes. As atividades diversificadas destes centros são importantes para atender as necessidades individuais e coletivas, que nem sempre são as mesmas. Poder optar por alguma atividade que lhe seja agradável, é um dos propósitos do lazer, participar de algo pelo prazer de fazer. Dessa forma as atividades diversificadas destes centros, pode ser uma atividade de lazer para alguns, mas podem não ser para outros.

De acordo com os autores citados, o lazer para o idoso é uma questão a ser pensada ao longo de todas as fases da vida, porém, ainda não se pensa no lazer como uma necessidade do homem. Por outro lado, a relação do idoso com o divertimento, a recreação e o entretenimento dependem das vivências de lazer ao longo da vida, ou seja da valorização do tempo disponível, principalmente, se sabe, ou melhor, se aprendeu a ocupá-lo de uma forma prazerosa e livre, ou se ainda necessita aprendê-lo. Ensinar o homem a ocupar o tempo livre, disponibilizar espaços, e principalmente, extinguir preconceitos em relação ao idoso, podem ser diretrizes políticas a serem traçadas. Nesse sentido, são de fundamental importância os programas e projetos que visem à educação para e pelo lazer.

3 DIREITOS DOS IDOSOS E POLÍTICAS PÚBLICAS DE LAZER

Neste capítulo procuramos definir, primeiramente, o papel do estado, discutindo os direitos sociais e sua relação com as políticas públicas. Também buscamos definições do que são políticas públicas, com a finalidade de termos clareza ao analisarmos os programas e as ações dos municípios da Região do Vale do Taquari. Por último, faremos uma contextualização e algumas considerações de políticas de lazer.

3.1 Os direitos sociais e as Políticas públicas

À medida que as sociedades evoluem, o Estado desenvolve novas formas de promoção do bem-comum. Sobre ele recai a responsabilidade pela promoção geral da educação, da saúde pública e da assistência social. A Constituição Federal estabelece as funções e formas de atuação do Estado. (FRISCHEISEN, 2000)

Segundo Lakatos e Marconi (1999), nas sociedades modernas, o Estado tem, outras funções, a de preservar os direitos individuais e coletivos, e promover o bem-estar social.

Para Teixeira apud Frischeisen,

os elementos programáticos – ideológicos de uma constituição representam e concretizam o sentido e finalidade da ação estatal, e correspondem aos chamados fins sociais do Estado, direitos e pretensões do sentido social, que conseguiram infiltrar-se nas Constituições modernas, assumindo ali a dignidade de preceitos constitucionais. (2000, p. 24)

Dessa forma, podemos dizer que o Estado de Direito é o Estado Social de Direito, pois sua Constituição assegura os direitos sociais, permitindo ao Estado promover linhas de atuação baseadas no princípio de igualdade dentro da ordem social.

No Brasil, o Estado Democrático de Direito surgiu a partir da necessidade da Constituição do Estado de estabelecer e garantir mecanismos de participação popular. De acordo com a definição da República Federativa do Brasil, contida nos arts. 1º, 2º e 3º da Constituição de 1988, citada por Freicheisen (2000), o Estado Democrático de Direito é entendido como o

que se fundamenta na soberania popular, exercida através de representantes eleitos ou diretamente, na cidadania, na dignidade da pessoa humana, nos valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e no pluralismo político, no qual vige a separação dos poderes, e que tem como objetivo fundamental a construção de uma sociedade livre, justa e solidária. (FREICHEISEN, 2000, p. 25)

O autor também cita que “o objetivo da ordem social constitucional é aprofundar o princípio da igualdade, promovendo-a através da Constituição e o não cumprimento de suas normas por parte do administrador gera responsabilidade jurídica, pois o não fazer, a omissão é inconstitucional”. (FREICHEISEN, 2000, p. 26)

Assim, os direitos individuais também são coletivos dentro da sociedade. As normas constitucionais devem evoluir com a educação do povo e com os movimentos sociais, que atribuem e modificam os significados e a compreensão dos direitos sociais. Nesse sentido, recai não só sobre o Estado, mas também sobre a sociedade, a responsabilidade pela ordem social constitucional, o que

implica compromisso com o planejamento de políticas públicas para o efetivo exercício dos direitos sociais. Fica, portanto, o Estado comprometido com os direitos do cidadão, isto é, sua omissão pode ser penalizada.

Segundo Bravo e Pereira (2002), no decorrer da história houve incompatibilidades entre os direitos individuais e sociais. Merecem atenção neste trabalho as condições de aplicabilidade e de eficácia destes dois tipos de direito. Hoje em dia os liberais dizem que os direitos sociais são de difícil concretização, pois necessitam de vultosa soma de recursos materiais e financeiros e de vontade política dos governantes. Como esses direitos só se concretizam por meio de políticas públicas, a não implementação delas os transforma em letra morta nas leis, esvaziando, inclusive, a sua condição de direito.

Nesse sentido, reforçamos que de nada valem os direitos individuais se não tiverem o suporte dos direitos sociais. O Estado deve ser permeável às necessidades sociais. Para Cunha e Cunha (2002), as políticas públicas foram criadas como resposta do Estado às demandas emergidas das sociedades, sendo elas expressão de compromisso público de atuação a longo prazo. Embora as políticas públicas sejam reguladas e providas pelo Estado, elas englobam preferências, escolhas e decisões privadas, podendo ser acompanhadas e fiscalizadas pelos cidadãos.

Cunha e Cunha (2002), salientam que antes da promulgação da Constituição Federal de 1988, o Brasil passou por uma reorganização da sociedade civil, através de diversos eventos sociais. Esse processo levou à instalação da Assembléia Nacional Constituinte, o que resultou em articulações para tentar inscrever na Carta Constitucional direitos sociais que pudessem ser traduzidos em deveres do Estado, através de políticas públicas.

Como reflexo da ampla mobilização social, a Constituição Federal Brasileira de 1988 definiu as políticas públicas, cujas linhas gerais ajudam os administradores a colocarem em prática o exercício dos direitos sociais. Além disso, preconizou que as políticas públicas tivessem a co-responsabilidade entre a sociedade civil e o poder público. Em seu art. 195, definiu o financiamento do

sistema de seguridade social, baseado no tripé previdência, saúde e assistência social, através de recursos orçamentários da União, dos Estados e dos Municípios. (AGUSTINI, 2002; CUNHA e CUNHA, 2002; FRISCHEISEN, 2000)

Por isso, podemos dizer que a Constituição compromete o Estado com a implementação de medidas para o cumprimento dos dispositivos constitucionais, verificáveis nas Políticas públicas. Estas políticas são um complexo de objetivos previamente definidos, com mecanismos possíveis e adequados para alcançá-los. As estratégias são realizadas por um grupo de pessoas para a obtenção de determinadas finalidades. (CUNHA E CUNHA, 2002; FRISCHEISEN, 2000; SEGUÍN, 2001)

Kliksberg (1998), comenta que é necessária a combinação de políticas econômicas e sociais para alavancar o desenvolvimento social. A implementação de políticas públicas implica ter acesso direto às áreas sociais para discussões; ter mecanismos organizativos que permitam a elaboração conjunta de decisões sobre planos cruciais, de acordo com variáveis econômicas e sociais; a criação de sistemas de acompanhamento em tempo real que informem continuamente sobre os impactos sociais das políticas econômicas e permitam retroalimentar o andamento do projeto em seu conjunto; gerar uma “socioeconomia”, isto é, desenhos integrados e níveis crescentes de coordenação, que não sejam apenas coordenados pela política econômica e social. Em outras palavras, o autor quer dizer que é necessário um trabalho integrado, interdisciplinar e transdisciplinar entre os que coordenam os setores responsáveis pelo desenvolvimento de políticas sociais e econômicas. Além disso, é necessário instalar sistemas que permitam o acompanhamento dos resultados da implementação das decisões adotadas e retroalimentar com eles a tomada de decisões setoriais.

Para atingir esse objetivo, Kliksberg (1998), aponta como uma das principais oportunidades de mudança, a descentralização dos serviços sociais transferindo-os para regiões e municípios. Um dos pontos positivos é a aproximação das necessidades reais da população com os programas propostos. Em nível gerencial, a eficiência se marca através de maiores possibilidades de dinamismo, flexibilidade e agilidade nas respostas. Em relação a sustentabilidade

dos programas a médio e longo prazos, è possível estimular a articulação de interesses das populações receptoras, o que favorecerá a auto-sustentação dos esforços, e, conseqüentemente, pode significar um avanço na estruturação de políticas econômico-sociais integradas em nível regional.

O autor ainda coloca que pode haver atritos, se o processo de descentralização não for claro, transparente, sendo um dos problemas principais a questão financeira. Se a descentralização dos serviços não previr mecanismos que permitam às entidades regionais ou municipais, dispor de mecanismos que possam gerar recursos necessários, o processo pode tornar-se regressivo. Outro problema na condução de uma política descentralizadora é a carência de recursos humanos qualificados, o que, segundo o autor, pode gerar um “círculo perverso”, no sentido de que delegam-se competências aos municípios, mas paira uma certa desconfiança em relação à capacidade de gestão; em vez de tentar fortalecê-la, opta-se por impedir a delegação de responsabilidades o que compromete a prestação de serviços, devido à situação de indefinição. Outro problema que pode desvirtuar o processo de descentralização são os interesses econômicos e de poder dos grupos de poder, que podem desviar os recursos na direção que lhes convier.

Uma solução apontada por Kliksberg, é que haja acompanhamento e participação intensa dos atores sociais. O envolvimento da comunidade na programação, gestão e avaliação permite estabelecer as necessidades prioritárias, possibilitando uma avaliação contínua, o que possibilita a inibição do desvio de verbas.

Séguin (2001), define política pública como o conjunto de objetivos informativos dos programas de ação governamental e as medidas executadas para atingir determinado objetivo. Para a autora, é a política governamental que estabelece um conjunto de objetivos públicos que referencia o emprego das estratégias públicas que terão repercussão na esfera privada.

Garcia apud Freicheisen conceitua as políticas públicas como “diretrizes, princípios, metas coletivas conscientes que procuram atender o interesse público e direcionam as atividades do Estado”. (2000, p. 78)

Grau apud Freicheisen as define como “a própria legitimidade do Estado Social, quer dizer, como a realização de políticas públicas que caracterizam todas as formas de intervenção do Estado, desde as de provedor, gerenciador ou fiscalizador”. (2000, p. 78)

Subiratis apud Freicheisen (2000), compreende as políticas públicas como um conjunto de decisões relacionadas com diversas situações, pessoas, grupos e organizações, desde a sua formulação, até serem postas em prática. Essa política desenvolve-se em um certo período de tempo e pode comportar diversos sub-processos.

Concluindo as reflexões, Frischeisen define as políticas públicas como sendo

aquelas voltadas para a concretização da ordem social, que visam à realização dos objetivos da República, a partir da existência de leis decorrentes dos ditames constitucionais. E, para que as leis tenham aplicabilidade, é necessário estabelecer a possibilidade de sancionar o administrador pelo seu não cumprimento. (2000, p. 81)

Belloni, Magalhães e Souza (2003), definem política pública como uma ação intencional do estado junto á sociedade. Por estar voltada á sociedade e envolver recursos sociais, os autores acreditam que elas devam ser sistematicamente avaliadas, com objetivo de avaliar a relevância, a adequação, a eficácia, a coerência, a compatibilidade, a efetividade das ações empreendidas, a descentralização e a parceria, a exeqüidade e, finalmente, se o plano ou programa, enquanto manifestação, é uma concretização de política pública.

No entendimento dos autores, é fundamental conhecer os fatores positivos e apontar os equívocos e insuficiências, buscando o aperfeiçoamento e ou a reformulação da política pública. Esta avaliação é focada no processo e nos produtos, e não pode ser confundida com acompanhamento, ou supervisão.

Lobo (2001), complementa a idéia dos autores a respeito de avaliação de políticas públicas. Para a autora, um dos principais critérios para definir se uma ação ou programa social é ou não uma política pública, é o impacto do programa ou ação na sociedade. O processo de avaliação, para o autor, deve mesclar elementos qualitativos e quantitativos. Para avaliar o impacto além dos números, pessoas e recursos envolvidos, o tempo pode ser fundamental. Alguns programas requerem um tempo mais longo para surtirem efeitos; outros, em curto espaço de tempo, já podem surtir efeitos. No entanto um dos problemas da avaliação quantitativa, é a resistência burocrática, pois há setores que não aceitam serem questionados quanto a números relativos a gasto público na área social. Outro problema que o autor ressalta é de ordem qualitativa, pois o processo supõe variações político-institucionais num continuum de tempo e de espaço. Em outras palavras, a análise qualitativa deve envolver desde os mecanismos que impulsionam ou refreiam a consecução dos objetivos.

Outro problema levantado pela autora é o planejamento nacional de programas sociais, que busquem implementar as políticas públicas. Quando existem, na maioria das vezes, assumem caráter de uniformidade, não condizentes com a realidade. Geralmente, não levam em conta a localização geográfica, o tamanho das localidades, a capacidade institucional de resposta dos agentes executores e o ambiente político no qual se desenrolam as atividades previstas. Ainda, neste contexto, os programas sociais sofrem com a descontinuidade político-administrativa. A transição de uma administração para a outra pode afetar a implementação e a consolidação dos programas sociais. Muitas vezes, os sucessores desconsideram as ações ou programas de seus antecessores por considera-los “maus”, por divergirem de seus princípios e até mesmo pelo fato de quererem iniciar algo novo.

Analisando os diversos autores já referidos, percebe-se que existem diferentes idéias e conceitos a respeito das políticas públicas. Pelo exposto, entendemos como políticas públicas, o conjunto de diretrizes que visam legitimar a ação do governo para suprir necessidades públicas a partir de interesses sociais e de seus governantes. Elas podem surgir a partir das necessidades e dos interesses comunitários, constituindo-se, primeiramente, como uma ação. No

entanto, as ações do governo só podem ser consideradas “políticas públicas” quando procuram alcançar objetivos previamente definidos em projetos, que busquem colocar em prática os direitos sociais decorrentes dos ditames constitucionais, ou seja, dos estatutos e leis que regem nossa sociedade. A descentralização das políticas é fundamental para que a legislação possa sair do papel. O trabalho conjunto com os atores sociais pode garantir a efetivação das políticas necessárias.

É importante salientar que a Constituição Federal e a Legislação estabelecem e direcionam as políticas públicas. Além de delinearem as fontes de custeio, as leis vinculam as fontes de gastos específicos e a população ao princípio da co-responsabilidade, auxiliando dessa forma no gerenciamento desses recursos. A avaliação sistematizada é necessária para verificar a eficiência, a eficácia e a efetividade social. Portanto, não podemos deixar de pensar nos meios de implementação dessas políticas públicas, na forma como ocorre essa descentralização, além de avaliar se elas são transparentes, claras, adequadas, razoáveis, enfim, se elas são, de fato, o melhor caminho para possibilitar o eficaz exercício dos direitos sociais.

3.2 Os direitos dos idosos

Os direitos do idoso tornaram-se foco de preocupação e interesse da comunidade política, nas últimas três décadas. Esta preocupação pode ser observada em vários documentos produzidos por instituições internacionais e órgãos governamentais. Os primeiros movimentos nesta direção ocorreram por iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU).

Em 1977, em sua Assembléia Mundial, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), agências da ONU, referiram-se ao tema envelhecimento considerando-o parte de suas atividades especializadas. O

tema, contudo, não ocupou espaço de destaque, em qualquer um dos foros. (BRASIL, 2003f, 2003e.)

Em 1978, na Assembléia Geral da ONU, em sua 33^a Sessão, foi adotada a resolução 33/52, para convocar uma Assembléia Mundial para servir de com o objetivo de discutir o tema envelhecimento e para elaborar um plano de ação internacional com o objetivo de garantir a segurança econômica e social do idoso. (BRASIL, 2003e, 2003f)

A primeira Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento foi realizada em Viena em 1982. Estiveram presentes 124 países. O evento ocorreu num contexto político, econômico e social, em que a questão da Declaração Universal dos Direitos Humanos estava sendo revista concentrando-se esforços no sentido de eliminar todas as formas de discriminação racial, práticas políticas de apartheid, problemas candentes da época da descolonização. Nesse contexto, entendia-se que o idoso mesmo sendo vulnerável, com tendência a sofrer mais que os seres humanos de outras faixas etárias, nunca foi visto como prioridade; ou seja, sempre foi tratado como questão vinculada a outros temas. (BRASIL, 2003f; ONU, 2003a, 2003b)

Nesta primeira assembléia, foi estabelecido o Plano Internacional de Ação sobre Envelhecimento. Nele, constavam em torno de 66 recomendações relativas a diversos temas, como saúde, assistência social, habitação, transportes, previdência, trabalho e educação. Ressaltamos que esses temas eram tratados na ONU em comissões de natureza econômica, sem autonomia e sem claras implicações sociais.

A segunda Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento foi realizada em Madri, em 2002. Num contexto totalmente diferente, onde já existia uma parceria entre o Estado e a Sociedade Civil, os direitos humanos adquirem importância própria, desvinculados da necessidade de subordiná-los a outros temas ou valores. O Plano de Ação Internacional foi revisto, sendo definidas as diretrizes que orientarão as políticas públicas para a população idosa, no século XXI. As propostas deste evento se baseiam em uma nova idéia de velhice, construída em

torno do conceito de envelhecimento produtivo. A estratégia internacional para enfrentar os desafios do aumento quantitativo das pessoas com mais de 60 anos de idade, se centraliza em viabilizar a inclusão social deste grupo de população. Para tanto, o Plano de Ação Internacional prevê a capacitação destas pessoas para que atuem plena e eficazmente na vida econômica, política e social, inclusive, mediante trabalho remunerado ou voluntário. Este novo conceito representa uma mudança radical na imagem anteriormente dominante sobre a velhice, que deixa de ser sinônimo de exclusão e de incapacidade, para assumir um conceito de total inserção social. (BRASIL, 2003f; ONU, 2003a, 2003b, 2003c)

No Brasil, a preocupação com os direitos dos idosos pode ser traçada desde as primeiras décadas do século XX. Em 1916, já se garantiu através de legislação que os filhos maiores ficavam obrigados a assistir e alimentar na velhice, carência ou enfermidade, os pais que não possuíam condições de sustento próprio. (BRASIL, 1999)

Nas décadas posteriores, as preocupações com os direitos dos idosos se concentraram em benefícios concedidos pela previdência social, como a aposentadoria; e a redução da penalidade, em caso de crimes, no sistema penitenciário.

A Constituição brasileira de 1988 (no seu Artigo 1º), coloca a cidadania como um dos fundamentos do Estado Democrático. A cidadania implica ter direitos, e aceitar, em contrapartida, o exercício de deveres com a sociedade em que desejamos viver. As pessoas identificadas com a realidade da vida nacional têm maior capacidade de usufruir a cidadania. Mesmo que seja básico saber que "todos são iguais perante a lei", e que os cidadãos são contemplados com direitos sociais que incluem a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, a segurança, o lazer e a previdência social, todos sabemos que há um grande contingente da população que está, não só, excluída desses direitos, mas sem chances de conquistá-los. (BRASIL, 2004 -Artigos 5º e 6º)

O idoso tem direito à aposentadoria com sessenta e cinco anos, se homem, e sessenta anos, se mulher; reduzido em cinco anos o limite para os trabalhadores rurais de ambos os sexos e para os que exerçam suas atividades em regime de economia familiar; nestes incluídos o produtor rural, o garimpeiro e o pescador artesanal. Para o idoso que não tem direito ao seguro social por não ter contribuído para a Previdência Social, a Constituição assegura assistência social à velhice, com recursos orçamentários da própria previdência social. E, prevê, entre outras iniciativas, a garantia de um salário mínimo mensal ao idoso que comprove não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provida por sua família. (BRASIL, 2004, arts.201, 203, V, e 204)

O papel da família tem especial destaque na proteção constitucional ao idoso. A família é a base da sociedade e merece atenção especial do Estado. A partir dessa conceituação, o Estado deverá assegurar assistência a cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações. (BRASIL, 2004 - art. 226)

Também é dever da família, bem como do Estado e da sociedade, amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida. E, na acepção constitucional, os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares. (BRASIL, 2004 - art. 230, § 1º)

Aspecto relevante da proteção constitucional é o direito do maior de 65 anos ao transporte urbano gratuito (art. 230, § 2º). Também vale registrar que o maior de 70 anos exerce o voto facultativamente. (BRASIL, 2004 - art. 14, II, b)

Nos art. 127 e 129, a Constituição Federal reserva ao Ministério Público a defesa dos direitos coletivos da sociedade, incluindo-se idosos. No campo individual, os idosos carentes devem contar com o apoio da Defensoria Pública (BRASIL, 2004, art. 134)

Segundo Agustini (2002), a partir desta Constituição de 1988 a velhice passou a ser tratada como uma questão social relevante. Além da assistência previdenciária, a assistência social também avançou, como citado acima, estendendo o dever do amparo da família à sociedade e ao Estado (art.230). O transporte gratuito aos maiores de 65 anos e a garantia de um salário mínimo de benefício mensal são algumas conquistas.

Em seu art. 6º a Constituição Federal assegura o lazer como um direito social. Assim, a omissão do Estado é passível de responsabilização. Mas, apesar desse avanço, a Constituição de 1988 não oportunizou direitos sociais efetivos que estimulassem a definição de políticas públicas de lazer para o idoso, o que seria fundamental para a melhoria da qualidade de vida desse segmento social. (BRASIL, 2004)

A Lei n º 8.842, de 04/01/94, instituiu a Política Nacional do Idoso (PNI), regulamentada pelo decreto n º 1948, em 03/07/1996. O objetivo dessa Lei é assegurar o direito social do idoso. Ela cria condições para promover a autonomia, a integração e a participação efetiva do idoso. Trata-se de um acréscimo importante de algumas palavras que asseguram ao idoso "todos os direitos da cidadania", no propósito de garantir "sua participação na comunidade", defendendo sua dignidade, bem estar e o direito à vida. (BRASIL, 2001)

Séguin (2001), chama atenção das características discriminatórias da lei 8.842. Para a autora, a afirmativa legal de assegurar os direitos sociais do idoso dá a idéia de que , com o passar do tempo, as pessoas deixam de ser cidadãos. A cidadania não pode ser garantida; ou ela é exercida, ou não é. Nesse sentido, fica implícito que a velhice acarreta a perda do papel social, acentuando a crise de identidade existencial .

Conhecer as leis do idoso é essencial para que o indivíduo, no curso dos anos, mantenha sua auto-estima e possa sentir-se cidadão. Não proporcionar o acesso, deixando de divulgar os direitos das pessoas mais velhas contradiz a própria Lei n.º 8.842, no seu Artigo 10º - item III, que implanta a Política Nacional do Idoso – PNI, afirmando que "o processo do envelhecimento diz respeito à

sociedade em geral, devendo ser de conhecimento e informação para todos". Esta lei é um meio de estabelecer políticas públicas a partir da Constituição de 1988.

A PNI define a atuação do Governo, com o co-financiamento das esferas de governo Federal, Estadual e Municipal para a manutenção dos benefícios, serviços, programas e projetos e indica as ações específicas das áreas envolvidas. Através desta definição cria condições para que políticas públicas sejam promovidas, no sentido de promover a longevidade digna, com qualidade de vida e justiça social, buscando, assim, a autonomia, a integração e a participação dos idosos na sociedade.

É importante citar, também, algumas diretrizes da PNI que orienta as políticas públicas para os idosos:

- I - Viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações;
- II - Participação do idoso, através de suas organizações representativas, na formulação, implementação e avaliação das políticas, planos, programas e projetos a serem desenvolvidos;
- IV - Descentralização político-administrativa;
- V - capacitação e reciclagem dos recursos humanos nas áreas de geriatria e gerontologia e na prestação de serviços;
- VI - implementação de sistema de informações que permita a divulgação das políticas desenvolvidas;
- VII - Estabelecimento de mecanismos que divulguem informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais do envelhecimento;
- IX - Apoio a estudos e pesquisas sobre questões relativas ao envelhecimento. (BRASIL, 2001, p.9)

No cap. IV, do PNI, são definidas as competências dos órgãos e entidades públicas. O item VII, letra "e", estabelece que os governos devem Incentivar e criar programas de lazer, esporte e atividades físicas que proporcionem a melhoria de qualidade de vida do idoso e estimulem sua participação na comunidade.

A lei também prevê a criação de conselhos do idoso no âmbito da União, dos estados e municípios, com o objetivo de formular, coordenar, supervisionar e avaliar a política nacional do idoso, no que diz respeito aos arts. 5º e 6º. Os

Conselhos Municipais do Idoso, se forem bem estruturados e assessorados, podem cobrar dos órgãos públicos e também dos privados, ações e atitudes que tornarão mais efetivos os direitos dos idosos. Compete aos conselhos a supervisão, o acompanhamento, a fiscalização e a avaliação da Política Nacional Do Idoso, no âmbito das respectivas instâncias (Art. 7º).

Para atender a questão acima, o Conselho Nacional do Idoso – CNDI foi criado pelo decreto n º 4.227 de 13/05/2002. É um órgão de caráter consultivo, não deliberativo, com estrutura básica do Ministério da Justiça. Suas competências são:

- I - supervisionar e avaliar a Política Nacional do Idoso;
- II - elaborar proposições, objetivando aperfeiçoar a legislação pertinente à Política Nacional do Idoso;
- III - acompanhar a implementação da política nacional do idoso, no âmbito dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios;
- IV - estimular e apoiar tecnicamente a criação de conselhos de direitos do idoso nos Estados, no Distrito Federal e nos Municípios;
- V - propiciar assessoramento aos conselhos estaduais, do Distrito Federal e municipais, no sentido de tornar efetiva a aplicação dos princípios e diretrizes estabelecidos na Lei no 8.842, de 4 de janeiro de 1994;
- VI - zelar pela efetiva descentralização político-administrativa e pela participação de organizações representativas dos idosos na implementação de política, planos, programas e projetos de atendimento ao idoso;
- VII - zelar pela implementação dos instrumentos internacionais relativos ao envelhecimento das pessoas, dos quais o Brasil seja signatário; e
- VIII - elaborar o seu regimento interno. (BRASIL, 2002, p.1)

Bredemeier (2003), entende que, os conselhos de idosos deveriam ser espaços de organização, onde o idoso pudesse abrir caminhos, articular, reivindicar, pressionar, fazer e aparecer; no entanto, isso ainda está longe de acontecer, mas as iniciativas se encaminham para tal. A autora salienta que os conselheiros se defrontam com distorções relacionadas à operacionalização das políticas sociais. Isto é, confunde-se o papel dos conselhos com o de organizações não-governamentais e com o de serviços públicos a serem prestados pelo gestor.

Outro problema levantado pela autora, é que existe uma certa desvalorização dos conselhos, em virtude da falta de ações mais concretas, motivada em parte pela reduzida participação da sociedade em geral às assembléias dos conselhos. A disputa reduzida pelas vagas no corpo de conselheiros é interpretada, pela autora, como desinteresse da sociedade o que acarreta a desvalorização dos conselhos. Outra questão que chamou a atenção da autora em seus estudos é que o poder público raramente convoca ou convida o conselho a participar em outros fóruns decisórios relacionados às políticas.

O Conselho Estadual do Idoso do Rio Grande do Sul - CEI/RS foi criado pelo decreto Estadual 32.989, em 11 de outubro de 1988 e alterado pelo decreto n^o 34.139 de 27 de dezembro de 1991; sua nova redação foi feita pelo decreto n^o 37.837, de 21 de outubro de 1997. Está vinculado à Secretaria do Trabalho, Cidadania e Assistência Social, e é de caráter normativo, consultivo e deliberativo. Objetiva estabelecer as diretrizes de política social para o atendimento da população idosa do Estado. Busca atingir esta meta através de esforços conjugados de órgãos públicos e privados, os quais se fazem representar junto ao CEI/RS, com a participação no Conselho pleno, Conselho Diretor e Comissões Técnico-Operacionais. (RIO GRANDE DO SUL, 2004)

Cabe destacar que o CEI/RS foi criado antes da PNI e CNDI. Uma de suas competências é estabelecer as diretrizes básicas de política social do idoso para o Rio Grande do Sul. No entanto, a partir de 1997, com a redação modificada, este conselho passou a ter como uma de suas competências promover a divulgação da Política Nacional do idoso, dos programas, projetos e ações dirigidas aos órgãos públicos e entidades privadas.

Mas, somente em 2000, na perspectiva de dinamizar a transformação da PNI em ações de políticas públicas, foi criada a Política Estadual do Idoso – PEI (RS, 2000) que define: Promoção de melhor qualidade de vida, através do incentivo à formação de grupos sociais e associações representativas de idosos, em todos os municípios do Estado; tornar-se efetiva através da articulação das diversas políticas setoriais, sob a coordenação da Secretaria do Trabalho, Cidadania e Assistência Social, com a participação dos Conselhos Estadual e

Municipais do Idoso. Os Conselhos Estadual e Municipais são órgãos permanentes, paritários, deliberativos, compostos por igual número de representantes dos órgãos e entidades públicos e de organizações representativas da sociedade civil ligadas à área. Compete aos Conselhos contribuir na formulação, acompanhamento e avaliação da PEI, no âmbito das respectivas instâncias político-administrativas.

Ao Estado, através da Secretaria do Trabalho, Cidadania e Assistência Social, compete:

- I - coordenar as ações relativas à PEI;
 - II - participar na formulação, no acompanhamento e na avaliação da PEI;
 - III - promover as articulações inter-secretarias e estabelecer parcerias com a sociedade civil, necessárias à implementação da PEI;
 - IV - elaborar a proposta orçamentária no âmbito da promoção e assistência social e apresentá-la ao Conselho Estadual do Idoso.
- Parágrafo único - As secretarias estaduais que desenvolvem as políticas de saúde, educação, cultura, esporte e lazer devem elaborar, no âmbito de suas competências, propostas visando ao financiamento de programas estaduais relacionados ao atendimento das necessidades de pessoas idosas, apresentando-as ao Conselho Estadual do Idoso. (RS, 2000, p. 1)

Entre os princípios estabelecidos que regem a Política Estadual do Idoso, Lei 11.517, de 26 de Julho de 2000, citamos os seguintes:

1. O idoso tem todos os direitos da cidadania, devendo ser garantida, sem discriminação, sua participação na comunidade, a defesa da dignidade, do bem-estar e do direito à vida;
2. Direito de todos à formação sobre o processo de envelhecimento; o idoso deve ser o principal agente e o destinatário das transformações a serem efetivadas através dessa política.

Em 2003, foi aprovado o Estatuto do Idoso (Lei 10.741). Esta Lei representa um avanço na questão do direito do idoso no Brasil, obrigando a família, a comunidade, a sociedade e o poder público a assegurar com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à

cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2003a)

Por esta lei, entende-se como absoluta prioridade a preferência de destinação de recursos públicos para a proteção do idoso, a formulação de políticas sociais, a preferência no atendimento público, a convivência com as demais gerações, a reciclagem e capacitação de recursos humanos em Gerontologia e Geriatria, o acesso à rede de serviços de saúde e assistência social local, mecanismos de divulgação dos aspectos biopsicossociais do envelhecimento. (BRASIL, 2003a)

Em relação aos direitos de educação, cultura esporte e lazer, a grande novidade é o desconto de 50% nos ingressos em eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer. Entretanto, a lei não apresenta detalhes de operacionalização deste item.

Apesar de a lei postular que o idoso tenha direito ao esporte e ao lazer, não define nenhuma penalidade para o seu não cumprimento; vai depender da população de idosos e da sociedade exigir que essa lei saia do papel e que seja disponibilizada aos idosos e demais segmentos sociais.

3.3 Políticas públicas de lazer

Vimos que o lazer é citado tanto na Constituição Federal como na legislação específica para o idoso, sendo considerado como uma necessidade básica do homem, um direito social estabelecido. Alguns estudos, como de Batista (2002), Dumazedier (1999), Marcellino (1996, 2001), referem-se especificamente às políticas públicas de lazer, sobre as quais teceremos algumas considerações.

Na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 217, o lazer é considerado como dever do Estado a quem compete fomentar as práticas desportivas, formais

ou não formais, como um direito de cada um. Mas a palavra lazer só aparece no item IV, § 3^o “o poder público incentivará o lazer, como forma de promoção social.” Nota-se que o esporte é o conteúdo básico, e o lazer posto como uma questão mais assistencialista. (BRASIL, 2004)

Nos estudos de Batista (2002), Marcellino (1996) e Stigger (1998), um dos problemas citados das políticas públicas de lazer, é a valorização do esporte de rendimento. O direcionamento dos recursos humanos, físicos e materiais são destinados, em muitos casos, na construção e manutenção de ginásios esportivos destinados ao treinamento de equipes, realização de eventos esportivos de alto rendimento.

Marcellino (1996), também salienta a dominância do esporte nas atividades de lazer. As atividades de lazer são associadas a manifestações de massa, ao ar livre, e de conteúdo recreativo. Onde, a predominância dessas atividades são esportivas. No Brasil por uma questão cultural o futebol sempre teve maior evidência. O autor comenta que a partir da década de 70 as repartições de prestação de serviços públicos incorporaram o lazer para denominar setores específicos, para desenvolverem atividades de lazer. Tanto nos âmbitos estadual como no municipal as secretarias e divisões foram restritas a setores culturais específicos: “Esportes e lazer”, “Recreação e lazer”, “Cultura e lazer”, “Turismo e Lazer” entre outras (1996, p.24). Para o autor, essa organização dificultou o estabelecimento específico de ações de lazer, favorecendo as atividades esportivas.

Baseado em leis das décadas de 60 e 70, Batista faz uma síntese interessante de questões que historicamente marcaram a ação conservadora do estado na implementação de políticas públicas de esporte e lazer:

- O esporte não é tratado como direito social;
- As ações da política de esporte direcionam-se para o atendimento de minorias esportivas, evidenciando um modelo excludente de políticas públicas;
- Ausência de políticas de qualificação profissional;
- Ausência de investimentos em equipamentos esportivos, seja para manutenção, reforma ou construção de novos espaços;
- Descontinuidade, fragmentação e superposição das ações;

- Instabilidade de fontes de recursos;
- Gestões marcadas pelo personalismo, pela centralização das ações e por hierarquias rígidas;
- Inexistência de canais ou mecanismos que favoreçam a participação e o controle da população na definição e fiscalização das ações governamentais;
- Concepção assistencialista e compensatória da política pública. (2002,p.58-59)

A autora salienta que essas questões foram amplamente debatidas e criticadas pelos profissionais da área na década de 80. Para a autora, surgiu uma nova concepção da atuação do poder público no campo do esporte e lazer. As principais mudanças que destacou em relação ao lazer são:

- A democratização dos espaços e equipamentos de lazer;
- mecanismos que possibilitam a participação popular na formulação e implementação das políticas de lazer;
- busca de articulação entre as políticas setoriais;
- gestão descentralizada, transparente, participativa e democrática. (2002,p.59-60)

Não concordo com a análise da autora, fico em dúvida se realmente condiz com nossa realidade. Acredito que esse seja um ideal de implementação de políticas de lazer. Marcellino (2001), reforça que o poder público municipal deve discutir, conviver e valorizar as iniciativas espontâneas dos atores sociais. Também é necessário o trabalho integrado, interdisciplinar das secretarias e divisões, uma vez que o lazer está ligado à educação, à saúde, à habitação, ao transporte e ao serviço social.

Segundo Marcellino (2001), os setores que planejam as atividades de lazer não são exclusivos de lazer, abrangem outras áreas; isso dificulta políticas de lazer. Apesar disso, o mais relevante é a definição do lazer nos programas de governo. O autor defende a idéia de que o lazer deve ser elemento integrante e interdisciplinar nos programas de governo, que devem considerar os quatro eixos para serem estabelecidos:

1. a partir dos conteúdos culturais – requer trabalho integrado intersecretarias ou órgãos da chamada área cultural (artes, cultura, esporte, meio ambiente, patrimônio, etc.);
2. a partir dos valores associados ao lazer – requer trabalho integrado intersecretarias ou órgãos que extrapolem a questão cultural (educação, saúde);

3. a partir das barreiras para a sua prática – requer trabalho integrado intersecretarias ou órgão que também extrapolem a questão cultural (promoção social, transporte, parques e jardins);
4. a partir das circunstâncias que o cercam – política de reordenação do solo urbano, do tempo (necessidade de relação com o legislativo). (2001, p.16-17)

Marcellino (2001), salienta que, para um programa de governo conseguir alcançar seus ideais, deve procurar, num primeiro momento, ampliar a visão restrita de lazer, superar o conformismo cultural e, além de difundir programas culturais, criar programas culturais.

O Ministério do Esporte e Turismo criou, em 1997, o projeto Vida Ativa na Terceira Idade, com o objetivo de proporcionar autonomia ao idoso, fortalecendo sua auto-estima, promovendo a socialização e melhorando sua saúde. Este programa foi disponibilizado para diversos municípios. Em 1999, o projeto beneficiou 3.560 idosos em apenas 9 municípios. Em 2001, os números foram bem mais expressivos: 18.915 pessoas foram atendidas em 43 municípios. Em 2002, a expectativa era de atender 30.000 idosos em mais de 100 municípios. (BRASIL, 2003c)

Outra ação nesse sentido foi a “Caminhada pelo envelhecimento saudável”, realizada no dia 28 de setembro nos anos 1998, 1999 e 2000. Esse evento, aberto a qualquer idade, tinha como objetivo integrar as gerações. Houve a adesão de 26 capitais e 454 municípios brasileiros. (BRASIL, 2003c)

O estado do Rio Grande do Sul também disponibilizou programas de assistência à pessoa idosa (API), específicos para atividades físicas, mas não encontramos divulgação dos resultados.

Dumazedier (1999), analisa tanto o lazer, como o espaço de lazer, como uma necessidade política de desenvolvimento cultural urbano. O autor recomenda que a função cultural de uma cidade é propiciar diversas formas de lazer, como o físico, o prático, o intelectual, o artístico e o social. Ou seja, se uma cidade pretende ser um pólo de desenvolvimento, atraindo empresas e pessoas a se instalar nela, deverá ser centro de lazer que visa o repouso, a recreação, a

instrução, enfim deve estar apta a responder às necessidades culturais de todas as categorias sócio-profissionais e de todas as categorias de idade.

O autor defende a idéia de que a urbanização necessita de “espaços de lazer”. Para isto é mister definir critérios de desenvolvimento, enumerar, classificar seus agentes públicos e privados, comerciais e não-comerciais. Enfim, é preciso buscar um equilíbrio entre atividades físicas e intelectuais. Para atingir tal objetivo não basta apenas acrescentar equipamentos recreativos e culturais, mas é preciso, principalmente, provocar uma verdadeira revolução nos paradigmas que caracterizam a animação sócio-cultural das cidades. Além disso, muitas vezes, o aumento incontestável dos equipamentos esportivos, turísticos, artísticos e intelectuais correm o risco de se tornarem inúteis, ou de rendimento derrisório em face das necessidades das massas.

Outra questão importante que Dumazedier (1999), comenta é que os espaços de lazer devem ter características temporais, isto é devem variar com o tempo, para não correrem o risco da rotina, da mesmice. As atividades de lazer são ritmadas no tempo segundo períodos específicos. Por exemplo, o tempo do fim do dia de trabalho, de fim de semana, de férias, de aposentadoria. Quando esta característica não é levada em conta, pode levar a uma padronização, à uniformização e ao tédio social, o que também é prejudicial às relações específicas entre seres, grupos, meios e classes. Os espaços também devem respeitar as características da população que os utiliza.

Complementam as idéias de Dumazedier, Marcellino (2001), diz que os municípios deveriam entender o lazer como uma questão urbana, e que já está mais do que na hora de poderes executivos estabelecerem políticas setoriais na área, de fazerem articulações tanto internamente como com outras esferas de atuação, vinculadas com as iniciativas privadas e da população.

Fica claro portanto que as políticas de lazer, como qualquer outro tipo de ação política do governo, devem ser descentralizadas e elaboradas, e executadas de forma interdisciplinar entre os diversos setores municipais. No entanto, o que vem ocorrendo, muitas vezes, são ações isoladas. E nem sempre, os

profissionais da área de lazer participam da elaboração e execução de programas e projetos específicos, que procuram colocar em prática essas políticas públicas.

Mesmo existindo poucos dados que revelem se o que é estabelecido nos várias instâncias governamentais é efetivamente concretizado, essa pesquisa poderá apontar dados de políticas de lazer na Região do Vale do Taquari, no sentido de verificar se os municípios buscaram apoio nas esferas Estadual e a Nacional ou se criaram outras formas de promover programas de atividades físicas e de lazer.

4 METODOLOGIA

A questão central desse estudo e as leituras de enfoque metodológico nos levaram a uma pesquisa de natureza qualitativa. Através de um estudo exploratório, realizamos um levantamento de dados com o intuito de identificar as principais atividades relacionadas ao lazer do idoso, desenvolvidas nos 37 municípios da Região do Vale do Taquari.

Primeiramente, realizou-se uma entrevista semi-estruturada com os responsáveis pelos projetos da Terceira Idade vinculados às prefeituras de todos os municípios da região. Também foi feito um levantamento de informações e de documentos oficiais referentes aos programas, projetos e ações destinadas aos idosos. (VER QUADRO 1 EM ANEXO)

A partir das entrevistas semi-estruturadas, realizadas com os responsáveis pelos projetos, programas e ações, foi possível identificar as atividades de lazer desenvolvidas para os idosos. Evidenciou-se que essas atividades são desenvolvidas na forma de Grupos de Convivência. Essas atividades foram categorizadas em três tipos: Atividades de Desenvolvimento Humano, Atividades de Integração Social, e Atividades de Educação Física. O baile foi a atividade que se destacou, por estar presente em todos os municípios, pela frequência com que ocorre e por promover a maior mobilização dos idosos. Por essa razão, no segundo momento desta pesquisa, nos detivemos a analisar mais detalhadamente, os significados do baile para os idosos, além de verificar as motivações que levam os idosos a participar desses bailes.

Nessa segunda fase, foram focalizados os bailes promovidos na Região do Vale do Taquari. A amostra desses bailes foi definida da seguinte forma: 1 baile por microrregião, totalizando 6; e um baile em um dos municípios com menor população, e outro de maior população, totalizando 2. O critério de seleção do município de cada microrregião considerou o calendário de bailes, dando prioridade àquele município que primeiro promoveu o baile. Os instrumentos de coleta de dados usados nesses bailes foram entrevistas semi-estruturadas com os organizadores dos bailes e com idosos participantes. Além disso, utilizou-se um diário de campo para registros, além de máquina fotográfica digital para documentar alguns momentos que consideramos importantes e que ilustrarão esta dissertação. Em cada baile, foram entrevistados um dos organizadores e o maior número possível de idosos, procurando atingir pelo menos 10% dos participantes. (VER QUADRO 2 EM ANEXO)

A seguir, descreveremos os instrumentos de coleta de informações utilizados nesta pesquisa.

4.1 Instrumentos de pesquisa

4.1.1 Entrevistas

Na pesquisa qualitativa, um dos instrumentos de coleta de dados mais utilizados é a entrevista. A entrevista nos permite aprofundar, conhecer, esclarecer algum fato, ou tipos de sentimentos, percepções de uma comunidade ou grupo social. É uma forma de interação social, que nos permite obter informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como de suas explicações e razões a respeito de situações precedentes. A entrevista também pode ser definida, como uma técnica que permite que se obtenha do indivíduo, através da transmissão oral, sua definição acerca de uma situação que tenha vivenciado. (GIL, 1999; GOMEZ, FLORES E JIMÉNEZ, 1996; OLABUÉNAGA, 1999; TAYLOR E BOGDAN , 1996)

Ao pesquisador, a entrevista fornece dados acerca da conduta humana, da forma como agem os seres humanos e por que atuam desta ou daquela forma. A entrevista também possibilita conceber o homem como um ator social, como uma pessoa que constrói sentidos e significados em relação a uma realidade ambiental. Através disso, pode-se entender, interpretar e conhecer a realidade através da demarcação de crenças e valores, desenvolvidos por ele, possibilitando categorizar, explicar e formular conjecturas a respeito do mundo, e ou do problema estudado. (GOMEZ, FLORES E JIMÉNEZ, 1996; OLABUÉNAGA, 1999)

Ao utilizarmos este instrumento para a coleta de informações na pesquisa qualitativa tivemos alguns cuidados éticos. Ao entrar em contato com o sujeito a ser entrevistado, informamos com brevidade os objetivos da pesquisa e solicitamos a sua colaboração. Salientamos que sua identidade seria mantida em sigilo e que as informações prestadas só seriam utilizadas com sua autorização. E que, uma vez concluída a entrevista, ele poderia revisar, acrescentar ou retirar alguma informação. (GOMEZ, FLORES E JIMÉNEZ, 1996; LAKATOS E MARCONI, 2001; TAYLOR E BOGDAN, 1999)

Escolhemos a entrevista semi-estruturada, por ser a forma mais utilizada na pesquisa qualitativa. Ela segue um guia de questionamentos básicos, que vão sendo desenvolvidos à medida que as respostas trazem alguma dúvida ou algum ponto de interesse que necessitamos conhecer melhor. O roteiro inicial das perguntas foi revisado por dois professores da área, um com mestrado e o outro com doutorado. Após as sugestões e modificações, aplicou-se o instrumento a um grupo de pessoas, para verificar a clareza e a pertinência das questões. Depois de transcritas, foram repassadas para verificação dos entrevistados, permitindo que eles acrescentassem ou retirassem as informações prestadas. (BAZTÁN, 1995; GIL, 1999; GOMEZ, FLORES E JIMÉNEZ, 1996; LAKATOS E MARCONI, 2001; OLABUÉNAGA, 1999)

No primeiro contato com os responsáveis municipais pelos programas, projetos e ações para os idosos, abordamos assuntos gerais como suas atividades profissionais atuais, ou aspectos pessoais da formação escolar,

primeiros contatos com sua vida profissional, a fim de conhecer a história do sujeito. Após seguimos a pauta que solicitava informações a respeito da equipe de trabalho, do número de idosos que participa das atividades, dos critérios para a organização dos grupos, das atividades desenvolvidas, das principais dificuldades e facilidades encontradas no dia-a-dia. Solicitamos também relato de experiências das quais, destacamos aspectos interessantes, tendo o cuidado de não interromper a fala do entrevistado. (BAZTÁN, 1995; GOMEZ, FLORES E JIMÉNEZ, 1996; LAKATOS E MARCONI, 2001)

Nos bailes realizamos uma entrevista semi-estruturada com os organizadores. Procuramos seguir os mesmos procedimentos descritos anteriormente, buscando obter informações sobre o objetivo, a organização, a definição da data, a divulgação, os custos envolvidos, a ornamentação, os recursos humanos e a realização. Com os idosos, a entrevista também foi semi-estruturada. Além da identificação, nome e data de nascimento, procurávamos saber o que os levava a participar do baile, o que mais gostavam, as razões que os motivavam a freqüentarem tão assiduamente os bailes.

4.1.2 Análise de documentos

Foram solicitados às coordenadoras dos GCs, funcionárias efetivas das prefeituras, cópias de documentos oficiais existentes nas prefeituras dos municípios onde estivessem explicitados os programas e projetos direcionadas aos idosos, na gestão atual. Foram entregues cronogramas de atividades, relatórios anuais e mensais, projetos encaminhados aos governos Estadual e Federal, atas e folders municipais. (VER QUADRO 3 EM ANEXO)

Baseado em Gil (1994), a análise desses documentos foi realizada em três etapas:

– pré-análise: correspondeu à etapa de seleção e de organização do material;

– exploração do material: correspondeu à codificação das informações, que diz respeito à escolha de unidades e à classificação em categorias, (QUADRO 3);

– tratamento das informações: correspondeu à etapa de inferência e de interpretação, que objetivou tornar os dados válidos e significativos, através de diagramas, tabelas e ou quadros, utilizando análise qualitativa.

Uma das dificuldades encontradas, foi o fato de que 13 municípios não terem registros dos programas e projetos direcionados aos idosos. Existem registros precários em 14 municípios, e em 10 municípios há projetos em parceria com os Governos Estadual e Federal.

4.1.3 Diário de campo e documentação fotográfica

A segunda fase da pesquisa, focalizou os bailes de idosos. O levantamento de dados foi feito a partir do diário de campo e de documentação fotográfica, para registrar o que ocorre do início ao término do baile. Essas informações foram essenciais para a análise posterior dos dados gravados nas entrevistas. (BARROS e LEHFELD, 2000)

Procuramos fazer as observações em vários momentos do baile, registrando a data, os horários. Foram feitas observações sistematizadas, em torno de uma hora, a partir da seguinte pauta: a)As manifestações lúdicas; b)relações interpessoais; c) As atitudes em relação a esse espaço de lazer. Também fizemos registros, no diário de campo, do número de idosos participantes, dos municípios presentes, do consumo de bebidas e de alimentos. (BARROS e LEHFELD, 2000)

Além das entrevistas com os idosos e as observações, fizemos registros de momentos do baile que consideramos ilustrativos. Estas ilustrações auxiliaram na descrição do baile. As fotos elucidativas que integram a descrição dos bailes

foram verbalmente autorizadas pelos seus autores. Após o registro, a foto era mostrada para os autores. Se não autorizassem a utilização da foto, esta era apagada no mesmo momento.

4.2 O processo de categorização das informações

A categorização das informações obtidas ao longo da coleta de dados está fundamentada em Gómez, Flores e Jiménez (1996), que definem a análise de dados como um conjunto de manipulações, transformações, operações, reflexões, comprovações, realizadas com as informações, com a finalidade de extrair significados relevantes para a pesquisa.

Primeiramente, realizamos uma releitura de todas as entrevistas transcritas e dos documentos coletados com as coordenadoras dos programas e projetos dos idosos. Devido ao volume de entrevistas, procuramos organizar as informações em dados resumidos e comuns em forma de fichas com as seguintes dados: formação profissional da coordenadora; equipe de trabalho; número de GCs; número de idosos participantes dos GCs; atividades realizadas nos encontros dos GCs; eventos sociais realizados por ano; número de bailes realizados por ano; atividades extra Gc; excursões; recursos financeiros; atividade que consideram importante; dificuldades e facilidades encontradas no dia a dia.

Além dessa organização dos dados, realizou-se a leitura de documentos, relacionando-os com os dados das entrevistas. Esse procedimento permitiu a definição de 3 grandes categorias:

- **atividades de desenvolvimento humano (ADH)** – dinâmicas de grupo e de auto-estima; palestras preventivas de saúde; espiritualidade, oficinas de trabalhos manuais, de teatro, dança e coral;

- **atividades de educação física (AEF)** – exercícios localizados, alongamentos, relaxamentos, recreação e dança;

- **atividades de integração social(AIS):** bailes, festas e almoços de integração, encontros municipais e regionais, eventos comunitários, campanhas sociais, escolha do Rei e da Rainha, passeios, comemorações de datas festivas.

Num segundo momento, organizamos os dados coletados através das entrevistas realizadas com os organizadores dos bailes, em forma de fichas com os seguintes dados: equipe coordenadora do baile; forma de organização do baile; divulgação; ornamentação; conjunto/ músicos; local de realização; custos, destinação do lucro; valor do ingresso; equipe de trabalho. O cruzamento destas informações com os registros do diário de campo permitiu a construção das seguintes categorias: Organização do Baile, Desenvolvimento do Baile, Resultados do Baile.

A partir das entrevistas realizadas com idosos participantes do baile, fez-se a listagem das palavras ou frases significativas, organizadas em quatro subcategorias. Entendemos que essas subcategorias devem permanecer dentro da categoria de Desenvolvimento do Baile, uma vez que foram coletados durante a realização do baile

- **INTEGRAÇÃO SOCIAL**

Amizades; conversar; fazer amigos; reencontrar; companhias; convívio com amigos; Integração entre bairros, cidades, pessoas; não tem briga; namorar; não ter jovens; ser todos da mesma idade; não participa mais dos bailes dos jovens; não gosta das separações em função do baile.

- **SAÚDE E BEM - ESTAR**

Sente-se bem; antes não tinha oportunidade; gostar, adorar, sempre gostei; saúde; renovar/sentir-se mais jovem; disposição; prazer; alegre, feliz, contente, felicidade; vaidade, se arrumar;

- LAZER E DIVERTIMENTO

Dançar; atividade física; olhar; diversão; lazer; passatempo; músicas antigas; tomar cerveja; aproveitar o fim da vida; distração; não pensar nos problemas; morte, doença; conhecer lugares; festa, folia, brincar; sair de casa, sozinha, solidão; não trabalha mais; trabalhou de chega; pós-trabalho.

- PARTICULARIDADES DO BAILE

Baile à tarde é melhor; Gastar pouco; Governo auxilia.

Tomando por base os contextos estudados, dividimos em dois capítulos para análise e descrição dos dados. O primeiro capítulo descreverá os Grupos de Convivência, no segundo os Bailes. A discussão dos dados coletados, triangulando com o referencial teórico existente e pertinente ao estudo desta pesquisa será feito nas considerações finais.

5 GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS NA REGIÃO DO VALE DO TAQUARI

A análise dos documentos oficiais e as entrevistas com os representantes do poder público municipais, responsáveis pelos programas e projetos direcionados aos idosos indicam que as atividades de lazer para os idosos se desenvolvem em forma de grupos de convivência. As atividades relatadas pelas coordenadoras apresentam objetivos em comum: desenvolver a auto-estima, a valorização e a integração social do idoso.

Dos 37 municípios estudados, apenas um se organiza a partir de uma política pública, que faz parte de um plano plurianual de assistência social. Esse entendimento está baseado no conceito de política pública a trata como conjuntos de diretrizes que visam legitimar a ação do governo para suprir necessidades públicas a partir de interesses sociais e de seus governantes. Em alguns municípios, existe a descentralização de políticas dos governos Federal e Estadual. São projetos encaminhados aos governos, com a finalidade de conseguir verbas, mas não nos apresentaram esses projetos como sendo uma das prioridades, ou diretrizes de seu governo.

Cabe destacar que nos municípios existem atividades de lazer abertas ao público em geral, das quais também participam os idosos. Entretanto, a participação dos idosos se dá por iniciativa própria, e não por ações intencionais do poder público a eles destinados.

Neste capítulo, apresentamos a caracterização dos Grupos de Convivência (GCs), a frequência dos grupos, o número de idosos participantes, o perfil dos coordenadores e da equipe de trabalho que atuam nos GCs para os idosos na Região do Vale do Taquari. Também relatamos questões pertinentes ao trabalho do dia-a-dia, desde problemas de relacionamento até os financeiros. Descreveremos, após, as ações mais significativas, no caso, atividades de desenvolvimento humano, educação física, e de integração social.

5.1 Caracterização dos GCs

5.1.1 Participação efetiva dos Idosos e frequência dos GCs

O relato das coordenadoras, revela que os idosos freqüentam os GCs em busca de companhia, para conhecer novas pessoas, a fim de amenizar problemas como a depressão e a solidão.

Verificamos que todos os municípios da Região do Vale do Taquari desenvolvem Grupos de Convivência. Nesta Região, a população total de idosos é de 39.117(FEE, 2004). O número de participantes dos GCs totalizam 14.143 idosos, correspondendo a 36,15% da população total de idosos. Há, na região, por volta de 214 Grupos de Convivência. (VER QUADRO 4 EM ANEXO)

Nos municípios de Anta Gorda, Canudos do Vale e Coqueiro Baixo a participação de idosos nos GCs é 100%. Em Travesseiro, o percentual da população idosa participante é de 94%. Cabe destacar que os municípios citados são de pequeno porte, mas existem GCs em todas as comunidades. Ainda, em relação à participação efetiva dos idosos nos municípios da região há outros cinco municípios onde o percentual fica em torno de 80%; em outros quatro, é de 60% a 77%; em dois municípios, esse percentual fica em torno de 50%; já em outros doze municípios, o percentual é de 20% a 30%; há 8 municípios com percentuais entre 10% e 19%, e outros dois, com 8% e 4%, respectivamente.

A freqüência às reuniões dos grupos, varia de acordo com a disponibilidade das coordenadoras, o número de GCs no município, e a autonomia dos idosos. No gráfico abaixo (FIGURA 1), podemos ver que, em 19 municípios, os encontros são mensais, chama a atenção que desses 19 municípios, 15 com 2 a 8 GCs; e 4 municípios com 13 a 26 GCs.

Nos municípios de grande porte desta região, com população entre 17 mil e 63 mil habitantes, como Lajeado, Taquari, Estrela, Teutônia, Encantado, a participação dos idosos é em torno de 20 a 30 %, com exceção de Arroio do Meio onde há uma participação de 77%. Apesar da maioria apresentar baixos percentuais de adesão, os municípios possuem maior número de GCs, de 10 a 26, procurando contemplar assim todas as comunidades. Destoa desse grupo o município de Taquari que possui somente 3 GCs. Os municípios que se destacam com um grande número de GCs contam com uma equipe exclusiva para desenvolver as atividades, apesar da freqüência dos encontros serem mensais. Apenas no município de Encantado, os encontros são semanais na sede do município, e mensais no interior.

Nos municípios de médio porte, com população entre 7 mil e 11mil habitantes, como Arvorezinha, Bom Retiro do Sul, Cruzeiro do Sul, Paverama e Roca Sales a participação dos idosos nos grupos chega até 31% da população idosa. Por outro lado, neste grupo em três municípios há um percentual muito baixo de participação, variando de 4,5 a 16%. Destes, três municípios contam com apenas um grupo de convivência, e os outros dois, com quatro e seis GCs. A freqüência aos GCs é bem variada.

Os 26 municípios de pequeno porte, com população entre 2 mil e 6 mil habitantes, todos tem uma coordenadora que, geralmente, assume diversas funções na prefeitura devido à falta de recursos humanos. Fora o município de Anta Gorda, os municípios de pequeno porte, possuem, no máximo, 6 GCs, sendo a freqüência bem variada.

Os municípios de Bom Retiro do Sul, Ilópolis, Nova Bréscia, Putinga, Roca Sales e Vespasiano Correa reúnem semanalmente os GCs. As principais características comuns destes municípios é que contam com 1 à 4 GCs; são de

pequeno a médio porte; e o número de idosos que participam dos GCs não ultrapassa os 25 % do total da população de idosos no município, com exceção de Nova Bréscia, onde o percentual de participação nos GCs é de 84%. As coordenadoras destes municípios também não contam com uma equipe exclusiva para desenvolver os GCs; a maioria depende de voluntárias da comunidade e dispõe de um turno para se dedicarem aos idosos.

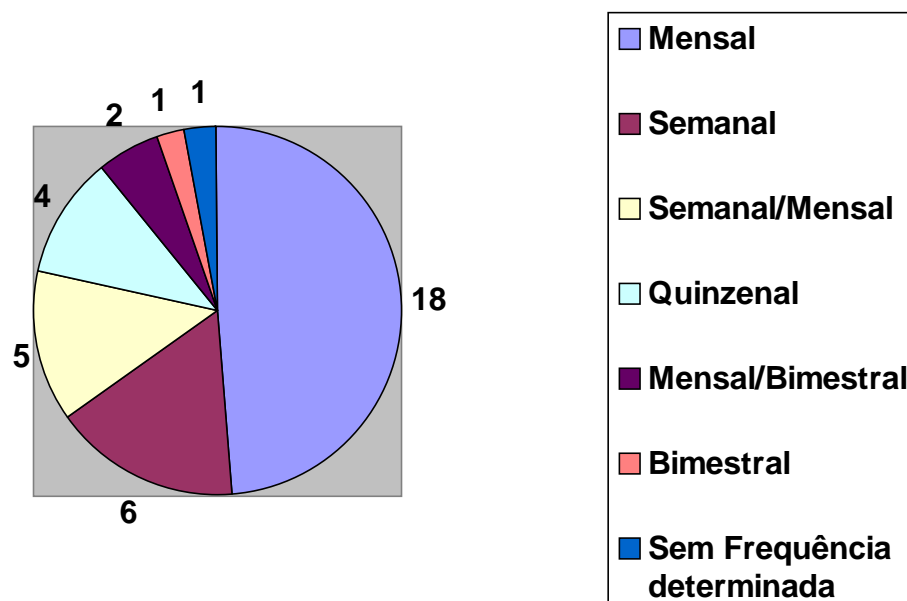


FIGURA 1 - Gráfico Frequência dos GCs nos municípios

Os municípios de Anta Gorda, Encantado, Fazenda Vilanova, Imigrante, Relvado desenvolvem atividades semanalmente na sede e mensalmente no interior. Trata-se de municípios de pequeno porte, com exceção de Encantado, que é de grande porte. As coordenadoras alegam que o principal motivo para realizarem atividades mensalmente no interior é a falta de disponibilidade de tempo e de verbas. Na sede, desenvolvem o GC semanalmente por ser mais próximo da prefeitura, não necessitando, portanto, de transporte, que na maioria das vezes é difícil de conseguir. Vale ressaltar que todos eles recebem verba do Governo Estadual ou Federal.

Os municípios de Arvorezinha, Muçum, Paverama e Poço das Antas, onde os GCs ocorrem quinzenalmente, o ponto em comum é que existe somente um

grupo de convivência. Nestes municípios também existe a dificuldade de recursos humanos; há uma coordenadora da prefeitura, e, eventualmente, os funcionários do setor da saúde desenvolvem algumas palestras.

O município de Dois Lajeados optou por não desenvolver encontros com os idosos, apesar de terem constituído seis GCs. A coordenação acredita que os idosos devem ter iniciativa própria.; “se não desenvolveram encontros semanais foi por falta de motivação deles”. Uma das principais dificuldades deste município é a falta de recursos humanos; a coordenadora, com diversas atribuições, não dispõem de tempo para desenvolver as reuniões com os grupos.

No município de Tabai, os encontros ocorrem bimestralmente; não há auxílio direto da prefeitura. Os idosos são totalmente autônomos, mas o coordenador disse que sente falta de assessoria técnica para o planejamento das atividades a serem desenvolvidas nas reuniões.

Nos municípios de Colinas e de Coqueiro Baixo, os GCs se reúnem mensalmente e alguns bimestralmente. As coordenadoras procuram respeitar a vontade da comunidade, pois alguns não querem reuniões mais seguidas. Além disso, o número de idosos do GC, é reduzido e torna-se dispendioso, e, muitas vezes, inviável uma freqüência maior de encontros.

São dezoito os municípios que realizam encontros mensais. Essa forma de organização é mais freqüente. Nos municípios de grande porte, como já citado, há um número significativo de GCs, ficando inviável a realização de mais de um encontro no mês. Nos municípios de pequeno e médio porte, onde o número de GCs varia entre 2 e 6 grupos, o que torna inviável a realização de mais encontros são as dificuldades relativas a recursos humanos e financeiros; as coordenadoras desempenham mais de uma função e ou possuem diversas atribuições.

Percebemos que a freqüência com que se realizam os encontros é uma preocupação das coordenadoras, que não conhecem como ocorrem nos outros municípios da região. Demonstram dúvidas em relação à sua sistemática de trabalho; algumas manifestam que até gostariam de organizar encontros mais

freqüentes, mas todas acreditam que fazem o melhor possível dentro de suas limitações.

5.1.2 Estrutura organizacional

Segundo informações das coordenadoras, os GCs, em quase sua totalidade, organizam-se internamente com uma diretoria composta por Presidente(a), Vice-Presidente(a), Secretário(a), Tesoureiro(a). Essa organização auxilia as coordenadoras principalmente na programação de eventos, na divulgação das atividades do mês e na organização dos números idosos para participarem dos GCs.

Geralmente, membros da diretoria são eleitos e indicados pelos idosos participantes dos grupos. As coordenadoras ressaltaram que, geralmente uma vez eleitos, dificilmente trocam, por serem pessoas ativas e exercerem uma certa liderança no grupo e ou na comunidade. São essas lideranças que auxiliam no contato com as comunidades, convidando e incentivando os idosos a participarem do grupo.

Uma das funções dessa diretoria é a organização dos bailes, almoços festivos e campanhas sociais. A diretoria tem autonomia delegada pelas prefeituras. Sua função é lembrar e convidar os idosos da sua comunidade para comparecerem às reuniões dos grupos, mas na execução das atividades não tem nenhuma atribuição específica.

Segundo as informações colhidas, a diretoria dos grupos tem autonomia para programar excursões, idas a bailes em outros municípios, almoços de confraternização. Os GCs possuem recursos financeiros próprios, e também são administrados pela diretoria.

Destacamos três municípios onde as reuniões dos grupos são programadas e realizadas pela diretoria dos GCs. Em Arroio do Meio, a prefeitura atribui toda a responsabilidade para as diretorias, que organizam as reuniões,

porém fornece apoio técnico sempre que for solicitado. Quando a diretoria solicita alguma atividade específica, requisita-se um profissional capacitado para cumprir a tarefa. A prefeitura não deixa de participar das reuniões em todos os grupos, que totalizam dezoito. Em Lajeado, os grupos não são proibidos de realizarem outras reuniões no mês, pelo contrário, são incentivados. No entanto, somente dois grupos, com diretoria é mais atuante, realizam reuniões semanais. Em Tabaí, o único Grupo de Convivência existente se constituiu por vontade dos idosos, e a prefeitura, segundo seu coordenador, não dá apoio ao grupo. Os responsáveis pela Assistência Municipal, alegam não terem disponibilidade para atender o grupo; além disso, os idosos são atendidos em grupos de saúde da família. Trata-se de uma ação que não é direcionada exclusivamente para os idosos, mas para todas as idades.

Em alguns municípios, a estrutura organizacional está baseada nas “Associações Municipais do Idoso” que são registradas, com estatuto e CGC. Até o momento, estas associações estão implantadas em 10 municípios. Uma das vantagens dessa organização, segundo as coordenadoras, é que possuem força política nas esferas governamentais. Alguns desses municípios conseguiram uma sede própria e verbas federal e estadual para a construção destas sedes.

Somente em Arroio do Meio e Putinga, existe o Conselho Municipal do Idoso constituído e atuante. No entanto os dados mostram que a atuação deles é diferente em cada município. Em Arroio do Meio, o conselho possui uma sede na prefeitura, onde atende os idosos. Sua atuação se restringe a conseguir cadeiras de rodas e muletas, para os idosos que as necessitam e distribuir duas passagens por mês para os idosos do interior virem buscar sua aposentadoria. Não nos relataram nenhuma ação que não fosse assistencialista. Já no município de Putinga, a coordenadora relatou diversas ações de defesa dos direitos dos idosos. Em um dos casos, o conselho autuou um estabelecimento comercial que retinha o cartão e a senha de banco de idosos, em troca do fornecimento de um rancho mensal ficava no valor da aposentadoria.

5.1.3 Perfil dos coordenadores e equipe de trabalho

Um aspecto que ficou evidenciado é que existe o envolvimento das primeiras damas municipais, com as atividades desenvolvidas nos GCs. Onze delas coordenam os grupos e outras sete participam da equipe de trabalho. Segundo elas, um dos motivos dessa participação vem do compromisso social que assumem junto à gestão de seus maridos. É importante destacar que elas não trabalham exclusivamente com os idosos, mas com diversas ações sociais, muitas até coordenando o Departamento da Assistência Social ou da Saúde.

Outro aspecto a referir é que a maior parte dos coordenadores, trinta e cinco, são mulheres. E na equipe de trabalho, a maioria também são mulheres. Chama atenção o fato de que apenas dois homens coordenam os grupos de convivência. Em um município, o vice-prefeito ficou encarregado das ações sociais, porque a primeira dama, por motivos particulares, não pôde desempenhar tal função. Em outro município, onde os grupos não são vinculados à prefeitura, um homem desempenha essa função, sendo este o presidente do grupo.

No que diz respeito à formação profissional, 14 coordenadoras têm curso superior completo; 3, curso superior incompleto; 7, 2º Grau Completo e 5, 1º grau completo; 8 não responderam o item grau de escolaridade. Entre os que têm curso superior completo, predominam Assistente Social e Pedagogo.

Os grupos, na grande maioria, estão vinculados ao Departamento da Assistência Social ou da Saúde. Por isso, as coordenadoras estão locadas neste setor. As assistentes sociais são contratadas por ser uma necessidade e uma exigência do LOAS (Lei que dá as diretrizes para Assistência Social). À exceção das primeiras damas e assistentes sociais, as demais contratações são cargos de confiança que, por questões políticas, são indicadas a trabalhar em determinados setores. Muitas disseram que, ao serem convidadas para assumir esse compromisso, se sentiram gratificadas, pois teriam afinidade com a população idosa. Entretanto, são unânimes em assumir que sentem falta de qualificação e de cursos que lhes proporcionem conhecimentos nas questões gerontológicas.

Em relação ao regime de trabalho, a dedicação da coordenadora é exclusiva somente em cinco municípios. A maioria assume, coordena, ou se envolve com outras atividades e projetos dos setores por que são responsáveis, em saúde e assistência social. Algumas estão locadas em outros setores da prefeitura, como na Secretaria de Educação, na Secretaria de Cultura e até mesmo na Biblioteca Pública. Segundo manifestações das coordenadoras, a diversidade de ações que desenvolvem acarreta sobrecarga de trabalho. Conseqüentemente, fica uma tarde por semana ou por mês disponível para trabalhar com os GCs.

Além disso, muitas coordenadoras não contam com o apoio de uma equipe de trabalho ou de auxiliares fixos. A carência de recursos humanos vem da dificuldade financeira de alguns municípios. Eventualmente, os departamentos de Saúde e Assistência Social disponibilizam médicos, enfermeiras, psicólogas, fisioterapeutas, odontólogos, agentes de saúde, para proferirem palestras para os participantes dos GCs.

As equipes de trabalho possuem perfis muito diversificados. O número de pessoas ligadas às prefeituras, que atuam diretamente com os grupos, variam de zero a quatro. Entre as diversas profissões destacam-se os profissionais ou estagiários de educação física, num total de dezoito profissionais atuando em 14 municípios. Catorze municípios contam com uma assistente social participando dessa equipe. Em vinte municípios, as coordenadoras citaram a equipe de saúde (comentado acima) como parte da equipe de trabalho, pois realizam trabalhos intersetoriais. E, esporadicamente, foram citados os seguintes profissionais como fazendo parte da equipe de trabalho: secretárias, serviços gerais, professor de música, turismóloga. Em oito municípios fazem parte da equipe de trabalho, mas não estão vinculados à prefeitura, extensionistas da EMATER (Órgão vinculado à Secretaria de Agricultura do Governo Estadual). E, em dezesseis municípios, participam pessoas da comunidade como voluntárias da equipe de trabalho.

O trabalho voluntário foi apontado pelos coordenadores como um fator importante para o desenvolvimento dos GCs. As voluntárias são essenciais para a organização e execução dos encontros e eventos sociais. Em vários municípios,

se não houvesse voluntárias, os GCs se tornariam inviáveis. Nas reuniões dos GCs, as voluntárias auxiliam na organização do local onde se realizam os encontros, servem o lanche, e algumas ainda realizam atividades recreativas. Nos eventos, auxiliam no cadastramento de idosos para a distribuição de ingresso e transporte, na ornamentação do local e no desenvolvimento do próprio evento.

5.1.4 Peculiaridades do dia-a-dia

As falas das coordenadoras evidenciaram peculiaridades referentes a trabalho realizado no dia-a-dia. São principalmente, dificuldades a serem superadas, como por exemplo, as típicas de início de instalação dos GCs. Muitas vezes, o que para alguns é dificuldade, para outros já se tornou uma facilidade.

Uma das dificuldades apontadas para a formação de GCs nos distritos de municípios de pequeno porte é o número reduzido de idosos nesses locais. Em alguns casos, este número é de apenas 10 pessoas. Outro aspecto limitante é que, em algumas destas regiões, não existe transporte público, nem recursos municipais destinados a outras formas de deslocamento, o que torna inviável a participação dos idosos, uma vez que muitos deles residem em locais distantes de onde as atividades poderiam ser realizadas.

Em alguns municípios, as coordenadoras citaram como dificuldade a falta de participação efetiva dos idosos nos GCs. Existem grupos com mais de 80 sócios, mas a frequência nas reuniões não chega a 50%. Os motivos a baixa frequência nem sempre são claros para as coordenadoras. Algumas consideram que é por “comodismo”, ou por não desejarem se assumir como membros do “Grupo da Terceira Idade“. No entanto, quando ocorre um evento festivo, como almoço de integração, ou alguma comemoração onde são distribuídos brindes, a adesão chega a quase 100%. “O que os motiva a virem é a comida, o ganhar, e alguns ainda reclamam do presente”, disse uma coordenadora.

Outro aspecto em relação à participação, é o número reduzido de homens nos grupos. Um dos motivos apresentados é que, muitos idosos do sexo masculino, embora aposentados, ainda mantêm algum tipo de trabalho. Eles priorizam o trabalho em vez de participar dos GCs, o que não deixa de ser também, uma questão cultural. Os homens acreditam que esses grupos são “coisa de mulher” associando-os às atividades dos Clubes de Mães, Apostolado da Oração (grupos religiosos), dos quais só participam as mulheres.

Em alguns municípios, as diferenças entre classes sociais foram apontadas como um problema. Os idosos nem sempre aceitam a participação dos mais carentes, que, por sua vez sentem-se inibidos e excluem-se dos grupos. Uma coordenadora disse “têm bastante pessoas que não participam, principalmente os mais pobres, pretendemos trabalhar com a auto estima deles, se tentássemos incluir eles direto eles se sentiriam inferiores”. Ela acredita que os idosos mais carentes não participam dos grupos por se acharem inferiores e serem mais depressivos; se inibiriam na presença de idosos mais desinibidos, alegres, brincalhões, enfim, idosos com mais disposição.

Em alguns municípios, segundo os dados levantados, existe rivalidade entre os GCs da sede e os dos distritos, o que atinge não só os idosos, mas a comunidade como um todo. Essa rivalidade, segundo ela, é no sentido de disputarem quem faz o melhor baile, ou de não quererem fazer alguma programação em conjunto por acharem que um grupo se “acha melhor que o outro”, ou que “o grupo do centro é esnobe” por morarem num centro urbano, e o do interior são pessoas simples.

Em um município situado no limite entre a região de predominância alemã e a de predominância italiana, são destacadas rivalidades étnicas. Cada comunidade procura preservar seus costumes e língua de origem. Nessas comunidades, nem sempre é possível promover atividades conjuntas pelas razões já apontadas acima.

Nos municípios onde predomina a língua alemã, muitos idosos não dominam a língua portuguesa, o que dificulta o trabalho das coordenadoras que

não conseguem comunicar-se os idosos, pois eles preferem falar somente na língua alemã durante as atividades. Uma coordenadora relatou que no primeiro contato com os idosos, eles comentaram em alemão “o que essa mulher queria alí com eles se não sabia falar alemão”, eles imaginavam que ela não soubesse falar em alemão por ser de origem negra. Ela respondeu para eles em alemão, deixando-os um tanto constrangidos no início, mas agora adoram seu trabalho. Algumas coordenadoras, de municípios onde a origem alemã predomina, citaram que é fundamental para o entrosamento com os idosos alguém da equipe saber falar alemão.

Outro problema a ser superado é a atitude introspectiva de muitos idosos. No entanto, as dinâmicas de recreação e de auto-estima melhoraram muito este aspecto. Disseram, que essa introspecção, é por timidez e vergonha. Foi citado que muitos idosos vêm para o grupo, sentam-se, não conversam com ninguém e não falam uma palavra durante toda a reunião, o que às vezes, prejudica o encontro, pois torna-se monótono e cansativo.

Outra dificuldade é a freqüente troca de pessoas na assistência social e na coordenação dos GCs, o que dificulta o andamento dos trabalhos. Quando ocorre troca de governos municipais, os trabalhos desenvolvidos tendem a se perderem. Uma coordenadora relatou que ficou uma gestão fora da prefeitura, e ao retornar, não conseguiu recuperar a oficina de trabalhos manuais, pois não foi dado continuidade.

Em vários municípios, existe uma boa interdisciplinariedade setorial, quer dizer, programações e ações realizadas em conjunto. Quando um setor programa algo, os outros participam tanto na organização como na execução. Algumas coordenadoras sentem falta desta integração, pois, às vezes, necessitam de auxílio, de idéias tanto na elaboração como na execução dos programas e atividades para os idosos. Um exemplo dado por uma coordenadora foi que “o sucesso no desenvolvimento das atividades com os idosos, se deve ao bom entrosamento da sua equipe de trabalho, juntamente com a equipe de saúde”.

Em relação à prefeitura municipal, a grande maioria recebe apoio e total liberdade na realização das atividades; apenas dois municípios sentem falta deste apoio. Em atas apresentadas por um município, estava o registro da presença do prefeito em quase todas as reuniões, que são mensais. Se ele não estava presente, estava o vice ou alguém da administração. A primeira dama, que coordena as atividades neste município, vê como importante essa participação, bem como o contato do prefeito com os idosos, pois eles sentem-se valorizados. O prefeito, além de falar das atividades que vem promovendo, ouve as sugestões e queixas dos idosos.

A autonomia dos GCs foi citada como muito positiva, tanto que, em alguns municípios, a falta de iniciativa e de dependência dos idosos dificulta a organização das atividades. Há no entanto, municípios que gostam dessa dependência, pois disponibilizam uma equipe específica para o desenvolvimento dos encontros.

5.1.5 Recursos financeiros

Como todas as atividades municipais, os GCs também representam despesas a serem orçadas pelos gestores. Dos municípios da RVT, 43% emanciparam-se recentemente: 6 municípios em 1988; 7, em 1992; e 4; em 1996. Muitos desses municípios ainda estão em fase de estruturação e de organização interna. Esse foi um dos motivos citados para justificar a carência de recursos humanos. Outro fator de organização interna é a municipalização da assistência social; muitos ainda não a conseguiram, ficando impossível solicitar verbas estaduais ou federais para o desenvolvimento dos GCs.

Conseqüentemente, 15 municípios utilizam recursos próprios para o desenvolvimento dos GCs. Uma solução encontrada para viabilizar recursos, foi a criação, em cada grupo, de uma diretoria que controla e busca arrecadar dinheiro para o seu “caixa”. Os GCs arrecadam recursos através de mensalidades, lucros dos bailes e, eventualmente alguma rifa. Nas saídas para outros municípios,

geralmente os idosos pagam metade da passagem. No entanto, em alguns municípios, a prefeitura disponibiliza o transporte.

Os problemas financeiros enfrentados nos municípios dificultam principalmente a aquisição de sede para as reuniões. Em alguns locais a prefeitura paga aluguel, materiais permanentes, como cozinha equipada, aparelho de som, mesas e cadeiras. Uma coordenadora relatou que se houvesse mais recursos, poderiam criar mais atividades extras, pagar o transporte dos idosos para irem aos bailes em outros municípios com mais frequência (tinham recursos para irem somente a 5 bailes em 2003).

Os municípios que possuem a assistência social municipalizada encaminham projetos tanto para o governo Estadual, como para o Federal. Atualmente, 6 municípios recebem verba federal; 14 municípios recebem verba estadual e apenas 1 município recebe verba estadual e federal. Pelos documentos entregues, já houve 4 municípios que recebiam verbas estaduais e federais.

Os projetos intitulados por “Grupo de Convivência” são os encaminhados ao Governo Estadual, e os “API – Atendimento à pessoa Idosa”, para o Governo Federal. Os objetivos desses projetos giram em torno da integração, da inclusão social, do lazer, a promoção da autonomia e da auto-estima. Ao receber esta verba, o município deve comprometer-se em dar uma contrapartida de, no mínimo, 25% do valor total a receber, e é o que geralmente acontece, dificilmente investem mais. Nestes projetos é prevista a contratação de recursos humanos, geralmente para a educação física (recreação, ginástica, musculação, dança) e para artes (trabalhos manuais). O município se responsabiliza por ceder recursos humanos nas áreas de psicologia, enfermagem, assistência social, medicina, fisioterapia, e em alguns casos até o de educação física. Entretanto, a maior parte da verba é destinada à alimentação, sendo esta condição estabelecida pelo governo estadual e federal. Também é previsto um valor para a compra de material pedagógico, o qual deve ser feita sempre através de licitação. Essa forma de adquirir material pedagógico, muitas vezes, inviabiliza a execução de

trabalhos manuais, pois os materiais acabam não sendo os mais adequados, disse uma coordenadora.

A partir destes dados, podemos dizer que os Grupos de Convivência se organizam de três formas diferentes na região. Há grupos que são mantidos pela prefeitura, outros que são somente assessorados, e outros que são independentes da prefeitura. Como característica comum apresentam uma estrutura organizacional baseada em diretoria formada pelos idosos. Possuem autonomia para organizar atividades de lazer. No entanto percebe-se a necessidade de estimular e de ensinar princípios de liderança e de autonomia, pois conforme as coordenadoras poucos idosos querem ou sentem-se motivados a coordenar e liderar os grupos. Esses princípios são importantes para enfrentar possíveis trocas de governo e de coordenadores. Os idosos necessitam sentirem-se capazes de ter voz ativa e exigir a continuidade e ou a melhora do que existe.

5.2 Atividades de desenvolvimento humano

Nesta categoria, são descritas as atividades relacionadas com o desenvolvimento integral do idoso. São conhecimentos culturais e educacionais que proporcionam a aprendizagem, o desenvolvimento do intelecto, da criatividade, da auto-estima, mantendo o idoso ativo e participativo na comunidade.

5.2.1 Espiritualidade

A espiritualidade envolve orações, cantos litúrgicos, mensagens, conversas e debates relacionados ao otimismo, meditação, relacionamento familiar e comunitário. Esta atividade está presente em quase todos os municípios e ocorre geralmente na primeira parte dos encontros dos GCs.

A fala a seguir ilustra a importância das atividades de espiritualidade para os idosos: “a hora da reza ou dos cantos religiosos é sagrado, se não rezarmos parece que falta alguma coisa” (Coordenadora GC). Para os idosos, essa parte do encontro é especial, principalmente, por sentirem necessidade de conforto para suas perdas, tristezas, dúvidas e medos; segundo as coordenadoras, parece que se sentem mais confiantes e seguros.

Esta atividade é realizada pela coordenadora, ou por um padre, ou pastor. Em alguns municípios através da igreja, iniciaram os GCs. Algumas coordenadoras relataram que, ao tentarem as primeiras aproximações com os grupos já formados, enfrentaram uma certa resistência por parte dos líderes religiosos. Uma coordenadora relatou que alguns idosos não gostavam quando o encontro envolvia somente reza, como os pastores faziam. Confessaram sua preferência pela variação de atividades, o que incomodou alguns pastores. Por isso, a coordenadora, para não entrar em conflito com as atividades da igreja, passou a tomar alguns cuidados como: não marcar encontros no mesmo dia; convidar os pastores para participar das atividades; organizar encontros em conjunto; não interferir no momento de espiritualidade quando o pastor é o responsável.

Outra coordenadora relatou que teve dificuldades com um padre, que proibiu os idosos de participarem dos grupos. Ele acreditava, segundo a coordenadora, que as rezas realizadas nos GCs diminuíram a frequência dos idosos na igreja, além de os idosos passarem a frequentar mais os bailes realizados pelos GCs do que as missas. Segundo a coordenadora, os idosos deste município ficaram divididos, uns apoiando e outros contrariando a posição do padre. A situação somente foi resolvida com a transferência do padre.

Na Região do Vale do Taquari, as principais fontes de espiritualidade são a religião Católica e a Evangélica Luterana. Além das missas e cultos semanais são comuns outras formas de manifestações religiosas, como festas, procissões e cultos a santos e padroeiros; as capelinhas de Nossa Senhora que passam de casa em casa; novenas e rezas em grupos; bênção e comunhão para enfermos.

A espiritualidade está presente na vida das comunidades e, principalmente, na vida dos idosos, que são os principais freqüentadores destas atividades.

Alguns municípios realizam “missas ou cultos ecumênicos da Terceira Idade” com freqüência mensal ou anual. A missa faz parte do calendário da igreja Católica de acordo com o qual grupos específicos da comunidade se responsabilizam pela organização da missa. O culto ecumênico é realizado na abertura de alguma festa anual, e congrega a igreja católica e luterana. Nestes eventos específicos, a liturgia é desenvolvida pelos idosos. Tanto a missa como o culto ecumênico são abertos à participação de toda a comunidade. As coordenadoras relatam que os idosos levam seus netos e filhos e orgulham-se de mostrar que sabem conduzir uma missa ou culto. Segundo as coordenadoras, os idosos demonstram grande satisfação em participar da liturgia e sentem-se integrados na comunidade.

A espiritualidade não é desenvolvida apenas através das orações. Às vezes, as coordenadoras lêem mensagens, ou textos bíblicos que estimulam reflexão sobre sua vida e sobre o contato familiar e social. Segundo depoimentos dos idosos, relatados pelas coordenadoras, a partir desses momentos de espiritualidade sua qualidade de vida melhora, pois compreendem a realidade que os cerca, em virtude disso, as coordenadoras acreditam que esta atividade espiritual deve fazer parte dos encontros e das atividades sociais dos idosos.

As atividades de espiritualidade têm sido um elemento importante para o envolvimento dos idosos nos GCs e na comunidade. Como faz parte da cultura regional, não pode ser ignorada nas atividades desenvolvidas nos GCs. Apesar de vermos em Dumazedier e Marcellino que as obrigações espirituais não podem ser consideradas lazer, vemos estas atividades espirituais como atividades de desenvolvimento humano, não como obrigações a serem cumpridas.

5.2.2 Palestras

As palestras são muito freqüentes nos GCs. É comum serem desenvolvidas após as atividades relacionadas à espiritualidade, sendo o segundo momento do encontro. Sua ocorrência depende da disponibilidade dos palestrantes, do cronograma e do interesse do grupo.

As palestras, na grande maioria, são proferidas por responsáveis dos setores de saúde dos municípios: clínicos gerais, geriatras, fisioterapeutas, nutricionistas, enfermeiras, odontólogos e psicólogos. Nos municípios onde existe o Programa de Saúde Familiar (PSF), as palestras são ministradas pelos médicos e enfermeiras do programa. A principal atividade do PSF é a orientação dos grupos de hipertensos e de diabéticos. Além disso, em alguns municípios, as palestras são realizadas por extensionistas da EMATER.

As palestras são variadas. Os principais temas abordados são: diabetes, hipertensão, osteoporose, cardiopatias, sexualidade, auto-estima, direitos sociais, higiene bucal, câncer, fitoterapia, hábitos alimentares. As coordenadoras colocaram que, sempre que possível, trazem palestrantes cujos temas são do interesse dos idosos. Em um município, a coordenadora confeccionou uma árvore numa cartolina, onde os idosos colam suas sugestões de assuntos que gostariam de discutir. Destacamos a seguir alguns temas que têm recebido especial atenção nas palestras: a alimentação, a ingestão incorreta de medicação, os direitos dos idosos, a sexualidade e o câncer bucal.

As extensionistas da EMATER tratam de temas relacionados à alimentação integral e chás para a melhoria da saúde do idoso. Procuram orientá-los no sentido de como a alimentação adequada pode prevenir e controlar os problemas de saúde.

A ingestão de medicação é tratada por médicos geriatras. As coordenadoras ressaltaram que é comum os idosos irem a diversos médicos por causa de um mesmo problema. Existem vários casos de uso excessivo de medicação, em função dos idosos tomarem ao mesmo tempo medicação

receitada por diferentes médicos. Outro problema refere-se a automedicação e à recomendação de remédios, de um idoso para outro. Algumas dessas medicações, às vezes, são similares, não havendo necessidade de tomá-los conjuntamente. Outras vezes, um remédio pode inibir o efeito do outro. Os geriatras orientam os idosos nesse sentido, falando da importância de informar os remédios que tomam e de freqüentarem, sempre que possível, somente um médico.

Outros temas importantes trabalhados nos GCs são os direitos dos idosos. Uma coordenadora relatou que há muitas dúvidas, mas, geralmente, são alheios aos seus direitos. A coordenadora salientou que “alguns possuem vergonha e até medo quando se fala em entrar na justiça, a partir das palestras eles descobrem os direitos que possuem, e que há 30 anos atrás algum advogado lhes disse que não tinha como conseguir”. Para ela, eles sentem-se mais seguros ao conhecer seus direitos.

A questão da sexualidade também desperta muito interesse dos idosos. A maioria, apesar de terem vergonha, manifesta muita curiosidade sobre o tema. Uma coordenadora disse “antigamente eles não podiam falar do assunto; as mulheres casavam sem saber o que aconteceria na noite de núpcias, e que muitas sofreram violência sexual, pois os homens também não tinham orientação de como lidar com essa situação”. Em um município, uma coordenadora expôs problema relativos a contágio de doenças sexualmente transmissíveis. Várias mulheres se negavam a manter relações sexuais com seus maridos, que, por sua vez, buscavam casas de prostituição, deixando-os suscetíveis a essas doenças. Na tentativa de solucionar o problema, foram organizadas palestras para os homens orientando-os sobre os cuidados para não contraírem doenças. Para os casais, as palestras trataram sobre formas de manter relações sexuais prazerosas para ambos.

Outro tema tratado nas palestras foi o câncer bucal. Em um município ocorreu a morte de um idoso, que chocou a comunidade, por causa desse tipo de câncer. A coordenadora contratou uma odontóloga para orientar a higiene bucal. Segundo ela “a grande maioria dos idosos, possui chapa e não se dava conta que

deveria fazer a limpeza desta diariamente. Como não tinham mais dentes fixos achavam que não havia necessidade de escovar a chapa e limpar a gengiva.” Para ela, o trabalho da odontóloga é fundamental para prevenir outros casos de câncer bucal em seu município.

As palestras são uma forma de orientar, passar conhecimentos, a essa geração de idosos, que teve pouco acesso ao estudo. Muitos tiveram que largar o estudo por falta de oportunidade ou por terem que auxiliar os pais nas atividades agrícolas. As escolas interioranas mantinham apenas às séries iniciais do fundamental, a maioria, até a 4^a série.

Essas palestras podem ser vistas como preventivas, problemas de saúde, que afetam os idosos da região, já que os auxiliam em cuidados e higiene corporal. Além disso, nesses encontros, os idosos adquirem mais conhecimentos sobre doenças comuns em sua faixa etária e as formas de controlá-las e preveni-las, o que pode favorecer os idosos a adquirem maior autonomia de ação.

5.2.3 Trabalhos manuais

O trabalho manual é uma atividade pouco desenvolvida nos GCs, pois necessita de uma coordenadora que possua conhecimentos e habilidades específicas. A maioria dos municípios não o oferece devido à falta de recursos humanos e materiais. Em alguns municípios, algumas voluntárias ou as próprias mulheres participantes dos GCs se encarregam de desenvolver estas atividades.

Em cinco municípios, esta atividade é desenvolvida semanalmente, como atividade extra GC. A participação dos idosos nesta atividade oscila entre 5 e 20 pessoas. Participam destas oficinas os que realmente gostam e já faziam algum tipo de trabalho manual ao longo da vida.

Em oito municípios os trabalhos manuais ocorrem durante o encontro do GC, alternando-se com as palestras. Ocorrem concomitantemente com outras

atividades; os que não participam por não gostarem ficam jogando carta, ou conversando.

Os trabalhos manuais envolvem crochê, tricô, cestas e chapéu de palha, cestas de jornal, pintura em pano, cerâmica, culinária, conserto de roupas e confecção de bonecos. São ensinadas técnicas novas, ou ocorre troca de experiências. Os idosos se sentem importantes em ensinar aos outros algo que sabem, ou técnicas que são passadas de geração em geração em sua família. A maioria dos participantes, nas duas formas de realização desta atividade são mulheres. Os homens se envolvem somente em atividades com que possuam afinidades, como a confecção de cestas e de chapéu de palha e na confecção de peças com jornais.

Essa atividade, geralmente, possui um objetivo social. Os GCs produzem roupas de crochê e de tricô, que são doadas à população carente. Em municípios, onde há mães adolescentes carentes, as idosas confeccionam roupas para os bebês e para as crianças. Em outros, ajudam a consertar roupas da Campanha do Agasalho, que são “vendidas” por um valor simbólico. O “lucro” é revertido para programas sociais.

A confecção de cestas e de chapéus de palha são lembrados pelos idosos. O principal objetivo é não perder as técnicas passadas pelos imigrantes. Dessa forma, acredita uma coordenadora, “conseguimos fazer o resgate da cultura municipal, que, muitas vezes, perde-se com a morte de um idoso”.

Como uma forma de resgate da cultura, um município pensou na confecção de um livro de receitas culinárias, que foi lançado em julho de 2004, durante a comemoração de aniversário de emancipação do município. Esta atividade envolveu bastante os idosos. Semanalmente, duas ou três idosas traziam uma receita pronta e escrita. Elas desfilavam com a receita, que tinha que ser aprovada pelo grupo. Assim, segundo a coordenadora, as receitas que passam da mãe para os filhos não são esquecidas, nem perdem-se ao longo da história.

Uma coordenadora salientou que existe uma certa resistência de alguns idosos com este tipo de atividade, “alguns dizem que já trabalham de chega, ou que fazem isso em casa, muitas vezes recusam-se a fazer”. Uma coordenadora disse que compreende os idosos; a grande maioria são agricultores e muitos ainda trabalham na roça, “As mãos deles estão bastante calejadas, rígidas, seus dedos são grossos, por isso dificulta os trabalhos manuais”. Outros fatores que contribuem para a falta de interesse são os problemas de visão, reumatismos, tendinites, que surgem devido aos excessos a que se submeteram tanto na roça, quanto nos trabalhos domésticos e até na própria prática do tricô e crochê. Fica claro que vêem os trabalhos manuais como algo maçante, relacionado ao trabalho profissional.

Esta atividade também está prevista nos projetos encaminhados aos governos estadual e federal. Mas, devido à pouca verba destinada para contratar um profissional, muitas vezes, é impossível descontratá-lo. Outro problema enfrentado pelas coordenadoras é a aquisição de material para estas atividades. Tudo deve ser adquirido por licitação, elas não possuem autonomia para a compra do material que acham mais apropriado, o que dificulta, e muitas vezes, inviabiliza o desenvolvimento de determinadas técnicas.

Percebemos que esta atividade é mais motivadora para aqueles que já possuem habilidades, ou para aqueles que possuem um objetivo social. Talvez falte um planejamento para ver o que realmente é significativo para os idosos. Inculir uma atividade porque está prevista num projeto não é garantia de que dará certo. Antes de prever a atividade, é necessário ver se há interesse. Constatamos que alguns municípios tinham previsto atividades que não conseguiram colocar em prática.

Para promover estas atividades nos grupos como forma de lazer, de formação desinteressada, deve ser respeitada a individualidade de cada idoso. O prazer em fazer ou em aprender deve ser evidente. A atividade de lazer não pode ser maçante para o participante, para não descaracterizar os princípios do lazer já discutidos em capítulos anteriores

5.2.4 Hora do lanche

Todos os municípios fazem a hora do lanche. Geralmente, ocorre no meio do encontro, antes das atividades livres, ou da dança, ou dos jogos de mesa, mas alguns o fazem no encerramento do encontro. Segundo as coordenadoras, o lanche foi um chamarisco para atrair os idosos ao GC. São servidos basicamente guloseimas, como bolos, cucas, tortas, salgadinhos, bolachas, suco, refrigerante e chá.

Quase todos os municípios compram o lanche, mas alguns disseram que os próprios participantes e ou voluntários preparam as guloseimas. Uma extencionista da EMATER disse que procura preparar o lanche com o grupo. Como o trabalho delas é voltado para a alimentação integral, aproveitam o espaço para ensinar os idosos a cozinhareem pão e bolos integrais, que são consumidos na hora do lanche.

Alguns municípios comemoram os aniversariantes do mês, ou do semestre. Naquela data especial promovem uma festa com tortas e salgadinhos. “É uma forma de valorizá-los, de dizer que eles são importantes no grupo”, disse uma coordenadora.

Dezoito municípios recebem verba estadual ou federal, sendo o lanche um dos itens previstos para a utilização da verba. O objetivo principal desta verba, é auxiliar os idosos carentes, com alimentação precária. Segundo as coordenadoras, a grande maioria não passa fome, ou melhor, come muito bem. Então, elas procuram servir um lanche diferente, com mais guloseimas, pois o que recebem como aposentadoria, ou colhem na sua horta, nem sempre possibilita o acesso a essas guloseimas. “É visível a satisfação deles em comer algo gostoso”, salienta uma coordenadora.

Colocamos esta atividade na categoria de Desenvolvimento Humano, por entender que esta atividade possibilita desenvolver noções nutricionais, conforme ocorre em um dos municípios citados. Utilizar esta atividade como “chamarisco” pode ser um sinal de que há necessidade de um planejamento diferente. As

atividades em si devem ser interessantes e atrair os idosos para o GC. A questão que se coloca é: será que idosos com problemas de hipertensão, colesterol alterado, ou diabetes consomem tais guloseimas? Parece um tanto contraditório, o trabalho desenvolvido nas palestras, com o que se coloca em prática nos GCs.

5.2.5 Coral e grupo de danças

Oito municípios desenvolvem, semanalmente, a atividade de Coral e de Grupos de Dança. São atividades extra GC. A maioria das músicas cantadas nos corais são de origem alemã. Os Grupos de Danças também são, em sua grande maioria, de origem alemã, mas também ensaiam danças gauchescas e modernas.

Quem coordena esta atividade, ou são as próprias coordenadoras, ou alguém de sua equipe, ou algum idoso que já praticava essa atividade ao longo da sua vida, ou algum voluntário. A metade dos municípios que desenvolvem estas duas atividades recebem verba estadual ou federal e pagam um professor específico para esta atividade.

Essas duas atividades possuem características em comum: além de serem desenvolvidas, semanalmente, em número igual de municípios, os idosos apresentam-se em eventos sociais do município, em festivais de dança e de corais, geralmente promovidos pelos próprios municípios que promovem a atividade. A participação dos idosos nestas atividades oscila entre 10 e 40 pessoas. Participam aqueles que realmente gostam de dançar, ou de cantar, ou já nem praticando a atividade ao longo da vida.

Percebe-se que estas atividades, têm uma valorização diferenciada, pois dão “estatus” ao município. Em alguns folders recebidos dos municípios, estava, entre as atrações da cidade, o “Coral da Terceira Idade”, ou o “Grupo de Danças da Terceira Idade”. Os festivais de dança e de canto também estão presentes nos calendários de eventos oficiais do município.

Como forma de lazer, estas atividades são uma forma de preenchimento do tempo livre, como uma atividade cultural, de formação desinteressada, pelo prazer de realizar algo de que o idoso gosta, que o faça sentir-se valorizado e participante da comunidade. São atividades de livre escolha: participam os que realmente gostam.

5.2.6 Teatro

O teatro é desenvolvido em 6 municípios. Os grupos iniciam no GC, mas encontram-se em outros momentos para ensaiar; alguns ocorrem em forma de oficinas, em atividades extra GC. A principal característica dessa atividade é que ela é organizada pelos próprios idosos, geralmente liderada por um ou dois membros do grupo. Somente em um município, existe um professor específico para esta atividade. Muitas vezes, são eles que escrevem o texto, criam suas histórias, ensaiam as peças sozinhos. Nas cidades de origem alemã, a fala é no seu dialeto. Uma coordenadora disse que, através do teatro, eles mostram como eles se sentem em relação à sociedade, ou como gostariam que fossem tratados.

Em um município, foi encenada uma peça, envolvendo a questão da morte. Até conseguiram emprestado um caixão da funerária, para representar todo o final de uma pessoa até o enterro. Como este tema, gera medo, eles procuraram representar a morte por um ângulo mais positivo, enfocando a aceitação deles e dos próprios familiares. A coordenadora disse que essa peça foi muito comentada no município: uns a acharam um absurdo; outros, engraçada. Para a coordenadora, representou uma preparação, para muitos idosos, para o final da vida.

Esta é uma atividade típica de lazer criativo, pois os idosos, por vontade própria, organizam-se e colocam através da arte, seus anseios e angústias. Expressam sua vontade de viver e de criar. Não existe um planejamento específico para esta atividade; fica por conta da vontade e do esforço dos idosos, a organização do evento.

5.3 Atividades de educação física

Nesta categoria incluímos todas as atividades relacionadas à Educação Física. Além dos exercícios físicos, falaremos das atividades recreativas, de dança e de atividades livres. Essas atividades livres dizem respeito a atividades de livre escolha, de poderem fazer o que tiverem vontade, após as atividades previstas para o encontro do GC. Estão presentes nesta categoria, pois, geralmente, envolvem jogos recreativos ou a dança.

Há 14 municípios que disponibilizam professores de Educação Física, para orientar esta atividade, em 2 municípios, são fisioterapeutas, nos outros municípios, os responsáveis por esta atividades são as próprias coordenadoras.

5.3.1 Exercícios físicos

Em quinze municípios existe um profissional de Educação Física orientando esta atividade, mas somente em sete municípios a atividade física é semanal, como atividade extra GC. Nos outros, as atividades ocorrem durante os encontros, antes do lanche, sendo a frequência estabelecida para cada GC. Quando há reunião, existe um espaço de 15min a 30 min, destinado à prática de alongamentos e de ginástica localizada.

Os tipos de exercícios promovidos como atividades extra GC são caminhadas orientadas, musculação, alongamentos e ginástica localizada. O número de participantes nas atividades extra GC é reduzido, em torno de 15 a 20 pessoas em cada município. As atividades são, geralmente, oferecidas na sede. Uma coordenadora salientou que, ao perceberem os benefícios dos exercícios, que proporcionam mais qualidade de vida, dificilmente faltam às aulas. As principais melhorias citadas pelos idosos, para a coordenadora, são a diminuição da insônia, da depressão, das dores nas articulações e da coluna, além do aumento da resistência física o que facilita seus movimentos e dá-lhes mais agilidade e força, para realizar as tarefas cotidianas.

Os exercícios orientados que as coordenadoras idealizam são as ginásticas e alongamentos. Segundo uma das coordenadoras seu sonho era introduzir alguma prática corporal; ela considera muito pacato as atividades no seu município: “eles vinham se sentavam, conversavam, jogavam uma carta e só se levantavam na hora de ir embora; era muito parado”. Quando conseguiu a verba houve resistência, mas ela persistiu em sua idéia e hoje eles aceitam e gostam das atividades físicas.

Existe uma certa resistência por parte de alguns idosos, em relação à prática de exercícios físicos. Como muitos nunca praticaram uma atividade física orientada, salientou uma coordenadora, eles têm a idéia de que é um esforço muito grande que terão de executar. Como trabalharam a vida toda em atividades agrícolas que exigiram muito esforço físico, rejeitam qualquer possibilidade de realizar exercícios físicos orientados.

Outro problema pode ser a não aceitação do professor, como aconteceu em um município. O professor não soube cativar os idosos com uma pedagogia que os atraísse. Além disso, neste município, os idosos também tinham a idéia de que vão ao GC para descansar, pois muitos ainda trabalham na roça.

Num dos municípios pesquisados são desenvolvidas sessões de fisioterapia. A cada semestre, ou quando o fisioterapeuta achar necessário, é feita a troca de idosos. As turmas são de, no máximo, 10 pessoas em cada semestre. O fisioterapeuta procura, principalmente, aliviar as dores dos idosos através de alongamentos.

Várias coordenadoras apontaram a precariedade financeira como empecilho para introduzir atividades coordenadas por profissionais capacitados. Está prevista nos projetos encaminhados aos governos estadual e federal, a atividade física orientada. No entanto, o valor destinado para a contratação de um professor, muitas vezes, é tão baixo que inviabiliza a contratação. Alguns destinam duas horas semanais ou mensais de um professor, concursado, que trabalha em escolas municipais. Somente quatro municípios, que recebem verba

estadual ou federal, desenvolvem exercícios físicos como atividade extra GC; os demais os desenvolvem nos encontros dos GCs.

Há portanto indicativos de que o despreparo, ou talvez uma falha na formação dos profissionais de educação física, pode ser um problema relevante, se o professor não souber detectar e suprir as necessidades dos idosos em termos de atividades físicas propostas.

Também deve haver o respeito pela individualidade; se o idoso não quiser praticar atividades físicas, ele não deve ser forçado. O exercício pode ser maçante para aqueles que não gostam, o que o descaracterizaria como atividade de lazer. Por outro lado, deve ser mostrada a importância de realizá-los, de experimentá-los, pois, após sentirem os benefícios, podem adquirir o gosto e o prazer em praticá-los.

É questionável o desenvolvimento dos exercícios físicos somente nas reuniões dos GCs. Será que sua finalidade vem sendo alcançada? Será que existem benefícios biológicos quando o encontro é mensal? A prática de atividades físicas merece, portanto, mais atenção e planejamento, pois pode ser uma política a ser desenvolvida nos municípios.

5.3.2 Dinâmicas de grupo e recreação

Pode-se dizer que quase todas as coordenadoras desenvolvem algum tipo de brincadeira, ou de dinâmicas de grupo nos encontros dos GCs. Essas atividades são promovidas para auxiliar na integração e ludicidade do encontro. Geralmente, são realizadas após a espiritualidade.

Em alguns municípios, a psicóloga auxilia a coordenadora. Em um dos municípios pesquisados, a coordenadora ressaltou o trabalho de uma psicóloga, que realizou dinâmicas de auto-estima. O trabalho dela envolveu conversas sobre situações constrangedoras e dificuldades que os idosos enfrentaram ao longo da

vida. A psicóloga também utiliza a técnica em que os idosos desenham qualquer coisa no papel, e depois discutem porque fizeram aquele desenho. Após a aplicação de algumas dessas técnicas, os idosos perderam a timidez e adquiriram mais autoconfiança o que fortalece a amizade entre o grupo.

Em outro município, onde a coordenadora é pedagoga, foi realizada a “Dinâmica do Abraço”, que consiste em abraçar os colegas, passando um por um. Ela comentou, que o contato corporal entre eles era quase nulo. Hoje em dia, eles chegam e já se abraçam, sem que ela o recomende. No dia em que realizou esta dinâmica, um senhor de 75 anos chegou para ela e disse: “sabe quantos anos eu não abraçava ninguém, e ninguém me abraçou? Vinte anos, desde que minha mulher morreu. E hoje você me fez abraçar e ser abraçado de novo, muito obrigado!”. A coordenadora confessou ter saído muito emocionada desse encontro, e viu que era importantíssimo trabalhar o contato corporal.

Também é importante brincar, rir, divertir-se, viver momentos de alegria, resgatar as brincadeiras que eles vivenciaram quando crianças. Um dos municípios pesquisados colocou como objetivo mostrar aos netos dos idosos as diferenças entre o brincar de hoje e em outras épocas passadas, principalmente, para mostrar o prazer de confeccionar os próprios brinquedos, como a pipa, o pião, a boneca de espiga de milho ou de pano. Os idosos comentam que as crianças de hoje recebem tudo pronto e não dão valor aos brinquedos como eles davam.

As brincadeiras desenvolvidas são variadas, mas existe a preocupação de não infantilizar o idoso. Alguns idosos reclamam; não querem brincar porque não são mais crianças. Algumas brincadeiras nem sempre são aceitas; depende do momento e da forma como são introduzidas.

O lúdico é necessário na vida de qualquer pessoa; não pode ficar fora dos GCs. Para caracterizar o GC como uma atividade de lazer, estas atividades são imprescindíveis. Além disso, é através do brincar e do toque corporal que os idosos podem desenvolver sua auto-estima, a sociabilidade e a afetividade.

Outro elemento importante, para o desenvolvimento dessa atividade é a preparação das coordenadoras. Nos grupos coordenados por profissionais de nível superior, a proposição de atividades é diferenciada. Pela fala delas, sentimos que existe a necessidade de atualização e de cursos de aperfeiçoamento. As coordenadoras ressaltaram que estas atividades exigem muitas idéias, criatividade, e às vezes, não sabem a quem recorrer, ou onde buscar atualização. Talvez sejam necessários mais leituras, para ampliação do conhecimento. Algumas até citaram pesquisar na internet, mas a aquisição de livros não foi comentada por ninguém.

5.3.3 Dança

A dança sempre fez parte das atividades dos GCs, mesmo aqueles que iniciaram suas atividades há 16 anos. Foi uma forma de introduzir alguma atividade física para os idosos, pois não havia professores de Educação Física para auxiliar na proposta de atividades. Como o exercício, a movimentação é indispensável para o idoso, foi escolhida a dança, pois a grande maioria sabia dançar. Os idosos não dançavam mais por não terem oportunidade, ou pela falta de um espaço onde eles pudessem se sentir bem.

Após o lanche ou a palestra, a parte mais aguardada pelos idosos, é a dança. “Se as outras atividades demoram um pouco mais, eles reclamam que terão pouco tempo para dançar”, disse uma coordenadora. “Chega a ser engraçado”, salienta, “quando uma palestra entra na hora da dança eles começam a se remexer nas cadeiras, a se olharem, como que dizendo: quem irá tomar a iniciativa de dizer para pararem de falar?” Outra, salientou que a dança é considerada sagrada, se não é reservado uma parte da tarde para isso, eles não vêm para o GC.

Essa atividade não necessita de coordenador; é só colocar uma música que eles formam os pares e iniciam a dança. A dança é de salão; as músicas variam entre alemãs, sertanejas e gauchescas. Se estão sem o companheiro,

mulher dançam com mulher. Onde há profissionais de educação física, a dança também é realizada por coreografias, sendo as músicas mais variadas, desde músicas religiosas como as do Padre Marcelo Rossi, até pagode e forró.

Em alguns municípios, essa fixação pela dança não ocorre. Uma coordenadora relatou que coloca a música e deixa-os livres para fazerem o que gostam. Nesse caso, geralmente, optam pelo jogo de cartas. As coordenadoras apontaram dois fatores para o desinteresse pela dança: a questão cultural, e, conseqüentemente, não saberem dançar.

A dança além de ser uma atividade lúdica, prazerosa, é uma forma de relembrarem os bailes dos tempos da juventude, pois as músicas são as mesmas. Dançam porque gostam de dançar, sempre gostaram. O GC fé apenas um espaço onde eles novamente podem praticar esta atividade. Hoje já ocorrem os bailes da Terceira Idade, mas, mesmo assim, não querem deixar de dançar nos grupos. Parece que quanto mais dançam, mais gosto por ela adquirem.

A dança também é um exercício: auxilia principalmente, na resistência aeróbia. O trabalho aeróbio auxilia na liberação de endorfinas, hormônios que trazem a sensação de bem-estar, de prazer. Principalmente nos municípios onde não há outro tipo de atividade física, a dança pode ser uma forma de auxiliar na aptidão física dos idosos.

Há diferenças culturais entre uma comunidade e outra, marcadas pelas etnias, alemã, italiana e negra, além do folclore regional. A dança é influenciada por todas as etnias. Alguns municípios não cultivam a dança como forma de preservar a cultura das etnias e o folclore regional. Além, dos grupos de dança, não existem aulas para ensinar os que não tiveram oportunidade de aprender a dançar ao longo da vida.

Como atividade de lazer, a dança proporciona divertimento, prazer, pois é uma atividade de livre escolha. Talvez fosse interessante explorar o gosto pela dança, para estimular a criatividade e a expressão corporal, ou então, para incrementar essa atividade com alongamentos quando ela termina. Seria

interessante um trabalho de ressignificação da dança para os idosos, isto é, poderiam ser propostas atividades complementares a ela, além de oficinas que ensinem os que não sabem dançar.

5.3.4 Atividades livres

Algumas coordenadoras ressaltam a necessidade de uma hora em que eles possam fazer o que quiserem, isto é, deixá-los livres na escolha das atividades, que podem envolver jogos de mesa como bingo/bisca, canastra, roda de chimarrão, conversas, trabalhos manuais, bocha e bolão de mesa.

Nos municípios onde a dança não é idolatrada, o jogo de mesa é a atividade preferencial dos idosos. Assim como ocorre com a dança, conforme relato das coordenadoras, se passa da hora de jogar, eles ficam impacientes, reclamam. Os jogos de mesa são praticamente os mesmos em todos os municípios: a canastra encontra o maior número de adeptos entre os homens; o bingo ou a bisca é o preferido das mulheres. Em alguns municípios foram citados os jogos de moinho, dama, pif e sete baiano, mas estes não são tão comuns.

Os que não gostam de jogar optam pela roda de chimarrão e por conversas em grupos. Alguns idosos gostam de fazer algum trabalho manual como tricô ou crochê, enquanto conversam. Aquele momento, para muitos, é importante, pois somente se encontram no GC. Lá ficam sabendo as notícias do que ocorre no município, ou de contar seus problemas e ouvir os conselhos dos outros. As coordenadoras acreditam que esse momento auxilia na integração e desenvolve a amizade do grupo.

Em alguns municípios os idosos têm a opção de uma cancha de bocha no local do encontro; alguns ainda contam com o bolão de mesa, ou, o bolãozinho. Também percebe-se uma distinção quanto a gênero nessa prática. A preferência dos homens é pela bocha; já o bolãozinho é praticado mais pelas mulheres, apesar de ter a participação de ambos os sexos.

Assim como a dança estas atividades livres, poderiam ser exploradas de outra forma. Como não requerem uma coordenação específica, poderiam ser realizadas como atividades extra GC, principalmente nos municípios onde se desenvolvem mensalmente, ou bimestralmente, incentivando assim que os idosos a ocuparem as tardes livres com atividades que gostam de realizar. A prefeitura deveria disponibilizar um espaço, um centro de convivência. Algumas coordenadoras até citaram que os idosos buscam se encontrar para jogar cartas, tomar chimarrão, conversar fora dos grupos. O entrosamento e as amizades fortaleceram-se, mas o grupo que se encontra não pode ser grande, pois realizam os encontros nas residências.

5.4 Atividades de integração social

Nesta categoria, descreveremos as atividades que são desenvolvidas junto à comunidade: eventos que promovem a integração dos GCs e de todos os idosos do município, mesmo que não participem de algum grupo. Estas atividades sempre são desenvolvidas como atividade extra GC.

5.4.1 Campanhas sociais

Sempre que ocorre uma campanha social dentro do município, as coordenadoras, principalmente as que são assistentes sociais, ou que coordenam esse setor, envolvem os GCs nesta atividade. Dez municípios pesquisados procuram fazer esta integração. A participação é de livre escolha; os integrantes dos GCs são convidados, e eles podem aceitar ou não. O grupo que participa é considerado razoável pelas coordenadoras, geralmente, são as mulheres que mais se envolvem.

Uma das atividades que realizam são as visitas a acamados e doentes. Eles vão às residências ou aos hospitais, onde cantam, rezam, levam mensagens

de otimismo e fé. Em um município pesquisado, eles até organizam uma cesta básica para os carentes.

Outras campanhas que recebem o auxílio dos idosos são: a Campanha do Agasalho, a Campanha Fome Zero, a Campanha Paguei Quero Nota. Em um município, o grupo conseguiu fundos com a campanha do Paguei Quero Nota, para pintar a Igreja e confeccionar uniformes para crianças carentes.

Nos municípios onde há asilo ou lar do idoso, também se promovem momentos de integração. O asilo de um dos municípios pesquisados é muito precário e os idosos que vivem lá são tristes. Quando o GC passa o dia lá, levando comidos e presentes, rezando, cantando e fazendo brincadeiras, é emocionante ver a alegria dos idosos, segundo relato da coordenadora. Já os idosos do GC se sentem realizados com esse trabalho.

Essas participações sociais são fundamentais para promover a cidadania dos idosos, para se sentirem úteis e necessários dentro das comunidades. O trabalho social talvez não se caracterize como uma atividade de lazer, mas pode ser uma forma de ocupação saudável, que faz bem para a auto-estima e para a realização pessoal. Esse tipo de atividade poderia ser pensado e planejado em outros municípios.

5.4.2 Projetos sociais

Os projetos sociais ainda são restritos. Encontramos projetos sociais somente em seis municípios, que planejaram uma integração com a comunidade. Estes projetos são pensados e executados pelas coordenadoras, em conjunto com entidades comunitárias e com outros setores da prefeitura.

Em quatro municípios, foram desenvolvidos projetos de integração com as crianças das escolas e creches, envolvendo atividades de resgate da cultura. Os idosos são convidados para contar como era no seu tempo de criança, para os

alunos. Um município chegou a desenvolver uma exposição com objetos antigos. As escolas foram visitar a exposição para conhecer como viviam os idosos, como era a cultura de antigamente. Na exposição havia o colchão de palha, a vela de querosene, o fogão a lenha; os idosos explicavam como eles escreviam na lousa; como faziam o chinelo de borracha; a sacolinha de pano. As crianças assinaram o livro de presença molhando a pena na tinta, debulharam milho, limpavam o feijão com o ventilador; tiveram até contato com uma eira, que são telões onde se colocava o feijão que era batido com o manguá. “Foi o máximo”, disse a coordenadora, “a expressão de felicidade e prazer das crianças e dos idosos dava gosto de ver”.

Nesse mesmo município, foi realizado um concurso “Eu, vovô e suas histórias”. As crianças redigiam as histórias que os avós contavam; depois da seleção das histórias mais significativas, as vencedoras receberam prêmios e as histórias foram lidas pelas crianças no evento da semana do idoso.

Outro projeto interessante, que foi desenvolvido neste mesmo município, foi "Terceira Idade florindo nossa cidade". A coordenadora relatou que essa atividade foi uma terapia para os idosos. Em uma estufa os idosos plantavam as flores, e depois replantavam-nas nos canteiros da cidade. O envolvimento deles era diário, mas, por motivos financeiros, de doenças e morte, os idosos se desmotivaram e acabou o projeto, que durou um ano.

Em dois municípios, a rádio local abre um espaço para os idosos. Em uma rádio, a programação é voltada para entrevistas com profissionais da área, músicas de bandinhas alemãs, que são as preferidas dos idosos. Na outra rádio, os próprios idosos participam da programação, dão recados para os GCs, cantam ao vivo e são entrevistados pelo coordenador do programa.

Outro trabalho muito interessante foi desenvolvido pela primeira dama, que coordena as atividades para os idosos. O município contratou uma médica que realiza consultas nas residências dos idosos. Todos os idosos que tinham interesse em receber a visita da médica e da primeira dama, faziam a solicitação no Posto de saúde. Elas montaram um cronograma e 1 vez por semana passam

nas residências dos idosos. No início, os idosos ficaram desconfiados. Supunham que a médica iria proibi-los de ir ao médico a que estavam habituados. Aos poucos, elas foram esclarecendo que o objetivo era orientá-los na medicação, levar remédios, autorizar baixas hospitalares, para que eles não necessitassem ir até o posto de saúde. Ao chegar na residência, a médica verificava toda a medicação que estavam tomando, e orientava a melhor forma de consumo, também verificava se estavam tomando medicação sem necessidade. Muitas vezes, eles confundiam a hora de ingerir cada um dos remédios, e ela escrevia nas caixas os horários para eles não se perderem. Também os preparava para a morte, conversava sobre os medos que eles tinham da morte; preparava os familiares para aceitarem que o idoso estava chegando ao fim de sua vida. Nas visitas, chamou a atenção da médica, a beleza da natureza ao redor das residências. Resolveram tirar fotografias dos idosos com paisagens ao fundo; no final de ano, deram-nas de presente para eles. Com esse pequeno gesto, comentou a primeira dama, os idosos sentiram-se gratificados, felizes, pois muitos nunca haviam tirado uma fotografia na velhice, nem haviam percebido como é bonito o lugar onde vivem.

Pelos projetos descritos, percebe-se a importância do planejamento e da execução de atividades junto à comunidade. Sabe-se que há poucos recursos humanos, mas é fundamental o trabalho interdisciplinar dentro da prefeitura, além de procurar parcerias com as entidades sociais.

5.4.3 Eventos festivos

Os municípios desenvolvem diversos eventos durante o ano. Alguns integram grandes eventos dos municípios. A maioria promove festas anuais de integração entre os GCs e os idosos que não participam deles. A organização é feita pela prefeitura, que envolve diversos setores, desde a saúde e assistência social, até, muitas vezes a administração.

Conforme quadro 5 (abaixo), em catorze municípios realiza-se uma grande festa anual de integração para os idosos com o seguinte programa: culto ecumênico, almoço, baile. Alguns municípios, no final de ano, distribuem brindes, inclusive com a participação do Papai Noel. Em um dos municípios pesquisados, devido ao número de GCs, dezoito, reúnem-se as comunidades próximas para o evento, totalizando 6 almoços durante o ano, mas cada GC participa somente de um. Naquele dia é realizado um culto ecumênico e, à tarde, o baile da comunidade onde se realizou o almoço.

As festas anuais geralmente são financiadas pela prefeitura, mas onde recebem verbas dos governos Estadual e Federal, são utilizados, estas, quando sobram recursos ao final do ano.

O quadro 5, abaixo, apresenta o número de eventos realizados por municípios. Destacamos os seguintes eventos citados nos municípios onde ocorre mais de um evento anual: semana do idoso com palestras, missa e baile; Festa de São João; Festa de Natal; Festa Municipal; Chá do dia da Vovó e do Vovô; Baile da Primavera; Missa do Idoso; Conferência Municipal do Idoso; Participação em eventos do município como Semana Farroupilha, Desfile em 7 de Setembro, Festa Junina; Entidades que promovem eventos para a terceira idade; Exposição de objetos antigos; Festa à Fantasia; Campeonato de Bisca e Quatrilho; Dia dos Pais e Dia das Mães; Piquenique; Gincana; Caminhada da Terceira Idade; Ação de Graças.

Além disso, trinta e seis municípios promovem bailes para a terceira idade, totalizando 151 bailes na região, os quais descreveremos em capítulo à parte. Doze municípios promovem excursões, que são realizadas uma vez por ano. Os idosos optam pelo local de acordo com suas condições financeiras. Alguns municípios contribuem com o transporte dessas excursões, e os GCs que dispõem de dinheiro em caixa também ajudam no transporte.

QUADRO 5 – Número de eventos e excursões realizados, por município

MUNICÍPIOS	Excursão	Eventos	MUNICÍPIOS	Excursão	Eventos
Anta Gorda	1	1	Mato Leitão	0	1
Arroio do Meio	0	1	Muçum	0	2
Arvorezinha	1	2	Nova Bréscia	0	2
Bom Retiro do Sul	0	3	Paverama	0	1
Canudos do Vale	1	1	Poço das Antas	0	2
Capitão	0	3	Pouso Novo	0	1
Colinas	0	1	Progresso	1	5
Coqueiro Baixo	0	1	Putinga	0	5
Cruzeiro do Sul	1	1	Relvado	0	5
Dois Lajeados	1	2	Roca Sales	1	3
Doutor Ricardo	0	2	Santa Clara do Sul	1	2
Encantado	0	2	Sério	0	3
Estrela	0	1	Tabaí	0	0
Fazenda Vilanova	0	3	Taquari	0	4
Forquetinha	0	1	Teutônia	1	2
Ilópolis	1	1	Travesseiro	0	2
Imigrante	0	1	Vespasiano Correa	0	3
Lajeado	1	5	Westfalia	1	1
Marques de Souza	0	3			
			Total	12	79

Na grande maioria dos municípios, os eventos anuais integram os calendários oficiais. São considerados atividades promovidas pela prefeitura para a comunidade. Por ser oficial, o prefeito, a primeira dama, o vice-prefeito e vereadores participam destas festividades, o que leva a concluir que adotam as festas como uma intenção de política de seu governo.

As festas, as excursões e os outros eventos sociais caracterizam-se como atividades de lazer, pois promovem a integração dos idosos na comunidade e entre eles. As coordenadoras ressaltaram que estes eventos atingem a participação de 80 a 90% da população idosa de seus municípios. Algumas ressentem-se, pois gostariam que todos participassem dos GCs, assim como participam destes eventos. As coordenadoras acreditam que nesses eventos a participação é maior por receberem presentes, almoço, tudo gratuitamente.

Pelo exposto, percebe-se que existe uma certa singularidade nas atividades promovidas para os GCs dessa região. apesar de terem uma linha em comum no desenvolvimento, e na seqüência das atividades. Os projetos e

programas do governo federal e estadual podem ser considerados políticas descentralizadas. Pelo relato das coordenadoras, o dinheiro é utilizado para o desenvolvimento das atividades para os idosos, não sendo desviado para outros programas. No entanto as ações dos governos municipais deixam de ser políticas públicas em função de não serem apresentadas como diretrizes estabelecidas pelo seu governo. Esses projetos encaminhados foram ações setoriais, durante as gestões 2000 a 2003, em busca de verbas para desenvolverem os programas. Percebemos em um dos municípios que recebeu verba federa que o prefeito nem sabia quais eram as ações e programas realizados para os idosos, pois solicitou, em minha presença, que a coordenadora os citasse.

6 BAILES DA TERCEIRA IDADE

Neste capítulo descreveremos os chamados “Bailes da Terceira Idade”, que são práticas de lazer realizadas para ou pelos Grupos de Convivência dos idosos nos municípios da Região do Vale Taquari. Primeiro faremos algumas conjeturas históricas e análises da quantidade de bailes promovidos pelos municípios. Depois descreveremos as categorias de Organização, Desenvolvimento e Resultados dos bailes.

Os Bailes são um fenômeno social, devido a seu acelerado crescimento e importância na região. A popularização dos bailes ocorreu em meados de 1997. Naquela época foram fundados os Grupos de Convivência e se consolidaram as ações municipais. Os bailes iniciaram como uma forma de confraternização em datas comemorativas, tais como Natal e Páscoa, e como “Baile de aniversário” de fundação dos GCs.

Muitos idosos entrevistados confessaram que antes dos bailes para a terceira idade não tinham oportunidade de dançar. Um senhor disse que “nos bailes dos jovens é muito barulho” (R.C, 72 anos). O barulho a que se refere é a música, os ritmos tocados nos bailes dos jovens. Estavam acostumados, quando jovens, a irem em bailes onde dançavam músicas de salão. Frequentavam bailes uma ou duas vezes por ano, em especial os “Bailes de Kerb”, além das festas comunitárias, disse um dos coordenadores.

De acordo com as coordenadoras municipais, em 2003, ocorreram 151 bailes na região, o que representa uma média de cerca de 12 bailes por mês. Os municípios que realizaram maior número de bailes foram: Lajeado com 25 bailes; Teutônia, com 19; e Arroio do Meio com 18 bailes. Os demais municípios promovem bailes com menor freqüência, ficando entre 1 e 8 bailes anuais. Apenas um município não organizou bailes. (QUADRO 6)

Em Estrela, os GCS têm total autonomia e optam por promover ou não algum baile. Existem 26 GCs, mas ocorrem em torno de 9 bailes organizados pelos GCs; a prefeitura proporciona um baile anual. No município onde não ocorreu baile, não foi por desinteresse dos idosos, mas por não ser uma prioridade no programa de atividades do GC, comentou a coordenadora.

Embora não seja regra geral, o número de bailes por município está relacionado com o número de GCs, pois cada grupo quer comemorar seu aniversário de fundação. Em alguns municípios, os bailes ocorrem em função de datas comemorativas, como o carnaval, a primavera, e ou temáticas, como o Baile do Grenal, promovido em Encantado, ou o Festival de Grupos de Dança, em Colinas.

QUADRO 6 – Número de bailes realizados, por município

MUNICÍPIOS	BAILES	MUNICÍPIOS	BAILES
Anta Gorda	3	Mato Leitão	1
Arroio do Meio	18	Muçum	2
Arvorezinha	1	Nova Bréscia	1
Bom Retiro do Sul	5	Paverama	1
Canudos do Vale	5	Poço das Antas	1
Capitão	4	Pouso Novo	1
Colinas	4	Progresso	2
Coqueiro Baixo	0	Putinga	1
Cruzeiro do Sul	2	Relvado	1
Dois Lajeados	1	Roca Sales	1
Doutor Ricardo	1	Santa Clara do Sul	1
Encantado	4	Sério	2
Estrela	9	Tabaí	4
Fazenda Vilanova	2	Taquari	4
Forquetinha	4	Teutônia	19
Ilópolis	2	Travesseiro	7
Imigrante	4	Vespasiano Correa	1
Lajeado	25	Westfalia	5
Marques de Souza	2		
		Total	151

6.1 Organização dos bailes

Existem duas formas de organização dos bailes. Pelo relato dos coordenadores, a forma mais comum é o realizado através dos GCs, que tem autonomia e responsabilidade com todas as despesas e lucros. Geralmente, a prefeitura dá alguns apoios. A segunda forma é realizada pela Prefeitura, auxiliada pelos GCs, que não tem autonomia.

As entrevistas com os organizadores dos bailes evidenciaram que as diretorias dos GCs são responsáveis pela sua organização. As atribuições são distribuídas de acordo com o cargo exercido no GC. O presidente é responsável pela organização geral; o vice-presidente auxilia na organização do pessoal que vai trabalhar no dia; o tesoureiro, trata das compras, dos gastos e da copa; a secretária organiza a cozinha e a ornamentação. Os organizadores são unânimes em dizer que todas as decisões são tomadas em conjunto, “nada é imposto pelo presidente, todos podem dar suas sugestões, e depois avaliam qual é a melhor”.

O primeiro passo é a definição da data do baile, que, geralmente, é definida em conjunto com a prefeitura e colocada no calendário de eventos municipais. O calendário é estabelecido anualmente, sendo aprovado no final do ano anterior. A partir da definição das datas, são feitas as reservas dos locais onde acontecem os bailes.

Na maior parte dos municípios, os bailes ocorrem nos salões comunitários, que pertencem à prefeitura ou às associações dos bairros. Em alguns casos, foram construídos pela própria comunidade. Um coordenador salientou que esses salões, geralmente, são administrados por pessoas, chamados ecônomos, que cuidam da limpeza, da conservação e da utilização do espaço. Em alguns municípios, não é cobrado aluguel, mas a maioria cobra. Alguns organizadores reclamaram do valor; sentem-se prejudicados, não valorizados pela sua comunidade, uma vez que foram eles que auxiliaram na construção.

A definição do conjunto musical deve ser feito com antecedência. Para os organizadores, a animação e o sucesso do baile depende de um conjunto que

agrade a todos. Os conjuntos são da região, sendo seu estilo de música voltado para a cultura alemã, sertaneja, gauchesca e italiana. Segundo os organizadores os idosos, em geral, não apreciam o som mecânico. No entanto quando a prefeitura organiza o evento, não cobra ingresso, geralmente é colocado som mecânico, por ter um baixo custo.

Após as definições de data, local e conjunto musical, inicia a divulgação dos bailes, realizada através dos meios de comunicação local, como as rádios e jornais, no espaço fixo das prefeituras. Uma rádio regional abre espaço gratuito para os idosos divulgarem seus bailes, não importando o município de procedência. Também são confeccionados convites distribuídos pelo correio, ou entregues pessoalmente em outros bailes.

Tanto nas falas dos organizadores, como na dos idosos, é destacada a regra social para a escolha dos municípios a serem convidados para os bailes, ou para participarem destes eventos. Esta regra é uma forma de troca, de retribuição à visita recebida. Quando realizam o baile, vários GCs da região participam. O GC que promoveu o evento tem o compromisso de participar do baile de todos os GCs visitantes. Os idosos levam esta regra muito a sério. Em um dos bailes freqüentados, a representação de um município que era esperado não compareceu. Os organizadores se mostraram muito chateados com a falta e disseram que “vão pensar bem se vão participar de um baile neste município novamente”.



Fig. 2 – Foto das gildas – Fazenda Vilanova – 12/05/04

Os salões são arrumados e ornamentados um dia antes, ou na manhã do evento. Fazem parte da ornamentação os balões que, tradicionalmente, são estourados no decorrer do baile; alguns municípios colocam as Gildas (FIGURA 2) que são garrafas plásticas penduradas no teto, enfeitadas como bonecas. Segundo um coordenador, “quem as retira deve pagar 4 cervejas para seus amigos”. A arrumação das mesas geralmente é feita pelos idosos; alguns se queixam que ficam com o “corpo duro de fazer muita força”. Eles carregam mesas, cadeiras, tábuas, cavaletes, e, provavelmente, ficam doloridos devido ao esforço excessivo. Mas não se importam, dizem que vale a pena todo esse esforço só de ver o salão cheio de pessoas se divertindo, de verem o sucesso de seu baile.

6.2 Desenvolvimento dos bailes

Os bailes contam com duas figuras importantes: o Rei e a Rainha do GC (FIGURA 3). Eles geralmente são escolhidos nos bailes e sua gestão é anual ou bianual. Os candidatos são casais, sendo os quesitos de escolha: o grau de simpatia, de alegria, de animação e de desinibição. Em alguns municípios a escolha é feita por sorteio. A função deste casal é divulgar o baile nos outros bailes, conversar com os participantes, mostrar que são animados e que merecem a visita deles. No dia do baile, eles ficam na porta recepcionando os outros GCs e a comunidade em geral. Também participam da cerimônia de abertura.



Fig. 3 Rei e Rainha do baile – Arroio do Meio – 03/04/2004

A cerimônia de abertura geralmente é comandada pelos coordenadores da prefeitura, ou pelo coordenador do GC. Os bailes iniciam às 13h30 min; os ônibus chegam todos no mesmo horário. Ocorre uma aglomeração de pessoas para entrar no salão. Todos entram em filas, aos pares, conduzidos pelo rei e pela rainha do grupo (FIGURA 4). A banda toca uma música, e é anunciado no microfone a procedência do GC. Eles desfilam no salão, dançam por alguns segundos e escolhem um local nas mesas para sentarem. Após a apresentação de todos os grupos participantes, é feito um círculo, para dançar a “Valsa da Terceira Idade”. Alguns municípios, contam com a presença do prefeito e primeira dama, que acompanham os reis e rainhas, e os coordenadores de GCs na dança da valsa, no meio do círculo feito pelos demais participantes.



Fig.4 Cerimônia de abertura – Arroio do Meio – 03/04/2004

Esta acolhida inicial é representativa para os idosos. eles demonstram satisfação ao desfilarem, e dizerem “estou aqui”; abanam para seus amigos, que também vieram para a festa. Durante a valsa da Terceira Idade, todos cantam e vibram durante o refrão “Vejam que turma legal, Hei! Vejam que alto astral, hei! Viva a Terceira Idade”. Esta valsa é uma forma de veneração à faixa etária e ao momento de vida por que passam; assim, a auto-estima é estimulada, pois eles sentem-se valorizados, bem-vindos, acolhidos.

A partir da fala dos idosos foram levantadas quatro categorias relativas ao desenvolvimento do baile: particularidades do baile; lazer e divertimento; integração social; saúde e bem-estar.

6.2.1 Particularidades dos bailes

Os bailes duram em torno de 4 a 5 horas. São realizados durante a tarde com início às 13h30 min e término entre 17h30 min e 18h30 min. O fato de ser de dia é um dos motivos pelo qual eles gostam de participar do evento. Eles preferem que seja durante o dia, porque de noite seria bem mais cansativo. Alguns temem pela segurança, sentem-se mais seguros à luz do dia. Acreditam que à tarde é mais divertido, vêem melhor quem está presente.

Outro motivo de sucesso dos bailes é o baixo custo para os freqüentadores. A grande maioria recebe um salário mínimo de aposentadoria. Como eles dizem, “o dinheiro é curto”; se tivessem que gastar muito não poderiam ir. O valor do ingresso varia entre R\$1,00 e R\$3,00. Os organizadores determinam o valor do ingresso, de acordo com as despesas e o número de participantes esperado para o baile. Os organizadores são unânimes em afirmar que não gostam de explorar, querem que os outros grupos freqüentem seu baile e se sintam bem, que gastem pouco com seu divertimento. Como eles conhecem as dificuldades e gostam dos bailes, procuram amenizar o máximo possível. O que importa é poder freqüentar muitos bailes ao longo mês. Se houver exploração diminuem os freqüentadores. A regra é agradar a todos os convidados.

Outra motivação é o sorteio de brindes; os ingressos são numerados e sorteados na metade do baile. Alguns grupos entregam brindes aos GCs participantes; geralmente são balas, que podem ser divididos entre os integrantes. Numa das localidades pesquisadas, Forquetinha, não é cobrado ingresso, mas é vendida uma rifa que cubra as despesas. Todos colaboram comprando os números da rifa, valor no de R\$1,00. O presidente do GC acredita que esse seja o motivo de os seus bailes sempre serem um sucesso, estarem sempre cheios. O

lucro vem do consumo de bebidas e comes ao longo da tarde. Para arrecadarem fundos para as saídas aos outros municípios, realizam um baile bimestralmente, nesse GC.

Outro município, Arroio do Meio, aboliu o sorteio dos brindes, pois causava descontentamento entre os freqüentadores, pois atrapalhava demais, o baile parava uma meia hora, o que desmotivava os dançarinos. No baile de Fazenda Vila Nova após o sorteio de brindes muitos idosos foram. No baile em Forquetinha agilizaram esse sorteio, não demorando mais de 10 minutos, assim o baile fluiu melhor.

6.2.2 Lazer e divertimento

Ao longo do baile é impressionante a disposição, a energia e a animação dos idosos. Mesmo com dificuldades físicas, muitos idosos procuram dançar, nem que seja bem lentamente. Outros, quando os problemas de saúde não permitem, somente assistem aos outros dançando; vão ao baile para conversar, olhar. (FIGURA 5). O olhar dessas pessoas é saudoso, com a recordação dos tempos em que podiam se movimentar melhor. Uma senhora disse “se posso olhar como eles dançam e escutar a música, já é bom, me divirto também” (M. 72 anos). Outra senhora sentada próxima à pista, ria sozinha, o olhar distante, o semblante de prazer; olhava as pessoas dançando, numa clara demonstração que se recordava de momentos bons de sua vida. (DIÁRIO DE CAMPO, 27/03/04)



Fig. 5 Idosos nas mesas – Arroio do Meio – 03/04/2004

O divertimento, motivo que geralmente os leva para os bailes, é às vezes aliado ao distrair-se, ou a um passatempo, ao lazer, ou, ainda à alegria e à felicidade (FIGURA 6). Segundo alguns depoimentos, é melhor divertir-se do que ficar em casa. Alguns alegaram que já haviam “trabalhado de chega”, referindo-se ao trabalho desgastante da agricultura, ou que antes não havia tempo para isso; era só cuidar dos filhos e trabalhar. É notório a idéia do lazer como um passatempo, uma distração, algo oposto ao trabalho, uma forma de saírem da rotina para se recrearem.



Fig.6 Idosos em momento de divertimento – Muçum – 21/02/2004

O sábado à tarde era ocioso; era dia em que geralmente não se trabalhava na roça; quando muito se executavam tarefas domésticas. Alguns confessaram que “não havia nada para fazer, a não ser olhar televisão, ou olhar para as paredes, ou tomar chimarrão, era triste não era bom” (R. 63 anos). Essa tristeza a que se referem é sintoma de depressão, pois muitos confessaram que vão ao baile para distrair-se, para não pensar nos “problemas”, “nas coisas ruins”, nas doenças. Não mencionavam abertamente a que “coisas ruins” se referiam, mas provavelmente, vêm das perdas que já sofreram, filhos, marido, entes queridos, e por causa do medo da morte.

A alegria, a felicidade estampada nos semblantes, a forma como dançam é a demonstração desse divertimento. Brincam, riem, fazem palhaçadas, fazem festa. Alguns conjuntos surpreendem os foliões descendo do palco e indo tocar nas mesas (FIGURA 7). A euforia é enorme; pulam, dançam rapidamente, rodam, é o auge da festa. Aqueles que gostam de dançar e apresentam condições físicas, dançam a tarde toda; saem da pista molhados de suor. (diário de campo, 20/03/04)



Fig.7 Músicos sobem nas mesas – Lajeado – 20/03/2004

O gosto pela dança não surgiu agora, nesta faixa etária. Muitos disseram que sempre gostaram de dançar; quando eram jovens, eram assíduos freqüentadores de bailes. “eu sempre gostei do baile, e vou gostar cada vez mais,

eu acompanho os idosos, pra mim desde que surgiu é uma coisa boa. Não foi uma surpresa, eu sempre achei que um dia nós ia ter isso aqui. Eu sempre gostei de baile, e gosto mesmo. A dança é o máximo pra mim” (N. 73 anos). Essa disposição para acompanhar os bailes não mudou com o passar do tempo; alguns acreditam que até aumentou a vontade de dançar. Se não há quem faça o par, dançam sozinhos. Alguns grupos se formam ao redor da pista, ou das mesas, dançam individualmente, em roda (FIGURA 8). Às vezes, quando toca uma música de sua preferência, ou se movimentam sentados mesmo, ou se põe em pé, dançam e cantam euforicamente. (DIÁRIO DE CAMPO, 17/04/04, 20/03/04, 03/04/04, 27/03/04, 06/03/04)

Os estilos das músicas preferidas são as valsas e as rancheiras. Se a pista estiver meio vazia, e toca uma música que apreciam, a pista lota. Ao término de uma música, todos param de dançar e prestam atenção ao novo ritmo. Se gostam, continuam; se não vão sentar-se. Os músicos se esforçam para manter a pista sempre cheia. Os músicos costumam deixar as “melhores músicas”, as preferidas, para o final do baile. Acreditamos que esta estratégia seja para não desanimarem com o cansaço do final de baile. E dá certo. Enquanto o conjunto toca, alguns não param. Os ônibus começam a ir embora a partir das 17h30 min. Muitos resistem em sair do salão, se a música for de seu agrado. No baile em Anta Gorda, o ônibus estava na porta do salão, e alguns não queriam sair. Quando terminava uma música e se dirigiam à porta dançando, se a próxima música era do seu agrado, voltavam para a pista “só mais uma”, e assim foi por mais ou menos 15 minutos. (DIÁRIO DE CAMPO, 17/04/04, 20/03/04, 03/04/04, 27/03/04, 06/03/04)



Fig.8 Grupos dançando fora da pista – Lajeado – 20/03/2004

6.2.3 Integração social

Um fator social importante, que motiva os idosos a participarem dos bailes são as amizades, a integração social que proporciona (FIGURA 9). Essa integração é tanto intramunicipal como intermunicipal. Promovendo bailes em cada comunidade onde funciona um GC, oferece-se a oportunidade de conhecer e reencontrar amigos e parentes e fazer novas amizades. Um senhor disse: “Eu acho que o baile é uma integração, por exemplo o pessoal de Palmas, e de Arroio Grande, eles iriam se encontrar talvez uma vez por ano, e agora tem oportunidade de se encontrar 2 a 3 vezes por mês, é parentes, amigos, fica todo mundo junto.” (I., 55 anos). Outro senhor disse: “Antigamente eles tavam tudo em casa, e os jovens diziam que devia ficar em casa, e eles saíam. Hoje em dia não é assim, são poucos que estão cabresteados, isso é bom. Se têm baile, eles vêm, e a gente ajuda a puxar e empurrar para colocar no ônibus. Eu gosto de ver todo mundo de novo, tem pessoas que 60 anos não via mais. Eu não conhecia nem ¼ dos idosos do meu município, agora conheço todos.” (A., 69 anos). Esse de auxílio aos mais debilitados demonstra a amizade que eles possuem no grupo, a vontade de estarem todos juntos, não importando o esforço.



Fig. 9 Idosas abraçadas – Lajeado – 20/03/2004

Em vários relatos apareceram estes aspectos. São muito significativos para eles as amizades, o reencontro com pessoas que conheciam. Nas falas acima

fica evidente essa integração intramunicipal. A intermunicipal é destacada nas seguintes falas: "A gente vê os idosos felizes dançando, anos atrás, 10, 15 anos, não existia, e hoje os adultos também têm oportunidade de se divertir. É muito bonito as comunidades se encontrarem, fazerem suas festas em conjunto, assim a gente se sente bem, conhece novos amigos." (A. 61 anos); "Eu já fui presidente, coordenador, e o que eu acho mais importante é os bailes, é o que nos diverti, nós arrumamos mais amizades, conhecemos pessoas de tudo que é lugar. Isso devia ter começado a pelo menos 20 anos atrás. (E., 69 anos); "eu acho bonito, todos vêm de diversas localidades, e a gente conhece bastante pessoas diferentes. A gente encontra os parente, é bonito". (I., 67 anos); "Os parentes a gente se encontrava só nos enterros. E com o baile, a gente pode encontrar os amigos, os parentes em festas, não só nos enterros. Eu encontrei muito parente e amigo nos bailes que eu não encontrava assim. (R., 60 anos)". Em outras falas, dizem que sentem muita alegria ao reencontrar esses amigos, parentes, e até "aprendem a conhecer o amigo de novo". Quer dizer, retomam os laços afetivos e a cumplicidade de anos atrás.



Fig. 10 Idosos dançando em roda – Colinas – 06/03/2004

A amizade é demonstrada em diversas situações: dançam em grupos, com três, quatro ou mais pessoas abraçadas ou de mãos dadas (FIGURA 10). Conversam animadamente, geralmente, com algum toque de carinho, ou de mãos dadas, ou abraçados, ou passando a mão sobre os ombros do outro. São mais

visíveis estas manifestações de carinho entre as mulheres. Os homens também se abraçam e se tocam, mas há muito mais reserva do que entre as mulheres; aparentam um certo constrangimento ao demonstrarem afeto entre eles.



Fig. 11 Idosas dançando – Lajeado – 20/03/2004

É comum as mulheres dançarem em pares; quase sempre são a maioria no salão (FIGURA 11). Não se constrangem; algumas até preferem dançar com mulher, dizem que não querem “arrumar” homem. Mas, não é regra geral, pois muitas manifestam a pretensão de arrumar um companheiro. Segundo as coordenadoras os bailes são uma oportunidade de se encontrarem; já ocorreram, vários casamentos, a partir de encontros propiciados pelos bailes. Conversamos com alguns casais que se formaram nos bailes: alguns casaram; outros vivem juntos; outros só estão namorando e encontram-se nos bailes (FIGURA 12). Para eles, o baile é a grande motivação de suas vidas. Foi o baile que lhes proporcionou viver novamente um romance; hoje eles estão felizes, alegres, com seu companheiro(a).

No decorrer do baile, foram raros os momentos em que presenciamos casais trocando beijos. Os beijos são um tocar de lábios, rápidos, mas com demonstração de afeto, de prazer. Eles dizem que o que diferencia o baile deles do dos jovens é que eles “entram com respeito e saem com respeito”. Outros disseram, “aqui não tem aquelas sem vergonhice, malandragens dos jovens”. Às

vezes, alguns casais se afastam dos outros, nos cantos do salão, para conversarem bem juntinhos, de mãos dadas. Eles revivem o namoro de antigamente. Em público, não tomam nenhuma atitude que consideram um desrespeito aos demais participantes.



Fig. 12 Casal de idosos – Muçum – 21/02/2004

Nem tudo é felicidade. Alguns confessaram suas mágoas em relação aos bailes. Nem sempre o homem ou a mulher gostam de freqüentar os bailes e deixam o outro ir sozinho. Já ocorreram separações de casais com mais de 40 anos de casados. Por isso, um senhor disse: “a minha esposa não gosta de vir nos bailes, e a gente têm um pouquinho de medo, ou algumas coisas que não gosta de ver. A gente têm que ter respeito, têm que pensar que já vivi a minha vida, têm que respeitar o passado e o presente” (A. 80 anos); Outro depoimento: “Esses bailes da Terceira Idade é bonito, mas para aqueles que sabem se controlar. Tem que ter respeito, alguns velhos não têm, eu tenho vergonha. Uns dançam com a mulher dos outros, daí se separam, têm filhos, eu acho uma falta de vergonha. Eu era casado 46 anos com a mulher, e eu ainda gostava dela”. (A. 75 anos) As coordenadoras municipais se preocupam com esses fatos que são um problema social a ser contornado. Muitos casais idosos vivem juntos por causa da família, não pelo relacionamento em si. Ao saírem, o reencontro com antigas amigas, ou o despertar de um novo romance traz um novo alento para

vidas que já estavam acomodadas. Não queremos de forma alguma julgar se esses fatos são positivos ou negativos, mas trazer o tema para uma reflexão: o namoro, os casamentos, as separações, o reencontro de amores antigos, os amores, o prazer no relacionamento, a felicidade de estar com alguém de quem gostam e a amargura de perder esse alguém, com quem se acostumaram a conviver durante boa parte de sua vida.

Hoje, é comum encontrarmos nos bailes, pais e filhos. Os filhos levam os pais aos bailes. É permitida pelos organizadores, a entrada de pessoas a partir dos 40 anos. Se aparecer alguém com idade inferior, não é barrado, pode participar. Os filhos, colocaram que gostam de acompanhar os pais; além disso, o baile da terceira idade, é uma opção para quem não gosta de freqüentar bailes de jovens, e gostam de dançar músicas de salão. É bastante comum a presença de jovens que preferem o estilo de música alemã.

6.2.4 Saúde e bem-estar

A dança é vista, também, como uma atividade física que faz bem à saúde. “O baile é nosso médico, se eu vou pro baile eu não tenho dor nas pernas por uns três dias, ele também me tira a depressão, me sinto mais feliz. Eu acho que devia ter mais bailes, daí eu não iria mais ter dor nas pernas.”(I. 63 anos); “Isso pra mim é um esporte, uma ginástica, uma terapia para a minha cabeça. Eu entro no salão e esqueço de tudo lá fora, todos os ai, ai, ai ficam lá fora.” (A., 62 anos); “é uma terapia pros idosos, eles dançam, se animam, não precisa tomar tanto remédio. Dançando o corpo não fica tão duro”. (T., 61 anos); “porque é um novo remédio que surgiu pros idoso. A gente esquece as dificuldades, as doenças, se diverte com os amigos, é uma coisa boa. Se não fosse isso, muitos idosos já teriam morrido. E assim eles vão de bengala, até ali, depois largam e vão dançar, é coisa bem boa, é de sábado, domingo, segunda, quando tem dele que te dele, tem que aproveitar, a morte é certa né?” (D., 68 anos)

A dança é uma atividade física aeróbia, que auxilia nos problemas circulatórios. A falta de movimento, a vida sedentária que a maioria leva, dificultam a autonomia na realização das atividades. A dança melhora a qualidade dos movimentos, a agilidade, a coordenação, trazendo-lhes a sensação de estarem rejuvenescendo, voltando a ter mais mobilidade articular. “Eu adoro, parece que estou mais nova, com uns 15 anos” (M. 69 anos). Com isso eles sentem que estão mais saudáveis.

O divertimento, a distração, faz com que eles esqueçam as dores, os seus problemas. As coordenadoras já haviam comentando que é incrível o “efeito baile”. Elas dizem que, durante a semana, há pessoas que se arrastam para caminhar, reclamam de dores no corpo, usam bengala, mas, no dia do baile, eles não têm nada, caminham normal, não demonstram dificuldades. É comum ao redor do salão, embaixo das mesas, estarem várias bengalas encostadas e seus donos dançando na pista.

Uma senhora disse “se fosse por mim, eu acho que em casa é uma solidão, e nos bailes a gente pode se divertir, até esquece a dor que tem nas pernas, pra vir no baile, eu tenho problema no joelho, descansei toda a manhã com as pernas pra cima, pra vir hoje de tarde. Eu me sinto com 25 anos só por causa desse baile” (I., 59 anos) Hoje eles procuram cuidar mais dos seus problemas de saúde para que eles não interfiram no divertimento. Antes, muitos, quando ficavam doentes, ou surgia alguma dor, se entregavam ao problema, como uma forma de chamar a atenção de seus familiares. Hoje em dia, procuram o médico, ou seguem à risca as orientações do médico para estarem bem, para poderem ir ao baile.

Apesar dessa preocupação com a saúde, alguns colocaram que o baile é uma das últimas diversões de sua vida. Como foi citado acima, eles sabem que a morte é certa. Eles também acreditam que o baile os ajuda a viverem mais. Muitos disseram que se antigamente seus pais tivessem essa oportunidade, não teriam morrido tão cedo e tristes. Inclusive, colocaram como uma dificuldade por que passaram, a depressão dos seus pais, e o fato de não saberem lidar com ela.

6.3 Resultados dos bailes

Em todos os bailes, o salão estava sempre lotado, mesmo que em alguns locais fosse o salão um pouco menor. Na tabela 9 temos o número de participantes em cada baile, e os municípios visitantes em cada um deles. Somente em Anta Gorda não visavam lucro na festa; a copa era explorada pela comunidade.

QUADRO 7 – Municípios visitantes, por baile, por município

Municípios	Total	Municípios visitantes
1.Anta Gorda	250	Só municipal
2.Arroio do Meio	1.300	Estrela, Teutônia, Westfália, Bom Retiro do Sul, Lajeado, Travesseiro, Capitão, Colinas.
3.Colinas	585	Westfália, Bom Retiro do Sul, Estrela, Cruzeiro do Sul, Santa Clara do Sul, Igrejinha, Três Coroas.
4. Fazenda Vilanova	450	Estrela, Teutônia, Colinas, Westfália, Paverama
5.Forquetinha	300	Travesseiro, lajeado
6.Lajeado	504	Travesseiro
7.Muçum	350	Encantado, Vespasiano Corrêa, Anta Gorda, São Valentin do Sul
8.Travesseiro	360	Nova Bréscia, Pouso Novo, Marques de Souza, Progresso

Pelo quadro 7, acima, de municípios visitantes em cada baile, percebe-se que a integração entre os municípios é mais microrregional, apesar de os idosos comentarem que nos bailes eles conhecem pessoas de diversas cidades. É possível que os organizadores desconheçam a procedência de todas as pessoas que vêm ao baile, pois registra-se apenas o Grupo de Convivência que veio de outra cidade, que se apresenta na abertura.

Em todos os bailes há venda de doces e salgados. O lucro é baixo, pois é cobrado um preço acessível para não explorar. Na maioria dos casos, os comens são feitos pela equipe que trabalha na cozinha. Sempre procuram oferecer o que consideram de preferência dos freqüentadores. Nas comunidades de origem alemãs, vende-se cuca com lingüiça. Em todos, o pastel é o preferido. Somente

em um baile, pesquisado, a venda foi feita no balcão da cozinha. Nos demais, duas ou mais pessoas passavam de mesa em mesa para vender os comes, pois há muitos idosos com dificuldade em se locomover. Dessa forma, também não se formam filas de espera. As pessoas ficam se divertindo, sem preocupação de enfrentar filas. As bebidas também são servidas nas mesas.

QUADRO 8 – Quantidades de bebidas e comes consumidas nos bailes, por município.

Municípios	Cerveja	Refri	Comes
1.Anta Gorda	8 caixas	5 caixas	400 pastéis, 2 tortas, sagú, sorvete
2.Arroio Do Meio	52 caixas	46 caixas	600 pastéis, 9 cucas
3.Colinas	24 caixas	17 caixas.	300 pastéis, 2 tortas grandes
4. Fazenda Vilanova	25 caixas	18 caixas	10 cucas, 2 tortas, 14Kg lingüiça, 80 pastéis
5.Forquetinha	15 caixas	8 caixas	150 pastéis, 8 cucas
6.Lajeado	27 caixas	10 caixas	400 pastéis, 3 tortas
7.Muçum	10 caixas	7 caixas	300pastéis, 2 tortas grandes
8.Travesseiro	14 caixas	7 caixas	100 pastéis, 20 cucas, 10Kg de lingüiça, 1 torta de 5 kg

É impressionante a quantidade de cerveja consumida nos bailes. Nos municípios de origem alemã o consumo é maior. Em Anta Gorda e Muçum, de origem predominantemente Italiana, o consumo é razoável. Como a grande maioria vai e volta de ônibus, não controlam a ingestão da bebida. Muitos disseram que gostam de vir ao baile para beber cerveja (FIGURA 13). A cerveja é que gera o maior lucro da festa. Cobra-se menos na entrada e no comes, em relação aos bailes dos jovens, mas o preço da cerveja é o mesmo. Ainda assim, o consumo é grande.



Fig. 13 idosos bebendo cerveja – Forquetinha – 13/03/2004

Para muitos GCs, o lucro dos bailes sustenta as idas aos bailes em outros municípios. Quando o lucro é bom, alguns ainda realizam almoços para comemorar. Outros também aplicam este lucro em excursões ou piqueniques.

Desta forma, os GCs conquistam uma certa autonomia para realizar atividades de lazer de sua preferência. A grande maioria opta pelo baile. Acreditamos que a opção se justifica pelo fato de estarem habituados e gostarem de bailes; além disso, o dinheiro arrecadado é limitado. Os custos para realizar excursões, por exemplo, são bem maiores do que as idas aos bailes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DE PESQUISA

Este estudo buscou descrever, compreender e analisar as políticas, os projetos e as atividades de Lazer desenvolvidas para os idosos na Região do Vale do Taquari. Salientamos que estas considerações não são conclusões definitivas, mas reflexões que podem suscitar novos questionamentos e gerar novos temas para pesquisas posteriores. As informações obtidas nesta investigação demarcam especificamente os sujeitos dessa pesquisa, não objetivando generalizações. Mas estas considerações não impedem que outras pessoas sintam-se motivadas em buscar, em outros contextos, com outras pessoas, elementos, informações e análises desta pesquisa.

As principais atividades e projetos que podem ser consideradas como atividades de lazer são os Grupos de Convivência (GCs) e os bailes. Na verdade, os bailes surgiram a partir dos GCs. Todas as atividades e projetos de lazer desenvolvidos nos municípios estão relacionados com os grupos. No entanto, resolvemos estudá-los à parte, devido ao número de bailes realizados por ano e o grande envolvimento dos idosos nestes eventos.

Resgatando as idéias que vimos no capítulo que discute o lazer entendemos que o tempo e atitude são os elementos principais para dimensionar o lazer para os idosos. Os dados colhidos junto aos idosos evidenciaram que o tempo para muitos é enfadonho, desocupado. Há necessidade de ocupar o tempo com alguma distração, passatempo. Muitos idosos não tinham mais nenhuma ocupação antes de participarem dos grupos de convivência, o que gerava tristeza

e depressão. Esse quadro comprova as idéias de Rodrigues e Rauth (2002) ao salientarem que o idoso nem sempre vive um tempo de liberdade após a aposentadoria, ao contrário, para muitos, é um tempo inútil, sem sentido, vazio, enfim, a aposentadoria é um engodo.

O idoso, conforme Gaelzer (1979) alimenta o desejo de manter-se ativo, pois a apatia lhe é insuportável, o que foi confirmado em muitos depoimentos. Apesar de os municípios promoverem diversas atividades que envolvem os grupos de convivências, entendemos que o tempo desocupado desses idosos talvez necessite de mais ações, ou de mais opções de lazer. Não podemos deixar de salientar que em muitos municípios, a freqüência de encontros dos grupos é mensal. Fica a dúvida se, com apenas um encontro mensal, as necessidades de lazer, de ocupação estejam sendo realmente supridas. Os bailes até ocorrem com maior freqüência, e muitos idosos freqüentam esses bailes quase todos os finais de semana. Mas não podemos considerar como uma regra geral dos idosos da região do Vale do Taquari. Para os idosos dessa região poderem ocupar seu tempo disponível, ou desocupado, os coordenadores dos grupos de convivência necessitam avaliar, conhecer, as reais necessidades de lazer dos idosos e replanejar suas ações.

Marcellino (2000), caracteriza o elemento atitude de lazer, pelo tipo de relação com a experiência de vida e a satisfação pela atividade realizada no tempo livre. Nesse sentido, pode-se dizer que as atitudes dos idosos ao desenvolverem as atividades podem ser caracterizadas como favoráveis ao lazer considerando a satisfação que sentem ao participarem da atividade. Essa afirmação é baseada nas observações realizadas nos bailes, nas falas das coordenadoras e nas dos próprios idosos, que confessaram que sempre gostaram de participar de bailes quando jovens, e que isso não mudou. Hoje gostam de participar dos bailes tanto quanto gostavam na época da juventude. O que lhes atrai são as músicas de sua época, a dança, as amizades feitas e os reencontros com amigos, parentes que a tempo não viam.

Já os Grupos de Convivência são experiências novas, porém influenciados pela sua experiência de vida. Acredito que esse seja um dos motivos que explica

resistência a certas atividades que as coordenadoras tentam introduzir nos grupos. Não são todos que gostam de fazer exercícios, ou trabalhos manuais. Muitos não assumem uma atitude aberta a aprenderem algo novo, em função da rigidez de pensamento. Conforme Iwanowics (2000), muitos idosos dependem de possibilidades adequadas e acessíveis à sua participação nos grupos de convivência, de acordo com os hábitos formados ao longo da vida. Contudo, concordando com as idéias de Dumazedier (2001), é fundamental que o idoso aprenda a adaptar-se a situações novas, a aceitar o novo e a não ficar preso a automatismos do pensamento. O desenvolvimento da personalidade do idoso deveria ocorrer através de novas aprendizagens que contribuam para o surgimento de condutas inovadoras e criadoras. Os grupos de convivência são espaços que poderiam ser utilizados com esta finalidade. Estas atividades podem ser vistas, também, como uma forma de lazer educativo. Os idosos aprendem a ocupar seu tempo livre, a programar atividades e encontros com seus amigos. É uma nova perspectiva de vida, de objetivar sua existência, e não somente esperar a morte chegar. Em muitas ações descritas, há indicativos de que tenham promovido esse desenvolvimento da personalidade, a do lazer educativo, mas, novamente, a falta de avaliação dessas ações por parte dos dirigentes municipais, põe em risco tais deduções.

O Brasil, na Constituição de 1988, no Capítulo II, instituiu como direitos sociais o lazer, entendido como uma oposição ao conjunto das necessidades e obrigações do cotidiano, ou seja, são atividades desinteressadas, realizadas livremente. Dumazedier (2001) afirma que o lazer representa um conjunto de aspirações do homem à procura de uma nova felicidade, relacionada a um novo dever, a uma nova política, a uma nova cultura. A participação dos idosos nas atividades de lazer, principalmente nos bailes e grupos de convivência, representa uma mudança no estilo de vida, que busca felicidade e sentido para a vida. É um direito social adquirido.

Três categorias definem o que é desenvolvido nos GCs. A categoria de Desenvolvimento Humano, agrega as atividades com fins educativos e de formação pessoal; na categoria de Educação Física inclui as atividades de

exercícios físicos, dança, dinâmicas de grupo e recreação; e na categoria de Integração Social agrega as campanhas e projetos sociais, e eventos festivos. Como elementos propositivos para os GCs, ressaltamos a qualificação profissional, o planejamento, e além da aquisição de bibliografia, para que as coordenadoras tenham acesso a conhecimentos específicos para o desenvolvimento das atividades. Também recomenda-se a criação de espaços na comunidade que possam ser utilizados como centros de convivência. Também vemos como elemento importante a interdisciplinariedade entre os setores de educação, cultura, saúde e assistência social, bem como parcerias com entidades sociais e governamentais.

Os GCs são uma opção de lazer fundamental para os idosos. Esse espaço não pode mais ser ignorado pelos governos, em qualquer instância. A tendência é que eles exijam do poder público, recursos para sua qualificação, pois, o envolvimento desses grupos nas atividades pode estimular a consciência e a crítica construtiva, contribuindo desta forma para uma seleção mais crítica das atividades a serem desenvolvidas.

Na análise dos bailes, as categorias que consideramos mais importantes são: a de integração social; a de lazer e divertimento; e a de saúde e bem estar. Vimos que o baile proporciona a integração dos idosos no município que o realiza, assim como entre os municípios. Eles desenvolvem novas amizades, reencontram amigos e parentes. Como forma de lazer é indiscutível o divertimento que ele proporciona, seja através da dança, seja através das conversas entre eles.

Há claras evidências de que o baile influencia a saúde e o bem estar dos participantes, tanto psicologicamente, pois os faz esquecer os problemas, e as “coisas ruins”, como fisicamente, o alívio das dores e os cuidados que procuram ter com seus problemas de saúde.

O baile proporciona expectativas na vida dos idosos. Eles se organizam para ir aos bailes, esperam com ansiedade o seu dia, para poderem reencontrar os amigos, dançar, se divertirem. Hoje eles alimentam pensamentos positivos,

alegres. Sem essas expectativas, fixavam seus pensamentos somente nas perdas, nos problemas de saúde, na falta de ter alguma ocupação.

Os bailes não estão projetados como uma política pública de lazer. No entanto, municípios onde participamos do baile, geralmente estão presentes os Prefeitos e a equipe coordenadora da prefeitura. Em muitos municípios, fazem parte do calendário oficial de eventos. Como esta atividade está diretamente vinculada aos GCs, também necessita ser planejada e documentada, para ser efetivamente uma política pública.

Salientamos a importância da autonomia dos GCs no desenvolvimento dos bailes. É fundamental que aprendam a se organizarem e a administrarem suas despesas. Além de ser uma opção de lazer o baile é uma forma de arrecadar fundos para participarem de outros bailes, e para desenvolverem outras atividades de lazer. Considerando a quantidade de bailes de que muitos GCs participam, as prefeituras não têm condições financeiras de arcar com todas as despesas, muito menos os idosos. A prefeitura, geralmente, auxilia com o valor de meia passagem. Dessa forma, os GCs conseguem pagar as despesas dos seus integrantes para irem ao baile, ou com meia passagem, ou com a entrada. Com esta contribuição conseguem ir aos bailes uma, duas, às vezes, até três ou quatro vezes por mês.

Outro foco de nossos estudos são as políticas públicas e os direitos dos idosos. Vimos no nosso referencial teórico que as políticas públicas são conjuntos de diretrizes que visam legitimar a ação do governo para suprir necessidades públicas a partir de interesses sociais. No entanto, as ações do governo só podem ser consideradas políticas públicas se procuram alcançar objetivos previamente definidos em projetos que busquem colocar em prática os direitos sociais decorrentes da legislação que rege nossa sociedade. Se levarmos a cabo esta definição, nos deparamos com o primeiro problema. A falta de documentos e de planejamentos que definam essas políticas. Os municípios que possuem projetos que definem os grupos de convivência têm por finalidade conseguir verbas governamentais para auxiliarem no seu desenvolvimento. Consideramos que

estes projetos são políticas descentralizadas dos governos federal e estadual, mas não podem ser consideradas políticas públicas dos governos municipais.

Fazemos essa afirmação baseados em Kliksberg (1998), que pensa a política pública como uma ação interdisciplinar entre os diversos setores de uma administração municipal. No entanto, pelo que pudemos perceber na fala das coordenadoras, dificilmente ocorre este tipo de planejamento nos municípios. Geralmente, as ações de lazer voltadas para os idosos na Região do Vale do Taquari são organizadas e realizadas pelos setores da Assistência Social e da Saúde.

Outra referência que nos faz crer que as ações municipais não sejam políticas públicas, são os autores Belloni, Magalhães e Souza (2003) para quem as políticas públicas são uma ação intencional do poder público junto à sociedade; estas políticas públicas sistematicamente devem ser avaliadas, com o objetivo de verificar a relevância, a adequação, a eficácia, a coerência, a compatibilidade, a efetividade e a exequibilidade. Em nenhum documento entregue pelos municípios verificamos esta preocupação. Resumindo, podemos dizer que, um dos pontos falhos é a falta de avaliação das ações, principalmente no que diz respeito ao conhecimento das necessidades de lazer dos idosos, e se estas estão sendo supridas pelos grupos de convivência.

Outra questão é que os projetos encaminhados aos governos federal e estadual, pelos municípios nem sempre condizem com a realidade. Muitos municípios prevêem determinadas atividades nestes projetos, mas não os colocaram em prática. Além disso, as atividades propostas nestes projetos estão muito superficiais, não apresentam claramente o que realmente pretendem desenvolver. Fica claro, portanto, que a falta de um planejamento mais aprofundado, que busque verificar as necessidades e os interesses reais dos idosos, faz com que muitas das atividades não saiam do papel.

Por outro lado, questiona-se o conhecimento dos governos Estadual e Federal quanto às necessidades e interesses reais dos municípios e dos idosos. Os municípios devem seguir as limitações impostas pelos governos, tanto na

elaboração dos projetos, como na execução dos mesmos. Uma das questões pertinentes é que sejam atendidos idosos carentes, e os outros? Estes possuem direitos sociais? Não podem participar dos GCs? Se a intenção dos governos é disponibilizar políticas públicas, se contradizem ao limitarem tanto o número de participantes, como ao estabelecerem a classe social participante.

Apesar dessas limitações que os Governos impõem, na prática isso não acontece. As coordenadoras não limitam a participação de nenhum idoso. Geralmente, recebem para atender um número fixo de idosos, mas atendem o dobro, o triplo do estabelecido. Também não determinam a classe social participante; ao contrário, procuram integrar todos os idosos sem distinção de raça, classe social, ou deficiência.

Essa falta de planejamento, de definições das ações municipais demonstram um certo desinteresse político pela qualificação dos trabalhos realizados. A grande maioria é contratada como cargo de confiança, não requer determinada qualificação profissional. Por isso, encontramos coordenadoras que possuem formação desde o nível superior até o fundamental incompleto. Não questionamos, nem criticamos a boa vontade e o gosto por trabalhar com os idosos, conforme foi demonstrado por todas as coordenadoras. Mas, sim, a falta de conhecimentos na área gerontológica que elas próprias citaram como uma dificuldade. Talvez, este seja um elemento importante para as definições de políticas públicas, o estudo. As pessoas que coordenam devem saber elaborar, planejar e executar suas ações, baseadas em conhecimentos específicos e generalizados, o que viria, também, ao encontro com o estabelecido no Estatuto do Idoso, comentado por Franco (2004), Art. 3º item VI, que fala da importância da capacitação e reciclagem dos recursos humanos, nas áreas geriátricas e gerontológicas, que prestam serviços aos idosos.

Podemos considerar que, na região do Vale do Taquari as políticas públicas de lazer necessitam ser formuladas, quanto ao papel que exercem. Existem intenções de políticas de lazer, que necessitam ser reformuladas, replanejadas para que se efetivem.

Ao finalizarmos estas considerações destacamos o lazer para os idosos na Região do Vale do Taquari, como uma necessidade que se criou e que precisa ser desenvolvida através de políticas públicas. O planejamento e a organização das atividades existentes são fundamentais para sua continuidade.

REFERÊNCIAS

AGUSTINI, Carlos Fernando. **A velhice na Constituição Brasileira de 1998 como direito fundamental**. 2002. 231f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal de Santa Catarina, Uniplac, Florianópolis, 2002.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

BARROS, Aidil Jesus da S.; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia**. 2. ed. São Paulo: Makon Books, 2000.

BATISTA, Maria da Conceição. **A relação governo e sociedade na gestão da Política Pública de Esporte e Lazer no Governo do Estado: gestão 1999-2001: analisando o projeto "Idosos em Movimento"**. 2002. 181f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

BAZTÁN, Aguirre A. **Etnografia: metodologia cualitativa em la investigación sociocultural**. Barcelona: Marcombo, 1995.

BELLONI, Isaura; MAGALHÃES, Heitor; SOUSA, Luiza C. de. **Metodologia de avaliação em políticas públicas: uma experiência em educação profissional**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Questões da nossa Época; v.75)

BOBBIO, Norberto. **O conceito de sociedade civil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

_____. **Estado, governo e sociedade: para uma teoria geral da política**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Tempo da memória**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BONAVIDES, Paulo. **Ciência política**. 10. ed. São Paulo: Malheiros, 2001.

BOTH, Agostinho. **Gerontologia: educação e longevidade**. Passo Fundo: Imperial, 1999.

_____. **Identidade existencial na velhice: mediações do Estado e da universidade**. Passo Fundo: UPF, 2000.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Coordenação de Publicações. **Idosos: legislação**. 2. ed. Brasília, 1999.

_____. Imprensa Nacional. **Estatuto do Idoso: Lei n^o 10.741, de 01 de outubro de 2003**. Disponível em: <<http://www.in.gov.br>>. Acesso em: 5 out. 2003a.

_____. **Ministério da Saúde. Anuário estatístico de saúde do Brasil 2001**. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/saude/aplicacoes/anuario2001/index.cfm>>. Acesso em 15 maio 2003b.

_____. **Ministério dos Esportes**. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/programas/terceiridade/terceiridade.htm>>. Acesso em: 6 maio 2003c.

_____. **Organização Pan-Americana de Saúde**. Disponível em: <<http://www.opas.org.br>>. Acesso em: 15 maio 2003d.

_____. **Plano de Ação Governamental Integrado para o Desenvolvimento da Política Nacional do Idoso**. Brasília: MPAS, SAS 1996.

_____. **Plano de Ação Governamental Integrado para o Desenvolvimento da Política Nacional do Idoso**. Brasília: MPAS, SAS 1997.

_____. **Política Nacional do Idoso: Lei n^o 8.842, de 4 de Janeiro de 1994**. 2. ed. Brasília: MPAS, SEAS, 2001.

_____. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Relatório do Desenvolvimento Humano 1997: desenvolvimento humano para erradicar a pobreza**. Disponível em: <<http://www.undp.org.br/>>. Acesso em: 6 maio 2003e.

_____. **Relatório nacional brasileiro sobre o envelhecimento da população brasileira 2002**. Disponível em: <<http://www.direitoidoso.com.br>>. Acesso em: 5 set. 2003f.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil – 1988**. Disponível em <<http://www.camara.gov.br/internet/cf/constituicao.pdf>> Acesso em: 20 out. 2004.

BRAVO, Maria Inês Souza Bravo; PEREIRA, Potyara A. P.(orgs) **Política Social e Democracia**. 2.ed. São Paulo: Cortez; Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

BREDEMEIER, Sonia Mercedes Lenhard. **Conselho Municipal: a ampliação do espaço público para o idoso.** 2003. 203f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

CAMARANO, Ana Amélia. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, Elizabete (Org.) et al. **Tratado de geriatria e gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

_____. (Org.) et al. **Como vai o idoso brasileiro?** Rio de Janeiro: IPEA, 1999. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 30 set. 2003.

CODEVAT. **Banco de Dados Regional.** Lajeado: Univates, 2004. Disponível em: <<http://www.univates.com.br>> Acesso em: 15 jul. 2004.

COSTA, Arlete Ely Kunz da. **Estudo sobre a problemática da sexualidade nos grupos de convivência da terceira idade da Região do Vale do Taquari, RS.** 2003. 97f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade de Santa Cruz, Santa Cruz do Sul, 2003.

CUNHA, Edite da Penha; CUNHA, Eleonora Schettini M. Políticas públicas sociais. In: CARVALHO, Alysson (org.) et al. **Políticas Públicas.** Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2002.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1999. (Debates; 164)

_____. **Lazer e cultura popular.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ERBOLATO, Regina M. Prado Leite. Relações sociais na velhice. In: FREITAS, Elizabete (Org.) et al. **Tratado de geriatria e gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

FERNANDES, Flavio da Silva. **As pessoas idosas na legislação brasileira: direito e gerontologia.** São Paulo: LTr, 1997.

FERRARI, Maria Auxiliadora C. Lazer e ocupação do tempo livre na terceira idade. In: PAPALÉO NETO, Matheus. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada.** São Paulo: Atheneu, 1996.

FONTE, Isolda Belo da. **Diretrizes internacionais para o envelhecimento e suas conseqüências no conceito de velhice.** Ouro Preto: Fundação Joaquim Nabuco, 2002. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_ENV_PO4_Fonte_texto.pdf> Acesso em: 13 out. 2003.

FRANCO, Paulo Alves. **Estatuto do idoso anotado.** São Paulo: Editora de Direito, 2004.

FREITAS, Elizabete Viana de; et al. Atividade física no idoso. In: FREITAS, Elizabete (Org.) et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

FRISCHEISEN, Luiza Cristina Fonseca. **Políticas públicas**: a responsabilidade do administrador e o Ministério Público. São Paulo: Max Limonad, 2000.

GAELZER, Lenea. **Lazer**: benção ou maldição?. Porto Alegre: Sulina, 1979.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

_____. **Pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GÓMEZ, Gregório Rodríguez; FLORES, Javier Gil; JIMÉNEZ, Eduardo García. **Metodología de la investigación cualitativa**. Barcelona: Aljibe, 1996

HEREDIA, Olga Colinet. **Características demográficas da terceira idade na América Latina e no Brasil**. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, Porto Alegre, v.2, 1999.

IWANOWICS, Barbara J. O lazer do idoso e o desenvolvimento prossocial. In: Bruhns, Heloisa Turini (Org.). **Temas sobre lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000. (Educação física e esportes).

IZQUIERDO, Ivan. **Tempo de viver**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003. (Coleção Aldus; v.2)

KLIKSBERG, Bernardo. **Repensando o estado para o desenvolvimento social**: superando dogmas e convencionalismos. São Paulo: Cortez, 1998. (Coleção questões da nossa época; v.64)

LAKATOS, Eva M. MARCONI, Marina de A. **Sociologia geral**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LOBO, Thereza. Avaliação de processos e impactos em programas sociais. In: RICO, Elizabeth Melo (org.) et al. **Avaliação de políticas sociais**: uma questão em debate. 3. Ed. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais, 2001.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2002.

_____(org.). **Lazer e esporte**: Políticas públicas. Campinas: Autores Associados, 2001. (Educação física e esportes).

_____(org.). **Estudos do lazer**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000. (Educação física e esportes).

_____(org.). **Políticas públicas setoriais de lazer**. Campinas: Autores Associados, 1996. (Educação física e esportes).

MAZO, Giovana Z. LOPES, Marize A. BENEDETTI, Tânia B. **Atividade física e o idoso**: concepção gerontológica. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MEIRELLES, Morgana A. E. **Atividade física na terceira idade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

MILLER, Adriana Fialho. **Os conselhos de direitos e a construção de uma política voltada aos idosos**. 2001. 123f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. **A pesquisa qualitativa na educação física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 1999.

MORAGAS, Ricardo M. **Gerontologia social**: envelhecimento e qualidade de vida. São Paulo: Paulinas, 1997.

NERI, Anita L., CACHIONI, Meire e RESENDE, Marineia. Atitudes em relação à velhice. In: FREITAS, Elizabete (Org.) et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

OLABUÉNAGA, José Ignacio Ruiz. **Metodología de la investigación cualitativa**. 2. ed. Span: Universidad de Deusto, 1999.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Derechos económicos, sociales y culturales de las personas de edad. Disponível em:
<<http://www.madrid2002-envejecimiento.org/http://www.madrid2002envejecimiento.org/>> Acesso em: 15 maio 2003a.

_____. **United Nations Population Information Network: a guide to population information on UN system web sites**. Disponível em:
<<http://www.un.org/popin/>> Acesso em: 15 maio, 2003b.

_____. **World population prospects: the 2000 revision**. Disponível em:
<<http://www.un.org/esa/population/wpp2000.htm>> Acesso em: 20 maio 2003c.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Plan de Acción Internacional de Madrid sobre el envejecimiento 2002**. Disponível em:
<<http://www.madrid2002-envejecimiento.org>> Acesso em: 15 maio de 2003a.

_____. **Relatório 2000**. Disponível em: <<http://www.who.int/en/>> Acesso em: 15 maio 2003b.

PAPALIA, Diane E; OLDS, Sally Wendkoc. **Desenvolvimento humano**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

REVISTA DO CENSO 2000. Rio de Janeiro: IBGE, n. 8 Disponível em: <<http://www1.ibge.gov.br/censo/default.php>> Acesso em: 15 maio 2003a.

_____. Rio de Janeiro: IBGE, n. 9 Disponível em: <<http://www1.ibge.gov.br/censo/default.php>> Acesso em: 15 maio 2003b.

_____. Rio de Janeiro: IBGE, n. 10 Disponível em: <<http://www1.ibge.gov.br/censo/default.php>> Acesso em: 15 maio 2003c.

_____. Rio de Janeiro: IBGE, n. 11 Disponível em: <<http://www1.ibge.gov.br/censo/default.php>> Acesso em: 15 maio 2003d.

RIO GRANDE DO SUL. Conselho Estadual do Idoso. **Os idosos do Rio Grande do Sul**: estudo multidimensional de suas condições de vida. Porto Alegre: CEI, 1997.

_____. **Lei no. 11517 de 26 de julho de 2000**. Institui a política estadual do idoso. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/3idade/lei11517.html>> Acesso em: 15 set. 2003.

_____. Secretaria da Coordenação e Planejamento. Fundação de Economia e Estatística. **Estimativa da população por município, faixa etária e sexo, Rio Grande do Sul: 2001-2003**. Disponível em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg_populacao.php> Acesso em: 21 jul. 2004.

_____. **Decreto no.37.837, de 21 de outubro de 1997**. Criou o Conselho estadual do idoso. Disponível em: http://www.mp.rs.gov.br/hmepage2.nsf/pages/ccid_dec37837%2097 Acesso em: 31 out. 2004

RODRIGUES, Nara da Costa. Lazer e qualidade de vida. In: SCHONS, Carme Regina; PALMA, Lucia T. S. (Orgs.). **Conversando com Nara Rodrigues sobre gerontologia social**. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2000.

_____. **Política nacional do idoso**: retrospectiva histórica. Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento, Porto Alegre, v.3, p.149-158, 2001.

_____; RAUTH, Jussara. Os desafios do envelhecimento no Brasil. In: FREITAS, Elizabete (Org.) et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan 2002.

SANTOS, Geraldine Alves dos. **Envelhecimento bem-sucedido: fatores socioculturais e personalidades em grupos de origem étnico-cultural alemã, italiana e mista.** 2000. 212f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifício Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

SÉGUIN, Elida. **O idoso aqui e agora.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2001.

_____ (Org.). **O direito do idoso.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 1999.

STIGGER, Marco P. Políticas sociais em lazer, esportes e participação: uma questão de acesso e de poder. In: **Revista Motrivivência**, n^o 11, set. 83-96, 1998.

TAYLOR, S. J.; BOGDAN, R. **Introducción a los metodos cualitativos de investigación: la búsqueda de significados.** 3. ed. Madrid: Paidós Ibérica, 1996.

UNITED NATIONS CENTRE FOR HUMAN SETTLEMENTS. **An urbanizing world: global report on human settlements 1996.** Oxford: Oxford University, 1996.

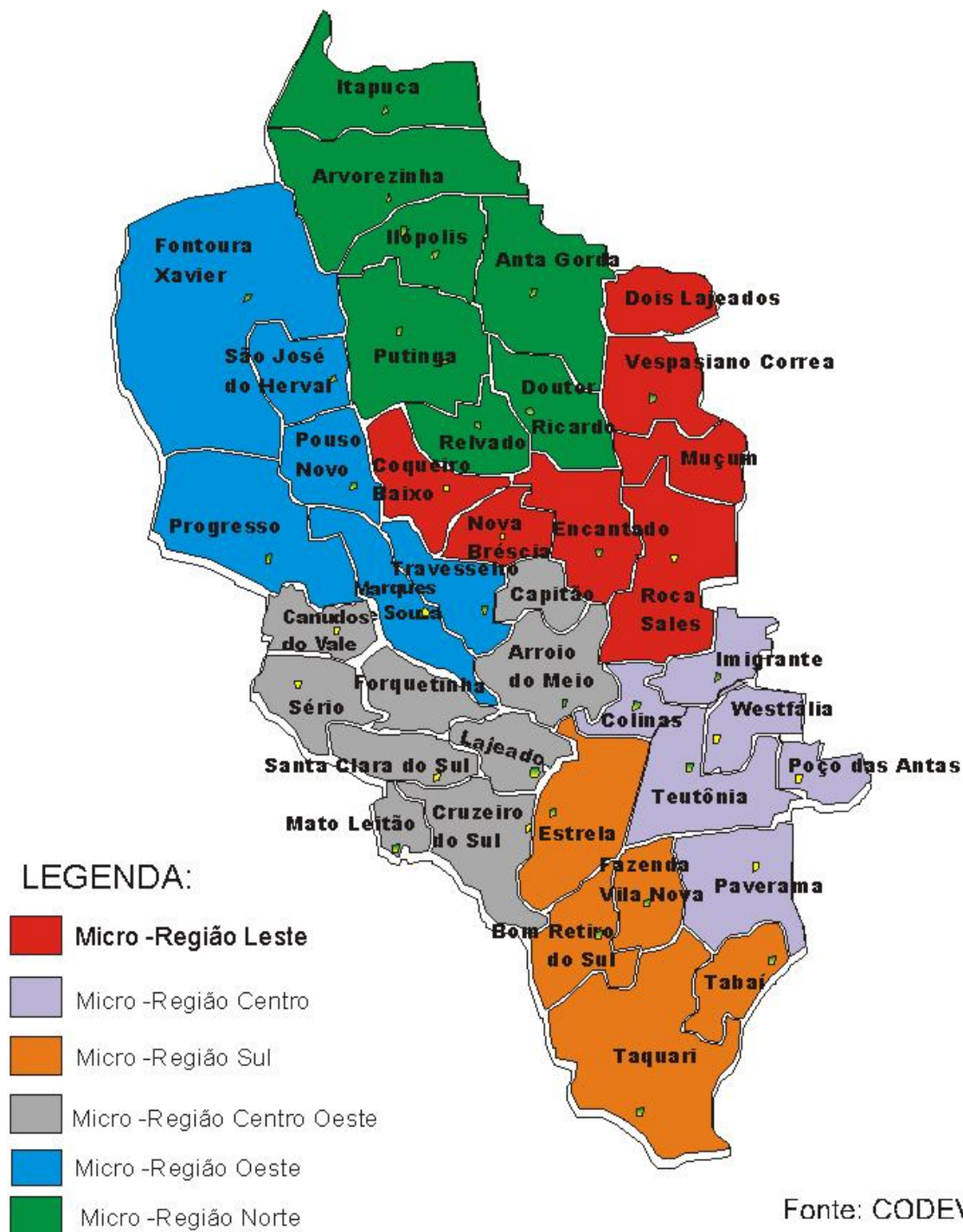
ANEXOS

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Mapa do Vale do Taquari	138
ANEXO B – Roteiro de entrevista semi-estruturada realizada com as coordenadoras municipais	139
ANEXO C – Roteiro de entrevista semi-estruturada realizada com os coordenadores dos bailes e Pauta de observações do diário de campo realizadas nos bailes	140
ANEXO D – Entrevista transcrita realizada com as coordenadoras municipais..	141
ANEXO E – Entrevista transcrita realizada com os organizadores dos bailes....	146
ANEXO F – Entrevista transcrita realizada com os idosos nos bailes	149
ANEXO G –Tabelas e quadros	156

ANEXO A - Mapa do Vale do Taquari

REGIÃO DO VALE DO TAQUARI



ANEXO B – Roteiro de entrevista semi-estruturada realizada com as coordenadoras municipais

Roteiro de entrevista semi-estruturada realizada com as coordenadoras municipais

1. Qual o seu nome completo?
2. Sua formação profissional?
3. Quais as suas atividades aqui na prefeitura?
4. Qual a sua equipe de trabalho? E a formação deles?
5. Quantos grupos de convivência de idosos vocês possuem?
6. Qual a frequência dos encontros para cada grupo?
7. Me fale das atividades que desenvolvem nos grupos.
8. Quais os eventos de lazer que promovem para os GCs?
9. Quais são as atividades que você acha mais importantes de serem desenvolvidas com os idosos? Justifique.
10. Fale sobre o dia-a-dia, suas dificuldades, facilidades.
11. Gostaria de acrescentar alguma coisa que não foi solicitado?

ANEXO C - Roteiro de entrevista semi-estruturada realizada com os coordenadores dos bailes e Pauta de observações do diário de campo realizadas nos bailes

Roteiro de entrevista semi-estruturada realizada com os coordenadores dos bailes e pauta de observações dos bailes.

Entrevista com os coordenadores

1. Qual o Seu nome completo? Data de Nascimento?
2. Qual a sua função no grupo de idosos?
3. Fale sobre a organização do baile, desde os primeiros passos (a definição da data, divulgação, contratação dos músicos)
4. Quantos municípios de fora vocês convidam? Quais os critérios de escolha desses municípios?
5. Qual a equipe que auxilia no planejamento e na execução do baile?
6. Como são os preparativos que antecedem o dia do baile?(ornamentação, organização do salão)
7. Recebem auxílio da prefeitura? (recursos financeiros, recursos humanos)
8. Quais os custos para realizar o baile? (aluguel, conjunto, comes)
9. Quanto cobram de ingresso? O que fazem com o lucro do baile?
10. Mais alguma coisa que gostaria de acrescentar?

Entrevista com idosos: Fale sobre o baile. O que te motiva a vir ao baile. (o que mais gostas, o que mudou na sua vida desde que frequêntas o baile)

Pauta de observações:

Data: _____

Local: _____

Horário Início: _____ Término: _____

Número de participantes: _____ Municípios procedentes: _____

Manifestações lúdicas:

- relação com os outros: com quem dançam, homem x mulher, mulher X mulher; trocam de pares;
- ações que provocam prazer: satisfação em dançar, brincam, contam piadas;

Atitudes frente ao baile

- posturas físicas –, ficam mais sentados; caminham pelo salão.
- condutas - só dançam, conversam mais do que dançam, só assistem

ANEXO D – Entrevista transcrita realizada com as coordenadoras municipais

Entrevista com as Coordenadoras Municipais dos Grupos de Convivência
Entrevista 5 – Tempo de Transcrição : 2h 15min.

Local: XXXXXX

Data: 04/08/2003

Horário: início 13:45min término 14: 23 min.

Coordenadora: TB

Formação: cursando Superior – Administração de Empresas

Ale – Quais as suas atividades aqui na prefeitura?

TB – Trabalho na parte Administrativa, coordeno a Secretaria de saúde e assistência social trabalha comigo a psicóloga, as pessoas que me auxiliam nos trabalhos com os GC, mas sou eu que coordeno a Terceira Idade. Nós temos o secretário da Saúde que coordena o trabalho específico da saúde que é meio complicado e para mim ficou mais o trabalho da assistência, para não separar a secretaria nós fizemos assim.

Ale – Qual a sua equipe de trabalho?

TB – Com a Terceira idade tem a Avelina que trabalha junto com a Secretaria da Saúde mas também trabalha com a Assistência e também a Emater tem a Gladis que me ajuda como idosos, na parte da recreação e acompanha o que a gente faz. Então nós somos em três pessoas especificamente com os idosos. Quando sai palestras a gente precisa de ajuda da assistência social que é da nossa equipe que são a psicóloga e a enfermeira que se envolve muito na questão da prevenção que faz ações de saúde dentro dos grupos que envolve toda a equipe. Como o município é pequeno a gente acaba envolvendo todo mundo. Eu sente acaba mexendo com as gurias, vamos fazer uma coisinha para eles, às vezes eu preciso de um cartão ou de uma outra coisa e elas me ajudam e dividimos as tarefas. Não mandamos p/ a gráfica, feito manual, às vezes as crianças da creche fazem, tem um envolvimento muito bom de toda equipe

Ale – Qual a formação profissional da sua equipe?

TB – Cursos que no decorrer da administração nossa a gente fazendo, buscando conhecimentos em outros municípios, mas nada especializado na questão do idoso.

Ale – Quantos grupos tem no município?

TB – Tem formado hoje quatro grupos. Praticamente abrange 90 a 95% dos idosos que representa mais ou menos 300 poucos idosos. Nós atendemos pessoas acima de 50 anos. Talvez não seja todo este percentual, teria que fazer um cálculo mais preciso. Vamos dizer assim, se tem um do casal que tenha 50 a 55 anos, que seja mais novo, pode participar do grupo a fim de que não fique

esperando 5 anos para participar do grupo. Caso tenha um casal onde um dos dois tenha menos que 50 anos, não poderá participar. No mínimo um do casal deverá ter 55 anos.

Ale – Me fale das atividades que vocês desenvolvem.

TB – Os idosos que vem ao grupo se associam. Cada grupo é independente e não temos conselho do idoso formado no município, pretendemos criá-lo. Todas as ações e trabalhos desenvolvidos são mais voltados a recreação e lazer e palestras. Geralmente estas são temas que eles sugerem, dificilmente se leva algum tema que eles não pediram. A gente sempre faz um levantamento dos interesses deles. O idoso é que ninguém criança, não tem paciência de ficar escutando certos tipos de palestras então não adianta, para nós parece que será bom, mas para eles pode não ser. Muito dos que eles gostam é diversão, as brincadeiras. Eu sempre começo assim, a gente começa o encontro para o presidente do grupo falar, para sentirem-se valorizados e para não dizerem que vem a Prefeitura vem e faz e também para terem uma autonomia, sentindo que eles podem fazer e organizarem, então eles começam com uma oração, a gente canta, é feita a leitura da ata. Eu sempre procuro participar, só se eu tenho um problema ou uma reunião que eu não possa participar, mas sempre tem alguém da Prefeitura. O prefeito também procura participar. No interior, principalmente, os idosos tem a oportunidade de conversar com a gente. Então a gente começa assim: Fala quem está presente, as atividades, eles valorizam este lado também. Se lê a últimas ata é colocado em votação e depois se organiza o próximo encontro. Se eles quiserem passeio, palestra, só música ou que eles querem. O começo é sempre o mesmo e leve em torno de meia hora, depois se faz a recreação, brincadeiras, a gente dança bastante, já fizemos trabalhos artesanais como chapéu de palha. Aqui também se tem origem italiana, é meio a meio. Então eles fazem chapéu, cestos de palha e muitos trouxeram materiais e ensinavam os outros, sendo que alguns já sabiam, mas não se lembravam. Fizemos exposições e cada um levou para sua casa, nós quisemos deixar o material disponível para eles e não para vender mas para mostrarem que sabem fazer. Tem idosos que fazem crochê, pintura e bordados, fizeram cursinhos no Programa ASEMA (Apoio de Sócio Familiar em meio Aberto), selecionamos os interessados no grupo tanto homens como mulheres que quisessem dar este tipo de cursinho para as crianças. Eles deram, a gente faz esta integração passando os conhecimentos deles para as crianças. Este programa era do Governo e recebíamos uma verba para fazê-lo e agora não recebemos mais. Fizemos tudo com recursos próprios desde da metade do ano passado para cá. Eles gostam muito de dançar e nós agora fizemos um curso de ginástica e dança todas as quintas, eles tem uma hora por semana. É para todos os idosos do município, mas os do interior não vem somente os da sede, sendo em torno de 27 a 30 pessoas. Esta atividade é desenvolvida por uma professora de educação física, a Raquel Souza da cidade de Teutônia.

Ale – Qual a frequência dos encontros para cada grupo?

TB – É uma vez por mês é o GC, mas uma vez por mês eles tem missa, eles tem 2 a 3 bailes por mês e mais estas outras ações que eles se encontram. Então, pode se dizer que semanalmente e às vezes quinzenalmente eles encontram. Também quando há alguém doente, eles tem o compromisso de visitar. Há um

grupinho de de mulheres e de homens também, aqui é bem misturado. Na sede tem mais mulheres, mas tem a participação de homens. A gente já tentou abordar a questão da sexualidade que é um tema polemico entre eles e até teve uma aceitação bem boa entre eles, foi com a enfermeira. Porque eles estão naquela fase que dizem que não namoram mais, eles “ficam” . São bem atualizados pela idade deles, não ficando para trás. Tem aqueles que são mais devagar que precisam uma injeção de ânimo às vezes.

Ale – Quantos bailes vocês realizam no município?

TB – são 4 grupos, cada grupo faz o seu baile, mais a festa municipal do idoso, que se convida todos os idosos do município, claro que nos bailes também vão todos. A festa do idoso é tradicional acontece sempre em outubro, ou novembro, e a cada ano a gente faz uma programação diferente, a prefeitura dá o transporte, de manhã 7:30, 8hs o transporte começa a rodar, e eles chegam em torno de 8:30, 9hs. São recebidos com café da manhã, missa ou celebração, antes do meio dia tem sempre uma apresentação, almoço gratuito, à tarde recebem uma lembrança da administração, sempre fizemos isto desde 97. Depois é o baile, e lá pelas 15:30/4hs, é servido um lanche, com bolo, moranguinho que é produzido aqui, e um salgado, e é servido com chá ou café. Em torno de 16:30/ 16:45min se encerra. Depende deles, o pessoal do interior, fica mais cansado e vai embora, o pessoal do centro continuam com o baile e ficam até umas 18 hs. É um dia só para eles.

Ale – e nos bailes dos grupos, vocês se envolvem na organização?

TB – sim, tem a participação bem atuante da administração. Mas todos os grupos, suas diretorias, são bem atuantes também. São grupos que estão começando, eles não tem como fazer coisas diferentes. Então a gente ajuda na decoração do salão, nós temos uma equipe bem craque aqui da prefeitura para fazer isto. Até agora a prefeitura sempre pagou o conjunto, pra eles terem um lucrinho a mais, para eles fazerem seus passeios depois, as suas festas de final de ano, daí este dinheiro não sai da prefeitura, eles se organizam com o dinheiro que tem em caixa, que recolhem durante o ano nas suas promoções. Organizam rifas, a copa e a cozinha nos bailes, eles que organizam. Os convites para os bailes nós fizemos, mas eles ajudam a distribuir, damos o telefone da prefeitura, que é mais fácil para as confirmações. Mas sempre colocamos o nome de um integrante do grupo para ligarem fora de hora. Todas as coisas sempre tem um parceria, mas no dia do baile são eles que organizam, ele que toma conta, a gente não se envolve.

Ale – Quais são as atividades que você acha mais importantes de serem desenvolvidas com os idosos?

TB – A questão da valorização. Eu vejo que muita gente que iniciou com o grupo diziam que "não vai dar certo, não vai funcionar". Eles pensavam muito negativamente até porque estão muito sozinhos. A integração deles novamente na sociedade, porque muito deles eram líderes nas suas comunidades, mas com o passar dos anos surgiram novas lideranças e eles acabaram se afastando e acham que tem que mostrar para eles que eles continuam líderes, que podem

fazer trabalhos comunitários, só que tem mostrar isto com pequenas coisas, pois não se dão conta disto. Ficam muito sozinhos em casa não tendo mais este contato e acabam criando pensamentos negativos, por isso acho importante a retomada da integração e a valorização deles. Muitos eram integrados a sociedade e se afastaram quando se aposentaram. Após a aposentadoria, eles pensam “ah, não vou mais”, mas não é por aí, se aposentar é apenas um termo do Inss, mas acho que a vida continua. Eu sempre digo que me realizo trabalhando com a terceira idade, foi uma coisa que eu iniciei e às vezes que eu deveria ser assistente social, trabalhar nesta área social, pois eu me identifico muito com eles. Tu tens que chegar no grupo como coordenadora, gostando daquilo que tu faz para eles gostarem de estarem no grupo. Mesmo que uns pensam mais na dança ou só em brincadeiras, mas é a forma de cada um, outros querem mais palestras, cada um tem um jeito. Como aqui é uma região bem misturada de italianos e alemães, o grupo alemão é de um jeito e o italiano de outro. Por exemplo, eu tenho um grupo só de italianos que é mais difícil de trabalhar com eles, de aceitarem as coisas, por exemplo, teve festa de São João em julho no ano passado para eles virem caracterizados apenas 2 ou 3 vieram. Este ano tentei fazer de novo, mas não quiseram pois achavam que iriam rir deles, virem com uma calça rasgada, pelo menos já melhorou com relação ao ano passado. Eles são muito negativos quando tu vais fazer alguma coisa, eles logo dizem “que isto não vai dar certo, nem vamos fazer”. E o alemão já é mais acessível só que eu não tenho um problema de comunicar com eles, pois não falo o alemão. Está comunicação é mais difícil, mas aí o presidente traduz em alemão o que falo para ele. Mas eles são mais acessíveis, participam mais. O grupo de São Luiz eu atinjo 100% dos idosos que são sócios do grupo em torno de 60 e poucos idosos e todos participam do GC só em caso de doença não vem. Tem um casal de idosos que fizeram 70 anos de casado, sempre participam, nem que seja para ficarem apenas assistindo os outros dançarem.

Ale – Além destes problemas de etnias, há alguma outra dificuldade que enfrentas no dia a dia?

TB – Eu acho que o problema maior é o financeiro. Se tivéssemos mais verba poderíamos fazer bem mais trabalhos. Dentro dos orçamentos municipais não tem dinheiro direcionado direto para os idosos. Nós temos muito pouco para investir neste tipo de trabalho, então temos que buscar recursos da tua maneira justificando buscando, poderíamos um trabalho maior se tivesse recursos financeiros nesta área. Nós não conseguimos verba do Governo federal, qualquer R\$ 100,00 que recebêssemos já daria para fazer muitas coisas. Em agosto começam a apertar os orçamentos municipais e a primeira área a ser cortada é dos idosos. O bom é que aqui no nosso município tem uma verba já destinada para fazer a festa do idoso, pagar o transporte para outros municípios, ações da saúde como as prevenções do câncer de próstata e de mama. As facilidades são muitas e eles gostam de inovações, uma coisa boa foram as reuniões com as coordenadoras com troca de idéias. Eles valorizam muito a questão das ações de saúde já que não tem hospital só posto de saúde, enquanto ainda não tem o PSF, então levar para eles este tipo de atendimento mesmo que seja só para verificar a pressão. Muitas vezes eles passam meio ano sem verificar, pois não tem nada perto e eles valorizam isto. Até o final da nossa administração a gente que construir o centro de convivência, já conseguimos comprar uma área de terras só

falta construir o ginásio. Pretende-se desenvolver atividades no mínimo de 2 a 3 vezes por semana. Isto é uma dificuldade não ter um lugar próprio, sendo que temos pedir emprestado o salão. No interior não é problema cada grupo de organiza, mas aqui na sede se começou com um grupo de 70 e hoje temos 150 sócios. Então começamos em um lugar daí não tinha mais espaço e tivemos que pedir outro lugar. Isto é complicado. Até assim, as coisas que eles fazem, deixar lá no local, uma vez nós fizemos uma atividade onde todos escreveram o que tinha achado do encontro e não podíamos expor, pois não podíamos deixar lá e acabamos guardando. Realizamos também a primeira olimpíada da terceira idade. Fizemos em março no dia do aniversário do município. Fizemos diversas brincadeiras tipo gincana onde os que participavam ganhavam uma medalha e o primeiro lugar um troféu. Realizamos uma integração com as crianças da creche e ensaiaram danças e cantos e apresentaram para os vovôs. Em outra oportunidade os vovôs foram nas creches e nas escolas municipais contar histórias com era antigamente daí eles faziam perguntas. Na semana do idoso alguns idosos voluntários foram para escolas municipais ensinar as crianças a fazer capeleti, doces, bolos, a bordar até a jogar bocha ou algum jogo de carta.

Eu comparo os idosos como criança, não pelo fato deles serem criança, mas assim, no momento em que eles tiverem confiança e tu passar confiança à eles, daí eles tem uma maior afinidade contigo. Eles vem contar problemas pessoais, e a gente tem que ter esse tempo, tem que dar uma de conselheira, psicóloga, isso é muito bom.

Ale – problema de violência com os idosos, vocês tem no município?

TB – nós tivemos um caso de, não é com o filho mas com a nora que mora com uma senhora. Mas já foi resolvido.

Ale – Mais alguma coisa que gostaria de acrescentar?

TB – acho que não.

ANEXO E – Entrevista transcrita realizada com os organizadores dos bailes

Entrevista com os Organizadores dos Bailes

Entrevista 2 – Tempo de Transcrição : 1h 45min.

Local: XXXXXXXX

Data: 05/03/04

Horário: início 13:30min término 14:17 min.

Coordenadora: EG

Data de Nascimento: 04/09/52

Ale – Qual a sua função no grupo de idosos?

EG – eu participo à seis anos , desde a sua fundação. Quem iniciou esse grupo fui eu e uma amiga. O nome do Grupo é “Grupo da Terceira Idade Morgen Stern”, esse grupo faz parte do centro cultural do município. Ele é aberto à pessoas do interior, também. Nós nos encontramos todas às quartas-feiras, mas nós nos encontramos mais por causa da dança. Nosso grupo é mais folclórico.

Ale – Fale um pouco de como é a organização do baile, desde os primeiros passos.

EG – Inicialmente a gente vê a data. Juntamente com a prefeitura nós escolhemos uma data no calendário de evento, final do ano passado foi isso. Aí então nós começamos a organizar os convites. Nós somos convidados a nos apresentar em outros municípios. Daí nós levamos nosso convite para eles, entregamos pessoalmente para cada município. O que dá a gente leva, o que não dá se manda pelo correio. Também divulgamos na rádio independente e Estrela.

Ale – Quantos municípios vocês convidam?

EG – mais de 40 município. Tem municípios de fora da região, Nova Petrópolis, Igrejinha, onde a gente se apresenta, e ele nos dão o retorno.

Ale – Vocês solicitam confirmação dos municípios?

EG – Como a gente vai servir almoço para os grupos que vão se apresentar na parte da manhã a gente pede confirmação destes, mas pra parte da tarde não, alguns confirmam, mas geralmente é no chute.

Ale – E quantos grupos vocês têm confirmado para amanhã?

EG – Tem 7 grupos de dança, e um grupo que vêm só para assistir e almoçar, mas todos ficam pro baile da tarde.

Ale – E quem é que te ajuda na organizar o baile.

EG – nós temos um líder do grupo e um tesoureiro. Mas como o grupo não consegue fazer tudo sozinho, nós fazemos uma parceria com o Clube Rui Barbosa, eles vão ajudar na copa e cozinha.

Ale – Mas antes do baile quem organiza são vocês três? Envolve algum custo antes do baile?

EG – Antes somos nós mesmos, mais eu e o tesoureiro, o Léo. E não temos nenhum custo antes.

Ale – e o conjunto é vocês que contratam?

Elaine – sim, nós contratamos o Grupo do ano passado, que o pessoal gostou muito, são “O Genial”. Eles nos cobram R\$400,00. Geralmente eles cobram e salários, mas para nós eles fizeram esta oferta.

Ale – o que mais envolve vocês nos dias que antecede o baile?

EG – aí envolve o salão, a limpeza e ornamentação do salão, os alimentos que vão ser consumidos amanhã. Tudo isso a gente program com antecedência, nós que limpamos todo o salão, vêm várias pessoas do grupo.

Ale – A prefeitura auxilia vocês?

EG – não, a prefeitura só nos ajudou uma vez que nós não tínhamos dinheiro em caixa, para ir nos apresentar em Igrejinha, daí eles nos deram, o ônibus.

Ale – Me fale um pouco da organização do dia de amanhã.

Elaine – às nove horas vai ser a recepção dos grupos. De manhã cedo nós viemos pra começar a preparar o almoço, vêm 4 cozinheiras que são pagas pra ficar todo o tempo na cozinha, mas nós ajudamos também. No almoço vai ter churrasco, galeto, massa, saladas diversas, maionese. Nós ajudamos, a descascar as batatas, fazer às saladas. Depois têm a recepção dos grupos das 9 às 9:45, eles vão se acomodando, daí fazemos uma mensagem, tem uma hora pro Pastor e o Prefeito darem sua mensagem. Aí às 10 horas têm a dança. Cada grupo pode apresentar 2 danças. Nós fazemos a dança de abertura, e mais as 2 danças de apresentação. Não é concurso, nós damos uma lembrancinha pros grupos. No final da manhã têm uma dança de integração onde todos dançam em conjunto é muito bonito.

Ale – Vocês cobram ingresso e o almoço?

EG – sim nós cobramos a entrada de R\$2,50 e o almoço, R\$ 6,50. De tarde continua R\$2,50.

Ale – Vocês convidaram a comunidade e os GCs de colinas para vir na parte da manhã?

EG – sim nós convidamos, é aberto para a comunidade.

Ale – e amanhã como vocês se organizam no trabalho?

EG – a gente faz equipes. Todos do grupo participam. Mas geralmente 1 fica na bilheteria, na venda de fichas do almoço e no baile se organiza grupos que vão ajudar na venda do pastel, de torta, e na copa quem cuida são os rapazes do clube. A princípio o baile vai até umas 17:30min, mas se ainda tem bastante pessoas, eles tocam mais uma meia hora, depende da animação do povo.

Ale – Quantas pessoas vocês estimam para este baile?

EG – De manhã em torno de 210 pessoas e de tarde mais umas 500 pessoas, um total de 700 à 800 pessoas.

Ale – e o lucro do baile, pra quê é utilizado?

EG– nós utilizamos basicamente para ir pros outros bailes. Nós ainda cobramos uma mensalidade anual de R\$10,00 mas o maior dinheiro que temos é do baile.

ANEXO F – Entrevista transcrita realizada com os idosos nos bailes

Entrevista com Idosos

Tempo de Transcrição : 3h 55min.

Local: XXXXXX

Data: 06/03/04

Horário: início 13:30min término 18:30 min.

Pergunta: Fale sobre o baile. O que te motivas a vir ao baile. (o que mais gostas, o que mudou na sua vida desde que freqüentas o baile)

1. Joana – 72 anos – “a gente é da colônia, e não participa muito das coisas, e daí a Terceira Idade eu acho muito bom pras pessoas, é muito importante, a gente se diverte um pouco, assim em casa não se diverte só trabalha. “
2. Antônio – 14/10/43 – “A gente vê os idosos felizes, dançando, anos atrás 10 15 anos atrás não existia, e hoje os adultos também têm oportunidade de se divertir. É muito bonito as comunidades, os municípios se encontrarem, fazerem suas festas em conjunto, assim a gente se sente bem, conhecer novos amigos, além da idade eu acho muito importante”.
3. Vilma – 61 – “ Gosto de vir pra dançar, é bom, gente se distrai antes ficava só em casa, agora não.”
4. Romilda –63 – “A gente vai pra muitos lugares. É bonito, tudo é bonito”
5. Maria – 67 – “Eu acho muito bom, por que a partir de uma certa idade a gente perde a noção das coisas, então indo pro baile a gente se diverte, encontra os amigos, a vida da gente não fica parada ela continua. A gente vê fulano vai pro baile, fulano vai nisso, e a gente pensa será que eu também posso? Eu posso sim, eu tenho que pensar que eu também tenho condições de fazer. Tem que ir pro baile, participar, dançar procurar amigos e amigas, senta numa roda, toma uma cervejinha, um refrigerante quem não pode, mas sempre têm alguma coisa sobre o baile. O baile te anima, te deixa mais jovem tu não vai se sentar nos cantos, e pensar poxa eu não posso mais, eu não quero mais. Eu quero sim, eu quero viver, quero ir pra frente, enquanto eu posso caminhar eu posso falar, eu tenho que agradecer a Deus e mostrar pros outros.”

6. Ilda –07/11/41 – “a gente gosta, ficar em casa não é bom, tem que participar. A gente vê as amigas de anos atras, de quando a gente era jovem.
7. Milla – 64 – “porque é bom pra se divertir, é lindo, pra se divertir.”
8. Maria N. – 60 – “Porque antigamente, a gente quase não podia ir. Agora têm essa oportunidade, porque não aproveitar. Eu adora as pessoas, conhecer outras pessoas, se divertir, dançar, é bom participar disso.”
9. Nilva – 89 – “vir pra olhar, às vezes eu não vou mas eu gosto de vir pra olhar.”
10. Rui –63 – “é uma diversão pros idosos, é uma animação. Todo mundo gosta, é um divertimento. Todo mundo anda parado, sem o baile fica tudo apagado.”
11. Ema – 64 – “eu adoro, porque é melhor do que ficar sentado em casa. E uma coisa é a física que a gente faz, é pro bem da saúde. Quando morreu meu marido eu fiquei 4 anos sentada em casa, e ví que ia pro fim desse jeito, então comecei a ir pros bailes.
12. Antônio – 69 – ”eu sempre levo as pessoas, é divertido, as pessoas dessa idade não vão muito longe, ea gente vai aproveitar a vida assim. “
13. Lori – 65- “ eu gosot muito dos idosos, a gente gosta de se divertir, a gente já é velho, mas gosta de se divertir.
14. Ivo – 67 – “eu acho bonito, todos vêm de diversas localidade, e a gente conhece bastante pessoas diferentes. A gente encontra os parente, é bonito.”
15. Iracema – 60 – “é uma diversão, pra não ficar sempre em casa.”
16. Celma – 65 – “porque é bonito, a gente gosta de se divertir.
17. Eugênio – 62 – “porque é uma diversão, uma diversão boa pras pessoas, além de diversão é uma física. E antes a gente só trabalhava, eu passei a minha vida sempre trabalhando muito, quando eu era jovem não tinha muito divertimento, era muito pouco, por isso a gente gosta de participar, é muito bom.
18. Elvira – 60 – “a gente se diverte, faz uma ginástica, é muito bom, aproveitar né.”
19. Maria – 63 – “é uma coisa alegre, feliz eu gosto de comparecer, todos unidas, todas as amigas, eu gosto.”
20. Lenira – 75 – “gosto porque moro sozinha, pra ter um divertimento, participo também do grupo de danças.”
21. João – 66 – “eu vou porque gosto de dançar”
22. Anselmo – 68 – “é por que a gente gosta, é uma diversão.”

23. Elvira 69 – “por causa que a gente se diverte, eu gosto de dançar, é um dia que a gente passa bem contente”.
24. Anselma – 71 – “é melhor porque a gente se diverte do que ficar sentada em casa. É melhor a gente se divertir.”
25. Helene – 28/02/42 – “eu estou mais alegre, eu sou sozinha, agora sou mais alegre, nosso divertimento é ir pro baile, participo de um grupo de danças, vamos pra diversos lugares nos bailes, é a nossa alegria.
26. Leni – 28/09/40 – “eu fiquei mais de 20 anos em casa, sem ir pra baile, já era separada, e comecei a participar dos GCs da prefeitura. De tarde tinha baile, comecei a ir e gostei, e agora eu vou pra me divertir, eu gosto de me divertir. Até tive um romance nos baile que durou mais ou menos 1 ano, agora estou sozinha mas se surgir outro causo, não digo que não, amor não tem idade né?
27. Maria – 02/07/43 – “Venho pra me divertir, distrair, viver, porque a vida é muito importante. Gosto de dançar bastante.
28. Hilda – 09/09/41 – “Gosto demais, adoro dançar, me divertir, arrumar um namoradinho, tenho um a cada baile...gosto de dançar, faço muitas amizades, muitos amigos.”
29. Hilda – 04/07/50 – “Faz bem pra saúde, a gente vive mais alegre, sempre tem um motivo pra encontrar os amigos. A gente faz amigos nos lugares onde vamos, às vezes fica 2 anos sem ver depois se encontra de novo. Pro Stress é o melhor remédio. Se eu danço bastante não tenho tanta dor nas pernas, se danço pouco já tenho mais dor, é bom pra saúde. E sempre é um prazer estar no meio do pessoal, dos amigos
30. Eni – 10/10/33 – “dançar, eu gosto muito. Alegre, faz bem pra saúde, quanto mais alegre a gente fica, é bom pro espírito da gente. Faz uns 5 anos que participo, mudou muito minha vida, agora estou alegre, alegre mesmo, antes eu era triste, depressiva.”
31. Lúcia – 07/07/42 – “a gente conhece tantas pessoas diferente, de lugares diferentes, faz amizades com pessoas diferentes. Gosto de dançar, até hoje nós aprendemos danças diferentes.
32. Professor Daniel – nesses encontros, eles encontram seus amigos, têm oportunidade de ser elas mesmas, sem o preconceito que a comunidade tem de que a Terceira Idade só atrapalha, só serve para fazer número na

- sociedade. Elas estão muito alegres, surge o sentimento de que elas ainda são úteis, que elas estão passando seus conhecimentos para outras pessoas.
33. Maira – 17/02/29 – “Todo mundo vai, eu estou satisfeita com o baile, o baile é bom pra saúde, a gente se diverte.
34. Alfredo – 29/10/30 – “é bom pra se divertir, gosto de dançar.”
35. Anila – 13/06/29 – “pra me divertir.”
36. Hilga – 21/07/26 – “eu vou junto, pra olhar os outros dançar, gosto de estar junto com os amigos.”
37. Elcira – 11/08/33 – “eu acho bonito, eu gosto.”
38. Helga – 72 – “eu gosto, faz muito bem, é uma alegria se juntar com as amigas.”
39. Lori – 20/11/42 – “pra me divertir, me distrair.”
40. Alzira – 15/12/30 – “é um motivo pra gente se divertir na nossa idade. Acho muito bom esses bailes, gosto de me apresentar nos bailes. Eu sinto uma alegria, me anima pro próximo baile.”
41. Rosália – 14/11/23 – “Gosto de dançar, brincar com os outros.”
42. Herta – 12/07/31 – “Eu gosto de tudo, eu gosto de me divertir, de viver.”
43. Rosilda – 82 – “Gosto de dançar, isso me faz bem.
44. Rodolfo – 30/12/26 – “passar as horas, a gente toma uma cervejinha, conversa com os amigos, é uma coisa boa.”
45. Fátima – 21/02/43 – “eu gosto, sempre eu estou sozinha, e aqui eu danço com as pessoas, aproveito a minha vida.
46. Hedi – 76 – “pra me divertir, pra dançar.”
47. Lori – 64 – “nosso grupo de dança sempre vai , isso é um divertimento pros velhinho, antigamente não tinha isso, agora é melhor.”
48. Hedi – 11/05/35 – “eu gosto porque eu sofri muito, nunca tive oportunidade. Hoje meus filhos são casados, eu tenho minha casa própria, e eu saio quando quero, eu tenho muitas amigas queridas, todas me querem bem, porque eu também gosto delas. Eu gosto muito de me divertir, gosto de dançar, gosto de tudo que é bom e bonito, sou uma pessoa feliz. Sou viúva, tenho 69 anos, e agora eu tenho tempo pra me divertir.”
49. Helda – 16/05/36 – “gosto de me divertir, dançar conversar com as amigas.”
50. Júlia – 1929 – “pela minha idade, pelas companhias, estar junto com as minhas idades.”

51. Adão – 76 – “a gente sempre participo, porque é bom, se diverte.”
52. Iedi – 11/05/42 – “é divertido, atrai as pessoas da terceira idade, eu gosto de vir.”
53. Schardon – 21/04/41 – “a gente que está nessa idade, tem que aproveitar os dias que ainda vive. A gente dança toma uma cervejinha, têm grandes amizades, os companheiros juntos.”
54. Otávio – 06/01/38 – “porque eu gosto da Terceira Idade. É um divertimento bom, a gente tem que se divertir um pouco. Os idosos hoje se divertem né, é muito bom até pra saúde.
55. Saula – 77 – “Gosto por causa dos amigos, dos vizinhos.”
56. Evaldo – 23/11/32 – “o que mais me motiva é a música de antigamente. É uma alegria.”
57. Cida – 20/12/36 – “É bom, pra dançar, sair, não ficar sempre em casa.”
58. Vilmar - 68 anos – “Por que isso aqui é um clube que a gente tem que levar a amizade e amigo. Baile dos idosos não pode dar briga. Tem que ter liberdade pra se divertir. Nosso baile dos idosos é divertido, tudo amizade. Nos bailes dos jovens tem maconha, cocaína e briga, até se matam no salão. Nós não entramos com respeito saímos com respeito e amizade pra vida toda.
59. Norberto – 07/10/39 – “a mesma música de quando a gente era jovem. Os bailes dos jovens só tem barulho.”
60. Clair – 06/06/45 – “porque a gente se diverte, bastante. Eu gosto das danças, passar o tempo.
61. Edvino – 22/10/34 – “a gente fica sempre em casa não dá, e é um divertimento pros idosos que surgiu à poucos anos, e a gente tem que aproveitar esses anos que ainda temos.
62. Eva – 06/03/28 – “sair de casa, se divertir um pouco. Ficar sozinha em casa, já faz anos que meu marido faleceu. Eu não falto um baile, vou junto pra me divertir, conversar com os amigos e parentes e ver os lugares pra onde a gente vai.
63. Célia – 02/06/51 – “eu também sou viúva, à 20 anos. Eu saio com a Terceira Idade pra me divertir.”
64. Marta – 21/02/17 – “eu vou pra viver bem.”
65. Norma – 04/03/42 – pra se divertir um pouco.

66. Ida – 32/05/30 – “eu gosto de olhar como os outros se divertem. Não posso dançar porque estou de luto, faz 7 meses que meu genro faleceu.”
67. Anilda – 20/04/34 – “Gosto mais de olhar, como eles dançam, gosto de ver como os outros estão se divertindo”.
68. Herbet – 76 anos – “sou agricultor desde a infância, a gente vai pros bailes porque tem um pouco de vocação musical, e gosta da companhia dos amigos e amigas. A gente dança, dança muito bem ainda.
69. Dario – 23/01/31 – “é uma terapia, vir aqui é uma saúde. O que eu faria hoje se não fosse ir ao baile. Sou viúva e conheci uma outra companheira no baile, já estamos juntos 2 anos.
70. Ledi – 1949 – “é uma oportunidade que a gente tem de sair de casa se divertir.”
71. Asta – 25/03/47 – “porque eu adora muito. Não tem aquelas malandragens dos jovens, a gente se diverte muito, tem as músicas da época da gente.
72. Íris – 28/12/39 – “eu gosto da confraternização, a gente conhece pessoas, gosto de dançar, gosto das músicas.
73. Helmo – 19/10/42 – “curtir os últimos dias da vida, todas as comunidades se unem cada vez mais. Têm convites de várias comunidades, e todos se unem, cada grupo faz seu baile, e recebe os outros. Se o grupo não vai pros bailes, também não ganha a visita destes no seu baile.
74. Iria – 25/09/43 – “é muito divertido, a gente se encontra com os amigos, é uma física, é muito bom, bom mesmo.”
75. Eugênio – 88 anos – “é divertido, encontra muitos amigos. Somos os reis do grupo, e a gente vem convidar os grupos daqui pro nosso baile.
76. Herta – 69 anos – “pra ver como os outros se divertem, eu não danço mais, porque meu marido faleceu e perdi uma filha. Agora não danço mais, me divirot assistindo.
77. Erna – 67 anos – “gosto pra se divertir,.”
78. Vilma – 60 anos – “gosto pra me divertir, tomar uma cervejinha”
79. Elza – 65 anos – “eu gosto de ir junto, porque é uma alegria, uma festa.”
80. Rodolfo – 23/06/39 – “eu gosto porque a gente sempre tá em casa, não sai. E aqui a gente vê muita gente, os parentes, hoje eu ví um que fazia 30 anos que não via mais, isso é uma grande alegria”.

81. Aremínio – 73 anos – “é muito gratificante, é saudável, eleva a auto-estima, é saudável, nossos antepassados não tiveram isso aqui, acho que eles teriam vivido mais. Eu me sinto como um garoto, com essa idade, eu acho que vou viver bem mais.
82. Loni – 28/12/1936 – “isso é uma participação pra gente se divertir. E a gente sempre tava sentado em casa, de noite não sai mais. E agora tem esse baile, se a gente não participa não tem graça.
83. Rita – 12/07/44 – “antes eu tava muito em casa, sem fazer nada, e aqui é muito divertido. Os parentes a gente se encontrava só nos enterros. E com o baile, a gente pode encontrar os amigos e os parente em festas, não só nos enterros. Eu encontro muito parente e amigo nos bailes que eu não encontrava assim.
84. Erno – 05/02/1937 – “é um divertimento. É Bonto, a gente encontra os amigos, amigos antigos que a gente não conhece mais, no baile da Terceira Idade todo mundo se encontra.
85. Herta – 13/10/ 40 – “outro divertimento a gente não têm, têm que participar.
86. Anita – 77 anos - Antigamente a gente não podia sair pra dançar, se divertir, era muito pobre, tinha que trabalhar. Agora que a gente ganhou a aposentadoria, começamos a ir pros bailes. Como é bonita a vida agora, nunca deve parar.

ANEXO G - tabelas e quadros

TABELA 1 - Percentagem da População Total por grupos etários específicos

	1975			2000			2025		
	0-14 anos	15-24 anos	> 60 anos	0-14 anos	15-24 anos	> 60 anos	0-14 anos	15-24 anos	>60 anos
Total Mundial	36,90	18,60	8,50	30,60	17,30	9,80	24,80	15,80	14,20
Regiões mais Desenvolvidas	24,20	16,90	15,40	18,70	13,50	19,20	17,10	11,60	26,40
Regiões menos Desenvolvidas	41,30	19,20	6,10	33,40	18,20	7,60	26,10	26,50	12,10
África	44,80	19,10	4,90	43,20	19,60	5,00	35,70	19,50	6,50
Ásia	39,90	19,00	6,60	30,80	17,60	8,60	23,30	15,50	14,00
Europa	23,70	16,40	16,40	18,00	13,80	20,00	16,30	11,30	26,70
América Latina	41,10	19,70	6,40	31,80	19,00	8,10	23,60	15,60	14,20
América do Norte	25,30	19,00	14,60	21,70	13,30	16,30	19,60	12,60	24,40
Oceania	31,00	18,00	11,10	25,50	15,20	13,10	22,20	14,20	18,90

Fonte: UNITED NATIONS CENTRE FOR HUMAN SETTLEMENTS, 1996

TABELA 2 - População Total, População De Idosos Por Faixa Etária E Por Sexo - Brasil

	População BRASIL	Populaçã o Idosos	Idosos %	60 a 64 anos	65 a 69 anos	70 a 74 anos	75 a 79 anos	80 Anos ou+
TOTAL 1970	93.134.846	4.763.570	5,11	1.816.849	1.244.288	822.139	429.044	451.250
Homens	46.327.250	2.312.699	4,99	913.836	618.249	396.058	199.181	185.375
Mulheres	46.807.596	2.450.871	5,24	903.013	626.039	426.081	229.863	265.875
TOTAL 1980	119.011.052	7.226.805	6,07	2.438.049	2.032.647	1.328.379	837.127	590.603
Homens	59.142.833	3.442.127	5,82	1.183.799	984.162	633.195	381.351	239.620
Mulheres	59.868.219	3.804.678	6,36	1.254.250	1.048.485	695.184	455.776	350.983
TOTAL 1991	146.825.475	10.722.705	7,30	3.636.858	2.776.060	1.889.918	1.290.218	1.129.651
Homens	72.485.122	4.931.425	6,80	1.715.601	1.308.343	872.424	575.738	459.319
Mulheres	74.340.353	5.791.280	7,79	1.921.257	1.467.717	1.017.494	714.480	670.332
TOTAL 2000	169.799.170	14.536.029	8,56	4.600.929	3.581.106	2.742.302	1.779.587	796.071
Homens	83.575.151	6.533.784	7,82	2.153.209	1.639.325	1.229.329	780.571	302.849
Mulheres	86.224.019	8.002.245	9,28	2.447.720	1.941.781	1.512.973	999.016	493.222

Fonte: IBGE, 2003

TABELA 3 - Estimativa da população por município, sexo, Rio Grande do Sul, 2003

Municípios	Homen	Mulhere	Total	Idosos	%
Rio Grande do Sul	5.151.7	5.360.50	10.512.2	1.133.81	10,79
Região do Vale do Taquari	156.23	157.417	313.656	39.117	12,47
Anta Gorda	3.134	3.142	6.276	956	15,23
Arroio do Meio	8.791	8.791	17.522	2.074	11,84
Arvorezinha	5.258	5.177	10.435	1.165	11,16
Bom Retiro do Sul	5.571	5.545	11.116	1.165	11,40
Canudos do Vale	1.052	1.022	2.072	223	10,75
Capitão	1.382	1.247	2.629	372	14,15
Colinas	1.202	1.175	2.377	521	21,92
Coqueiro Baixo	795	750	1.545	286	18,51
Cruzeiro do Sul	5.951	5.968	11.919	1.495	12,54
Dois Lajeados	1.614	1.586	3.200	509	15,91
Doutor Ricardo	1.105	1.056	2.161	389	18,00
Encantado	9.200	9.738	18.938	2.395	12,65
Estrela	13.768	14.241	28.009	3.302	11,79
Fazenda Vilanova	1.700	1.661	3.361	418	12,44
Forquetinha	1.352	1.409	2.762	263	9,53
Ilópolis	2.221	2.209	4.430	519	11,72
Imigrante	1.611	1.600	3.211	637	19,84
Lajeado	30.893	32.179	63.072	5.926	9,40
Marques de Souza	2.132	2.102	4.234	797	18,82
Mato Leitão	1.678	1.677	3.355	432	12,88
Muçum	2.318	2.497	4.815	854	17,74
Nova Bréscia	1.549	1.445	2.994	538	17,97
Paverama	3.966	3.822	7.778	1.119	14,37
Poço das Antas	962	924	1.886	315	16,70
Pouso Novo	1.148	1.055	2.203	347	15,75
Progresso	3.297	3.066	6.363	764	12,01
Putinga	2.281	2.151	4.432	695	15,68
Relvado	1.029	1.032	2.061	443	21,49
Roca Sales	4.753	4.724	9.477	1.612	17,01
Santa Clara do Sul	2.487	2.468	4.955	673	13,58
Sério	1.368	1.269	2.637	384	14,56
Tabaí	2.129	1.973	4.102	545	13,29
Taquari	12.966	13.425	26.391	2.921	11,07
Teutônia	11.734	11.765	23.499	2.623	11,16
Travesseiro	1.211	1.123	2.334	425	18,21
Vespasiano Corrêa	1.196	1.034	2.230	406	18,21
Westfália	1.435	1.429	2.864	507	17,70

FONTE: FEE – Fundação de Economia e Estatística, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2004.

TABELA 4 - Estimativa da população idosa por município, sexo, Rio Grande do Sul, 2003

Municípios	60 a 64 anos		65 a 70 anos		70 anos ou +		Total	%
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	idosos	idosos
Rio Grande do Sul	162.587	189.586	127.394	158.870	193.921	301.459	1.133.817	10,79
Vale do Taquari	5.559	6.228	4.504	5.373	6.966	10.487	39.117	12,47
Anta Gorda	148	146	114	121	162	265	956	15,2
Arroio do Meio	272	333	235	294	385	555	2.074	11,8
Arvorezinha	175	180	135	155	219	301	1.165	11,1
Bom Retiro do Sul	175	214	140	191	232	315	1.165	11,4
Canudos do Vale	35	36	31	30	40	51	223	10,7
Capitão	46	65	39	58	78	86	372	14,1
Colinas	69	67	61	65	105	154	521	21,9
Coqueiro Baixo	42	45	34	40	56	69	286	18,5
Cruzeiro do Sul	221	250	174	203	244	403	1.495	12,5
Dois Lajeados	71	73	61	71	90	143	509	15,9
Doutor Ricardo	60	63	43	55	68	100	389	18,0
Encantado	319	381	255	335	418	687	2.395	12,6
Estrela	440	525	359	465	568	945	3.302	11,7
Fazenda Vilanova	65	60	50	57	69	117	418	12,4
Forquetinha	38	45	30	38	43	69	263	9,53
Ilópolis	75	69	68	64	92	151	519	11,7
Imigrante	90	96	71	82	117	181	637	19,8
Lajeado	866	1.025	681	867	944	1.543	5.926	9,40
Marques de Souza	125	120	103	98	139	212	797	18,8
Mato Leitão	60	79	44	64	75	110	432	12,8
Muçum	124	136	108	98	151	237	854	17,7
Nova Bréscia	80	81	64	75	110	128	538	17,9
Paverama	164	149	151	148	219	288	1.119	14,3
Poço das Antas	40	49	44	44	51	87	315	16,7
Pouso Novo	58	60	45	51	57	76	347	15,7
Progresso	130	120	114	95	136	169	764	12,0
Putinga	96	105	69	95	139	191	695	15,6
Relvado	60	72	53	63	78	117	443	21,4
Roca Sales	203	232	170	218	328	461	1.612	17,0
Santa Clara do Sul	93	101	77	91	118	193	673	13,5
Sério	61	66	48	55	68	86	384	14,5
Tabaí	89	80	83	69	90	134	545	13,2
Taquari	417	486	311	388	528	791	2.921	11,0
Teutônia	366	424	278	352	484	719	2.623	11,1
Travesseiro	61	63	52	58	81	110	425	18,2
Vespasiano Corrêa	54	54	54	55	88	101	406	18,2
Westfália	71	78	55	65	96	142	507	17,7

FONTE: FEE – Fundação de Economia e Estatística, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2004.

TABELA 5 – Taxas Totais do Brasil de fecundidade, mortalidade, natalidade e esperança de vida ao nascer

	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000
Fecundidade	6,2	6,2	6,3	5,8	4,4	2,9	2,3
Mortalidade (nº mortes/1000 habitantes/ano)	25	21	13	9	8	7,7	6,9
Natalidade	44	44	43	38	31,2	23,4	21,2
Esperança de vida ao nascer	42	46	52	54	54	60	68

FONTE: IBGE, Censo Demográfico 1940-2000.

QUADRO 1 – Datas e turnos de visitas realizadas por município

Municípios	Turno	Data	Municípios	Turno	Data
Anta Gorda	Tarde	15/08/03	Mato Leitão	Manhã	12/09/03
Arroio do Meio	Tarde	22/07/03	Muçum	Manhã	18/08/03
Arvorezinha	Manhã	19/08/03	Nova Bréscia	Tarde	16/09/03
Bom Retiro do Sul	Manhã	28/07/03	Paverama	Manhã	15/09/03
Canudos do Vale	Manhã	08/10/03	Poço das Antas	Tarde	26/09/03
Capitão	Tarde	04/08/03	Pouso Novo	Manhã	09/10/03
Colinas	Manhã	07/08/03	Progresso	Tarde	06/10/03
Coqueiro Baixo	Manhã	07/10/03	Putinga	Tarde	28/10/03
Cruzeiro do Sul	Tarde	28/08/03	Relvado	Manhã	16/09/03
Dois Lajeados	Manhã	15/08/03	Roca Sales	Tarde	25/08/03
Doutor Ricardo	Manhã	12/08/03	Santa Clara do Sul	Manhã	29/07/03
Encantado	Manhã	08/08/03	Sério	Manhã	28/08/03
Estrela	Tarde	29/07/03	Tabaí	Manhã	03/12/03
Fazenda Vilanova	Tarde	09/09/03	Taquari	Manhã	26/09/03
Forquetinha	Tarde	08/09/03	Teutônia	Manhã	09/09/03
Ilópolis	Tarde	29/09/03	Travesseiro	Tarde	20/08/03
Imigrante	Tarde	07/08/03	Vespasiano Correa	Tarde	18/08/03
Lajeado	Manhã	01/08/03	Westfalia	Manhã	15/09/03
Marques de Souza	Manhã	02/10/03			

QUADRO 2 – Datas de participação de bailes, número de participantes, por município, número de idosos entrevistados, nos bailes, por sexo, por município

Municípios	Micro-Região	População participante	Idosos Entrevistados	Homens	Mulheres
1.Anta Gorda	Norte	250	37	5	32
2.Arroio do Meio	Centro-oeste	1.300	43	21	22
3.Colinas	Centro	585	87	23	64
4.Fazenda Vilanova	Sul	450	59	20	39
7.Muçum	Leste	350	47	18	29
8.Travesseiro	Oeste	360	35	11	24
5.Forquetinha	Menor população	300	30	9	21
6.Lajeado	Maior população	504	58	19	38
Total			396	126	269

QUADRO 4 –Número de GCs e população participante por município

Municípios	GCs	Id. Participantes	Municípios	GCs	Id.Participantes
Anta Gorda	27	952	Mato Leitão	5	350
Arroio do Meio	18	1.600	Muçum	1	120
Arvorezinha	1	100	Nova Bréscia	4	450
Bom Retiro do Sul	4	190	Paverama	1	50
Canudos do Vale	5	260	Poço das Antas	3	266
Capitão	4	300	Pouso Novo	2	60
Colinas	4	350	Progresso	2	115
Coqueiro Baixo	5	290	Putinga	1	120
Cruzeiro do Sul	6	473	Relvado	3	280
Dois Lajeados	6	180	Roca Sales	1	400
Doutor Ricardo	4	120	Santa Clara do Sul	5	500
Encantado	10	650	Sério	2	145
Estrela	26	1.100	Tabaí	1	60
Fazenda Vilanova	3	90	Taquari	3	60
Forquetinha	2	222	Teutônia	13	800
Ilópolis	1	100	Travesseiro	8	400
Imigrante	4	350	Vespasiano Correa	1	50
Lajeado	24	2.100	Westfalia	4	300
Marques de Souza	3	190			
			Total	214	14.143

QUADRO 3 – Documentos entregues por município

Documentos Entregues:	Atas	Projetos	Relatórios	Outros
Município	Categorias	Categorias	Categorias	Categorias
1. Anta Gorda	-----	-----	-----	-----
2. Arroio do Meio	-----	-----	2003 - ADH; AI;	-----
3. Arvorezinha	2003 – ADH; AEF; AI 2002 – AI	-----	-----	-----
4. Bom Retiro do Sul	-----	-----	-----	-----
5. Canudos do Vale	-----	2003 – ADH, AEF	-----	-----
6. Capitão	2001 – ADH; AEF; AI 2002 – ADH; AEF; AI 2003 – ADH; AEF, AI	2001 – GC – VE R\$980,00 VM R\$ 245,00	-----	-----
7. Colinas	-----	-----	-----	-----
8. Coqueiro Baixo	2001 – ADH; AEF; AI	-----	-----	-----
9. Cruzeiro do Sul	-----	-----	-----	-----
10. Dois Lajeados	2002 – ADH; AI	-----	-----	Lei municipal que institui o fundo Municipal de Assistência Social e o Conselho da AS
11. Doutor Ricardo	-----	2003 VF – R\$ 1.166,40 VM – 32,99 ADH, AEF, AI	-----	-----
12. Encantado	-----	2003 VF – R\$ 12.150,00 VM – R\$ 2.430,00	2001 – ADH, AI 2002 – ADH, AI, AEF 2003 – ADH, AI, AEF	-----
13. Estrela	-----	-----	2001 –2003 – ADH, AEF, AI	-----
14. Fazenda Vilanova	-----	-----	-----	-----
15. Forquetinha	-----	-----	2003 – ADH, AI	Construção de sede
16. Ilópolis	-----	2001 E 2002 VE – R\$1.170,00 VM – R\$292,50 2001-2003 VF – R\$5.346,00 VM – R\$1.336,00	2001-2003 – ADH, AI	-----
17. Imigrante	-----	-----	-----	-----
18. Lajeado	-----	2001 à 2003 VE, VM e VF ADH, AEF, AI	2001 e 2002 – ADH, AEF, AI	-----
19. Marques de Souza	-----	-----	-----	-----
20. Mato Leitão	-----	2001 – VE – R\$1.000,00 VM – R\$ 250,00 ADH, AI	-----	-----
21. Muçum	-----	-----	2003 – ADH, AI, AEF	Folders municipais– coral calendário de eventos -
22. Nova Bréscia	-----	-----	-----	-----
23. Paverama	-----	-----	-----	-----

Documentos Entregues:	Atas	Projetos	Relatórios	Outros
Município	Categorias	Categorias	Categorias	Categorias
24. Poço das Antas			2002 – Assistência Social: VE –R\$ 1.155,00 VM – R\$1.137,74	
25. Pouso Novo	2001 – ADH	Encaminhou ao Estado em 2003	2003 - AEF	
26. Progresso	2002 – ADH, AI 2003 – ADH, AI	VE – R\$400,00		
27. Putinga				Cronograma mês 10/03 – ADH, AF, AI
28. Relvado		2001 VE R\$ 1.050,00 VM R\$ 262,50 2003 VF – R\$ 7.047,00 VM - R\$1.409,40	Assistência Social – ADH, AEF, AI	Plano Plurianual de Assistência Social – 2002 à 2005 ADH, AEF, AI
29. Roca Sales				
30. Santa Clara do Sul	2001 À 2003 – ADH, AI, AEF			Cronograma 2003 ADH, AI
31. Sério			2001 – ADH, AI 2002 – ADH, AI	
32. Tabaí				
33. Taquari				
34. Teutônia			2002 – ADH, AEF, AI 2001 – ADH, AI	
35. Travesseiro			2001 –2003 – ADH, AEF	
36. Vespasiano Corrêa				
37. Westfália				Folder – 2ª semana do idoso – 2003 – ADH, AI

Legenda:

ADH - Atividades de Desenvolvimento Humano

AEF - Atividades Educação Físicas

AI - Atividades de Integração

VF- Verbas Federais

VM - Verbas Municipais

VE - Verbas Estaduais

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**POLÍTICAS DE LAZER PARA OS IDOSOS NA REGIÃO DO
VALE DO TAQUARI: UM ESTUDO DESCRITIVO DOS GRUPOS DE
CONVIVÊNCIA E BAILES DA TERCEIRA IDADE**

Alessandra Brod

Porto Alegre, novembro de 2004